3 1761 07045021 8

PQ
9261
C3A16
1905

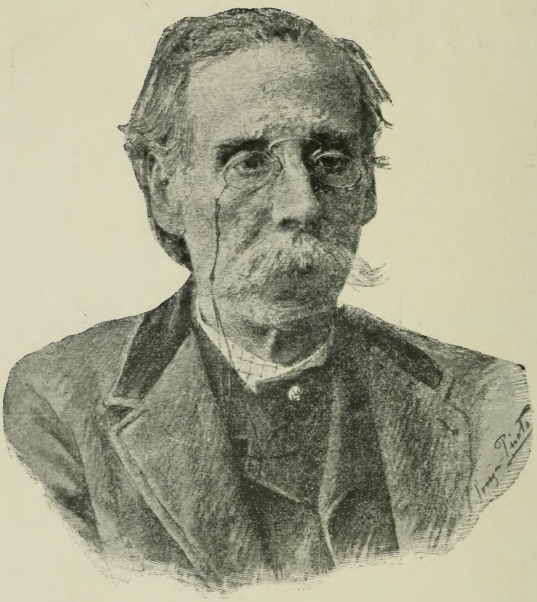
I

21

Rapsodia Camilliana

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/rapsodiacamillia00cast



ANTONIO JOAQUIM

Rapsodia Camilliana

Com um prefacio de José Pereira de Sampaio (Bruno)

PORTO
Livraria de Alfredo Barbosa de Pinho Lousada — Editora
48, LARGO DOS LOYOS, 50
(Em frente á rua dos Caldeireiros)

D'ESTA EDIÇÃO FEZ-SE UMA TIRAGEM ESPECIAL
DE 58 EXEMPLARES EM PAPEL DE LINHO NACIONAL,
IN-4.º GRANDE, DEVIDAMENTE NUMERADOS

PQ
9261
C3A16
1905

LIBRARY
MAR 14 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Porto: Imprensa Nacional--Rua da Picaria, 35

Ao Ill.mo e Ex.mo Sr.

Dr. Alfredo Sousa

Distincto advogado portuguez na cidade de Belem — Pará

Dedica a presente edição

O Editor.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Coincide a publicação d'este livro com a vespera da partida de V. Ex.ª e de sua Ex.ma esposa para o Pará, onde V. Ex.ª, como aqui, como em toda a parte, conquistou um amigo em cada pessoa que teve a honra de conviver, pouco ou muito, com V. Ex.ª Deixar, pois, de offerecer-lhe, n'esta occasião, uma lembrança do muito que lhe sou devedor, seria improprio de amigo favorecido.

Objecto de maior valia era meu desejo offertar-lhe; mas, humilde como é, vae n'elle toda a sympathia e gratidão de um dos maiores admiradores do seu talento e da sua firmeza de caracter.

Perdôe V. Ex.ª se, com tal offerta e com a incorrecção d'estas palavras, vae melindrar a sua muita modestia quem novamente se confessa

De V. Ex.ª
amigo dedicado e agradecido

5/8/905.

Alfredo Barbosa de Pinho Lougada.

PREFACIO

Antonio Joaquim foi o mais que muito humilde pseudonymo que adoptára para n'este livro se rebuçar, perante a curiosidade do publico inquiridor, um jornalista que (fallecido precisamente na vespera da data d'este modesto proemio) o fòra com distincto brilho n'esta terra onde, com e sem o rebuço que me acompanha a firma, tambem eu, depois d'elle e ainda a quando a elle, tenho jornalistisado; de maneira que, por isso e pelo restante, me pareceu que me não iria bem esquivar-me ao honroso encargo de preceder o contexto d'este volume com algumas linhas preambulares, méramente expositivas, pois que de interpretação não careça o afan que houve em organisar este trabalho, que de si se explica.

Pensou *Antonio Joaquim,* e asizadamente pensou, que não seria tempo perdido aquelle que se dispen-

desse em colleccionar uma selecta de trechos idoneos de Camillo Castello Branco, attinentes ao scopo visado, de marcarem especificamente as complexas aptidões realisadoras do grande prosador, capaz de exprimir na fórma artistica rigorosamente adequada as modalidades varias e multiplas do sentir humano, desde a inquietação ineffavel do amor innocente até á venenosa furia do ciume criminal, assim sarcastico e satyrisador como desatando a reprimida emoção em caudaes de piedosas lagrimas.

Leitor intelligente e assiduo de seu mestre, que fòra tambem seu amigo, *Antonio Joaquim* encontrava-se nas condições exigiveis, quaes as de escolher com acerto e dispôr com ordem, o que levou a cabo com assignalavel exito, roborado até pelo escrupulo com que acompanhou de notas proprias aquellas passagens que menos claras se antolhassem ao leitor de hoje, falto de noticia historica sobre feições do viver portuense já delidas com o tempo ou sobre personalidades cuja memoria um tanto se ennevoou ou sumiu.

Assim, pois, crédòra se tornava a collecção, tam amorosamente enfeixada por *Antonio Joaquim,* de deparar editor que, expondo-a nos mercados portuguezes e brazileiros, a submettesse á sentença definitiva do povo culto dos dois paizes. Da tarefa se fez cargo a livraria Lousada, do Porto, e com brio se desempenhou de seu compromisso, visto que a parte material não desluz, antes concorre ao fito que houve em mira.

Caso se quizesse incorrer no engano de adduzir modêlos lá-de-fóra para legitimar o que não precisa de justificação — visto como pecha antiga de portuguezes seja menoscabar o proprio e enaltecer o alheio —, não seria necessario emprehender no proposito longas caminhadas, porquanto de bem proximo nos despontaria o exemplo com a edição que em Paris e em data recente se levou a effeito de trechos diversos extractados, para particular tomo, de toda a obra de Victor Hugo, d'ess'arte facilitada á comprehensão e ao gosto de todas as classes sociaes em França.

O mesmo effectuou entre nós, para com Camillo Castello Branco, o collector do presente volume, e com maestria logrou que sua iniciativa cabalmente se preenchesse.

Aqui se encontram as laudas typicamente demonstrativas: essa do supplicio da marqueza de Tavora, cuja calculada, sábia sobriedade mais convulso torna o arripio do horror; ess'outra dos preparativos homicidas do «Alma-negra», cuja impulsividade amoral a espaços se alumia das fulgurações perversas d'um realismo shakspeareano; ainda nos freme n'alma o espanto, e já nos sacode e turva o cynismo bandidesco da malta de Luiz Meirinho, tam intensa é a pujança dramatica do talento do romancista. Que destaque, quanta côr na anciedade, do quadro forte da «morte do lobo»! E que movimento e garbo, quanta ironia e quanta poesia no pequeno primôr titulado: *Como ella o amava!*

Sem embargo, eis como, suave, nos ameiga a transparencia tocante das tintas no idyllio de Guilherme e Cacilda; e toda a descripção é um mimo de encanto rustico, mixto saudoso de doçura e frescura, scismadora e alheada. Porém logo a musa tragica severamente de novo nos empolga e nos obriga á aspera lição que dimana das admoestações historicas, como quando se nos aponta em uma dedada sanguinolenta a cruciante dôr do pae de Fr. Diogo da Assumpção ou como quando o impeto indignado disfarça o effeito cruel sob o artificio da procurada evasiva verbal no conspecto do quadrilongo infamante da memoria do «preceptor infeliz».

A intermittentemente despreoccupada alegria folhetinistica aqui quasi que a topareis á solta casquinando desimpedidos remoques ora á circumspecção porvindoura dos janotas portuenses, ora á physiologica positividade das meninas do Porto, sentimentaes devoradoras de enfiadas de *sandwichs;* mas transitorio, falso, pungitivo riso é esse como o de quem deante dos olhos do espirito prefere a advertencia da visão da morte; o mesmo abominavel espectro do suicidio hediondamente perpassa, á lutulenta laia de esgar de pesadêlo.

Todavia, a seducção da vida permanentemente reclama e requer. Assim, uma burguezia pacata galhardamente empaveza as gondolas primevas da romagem rio acima até Sant'Anna d'Oliveira; assim, uma plebe avinhada estua e cachôa, na alamêda de Miragaia, a sua affeição bulhenta ao grave clavicu-

lario das celestes portas, que sorri compassivo, na sua indemne gloria, dos excessos mundanos e simples de seus toscos devotos.

Quer todo este informe pardo ás brilhantes paginas que seguem definil-as como um resumo pittoresco e vivaz da sentimentalidade extincta e da sociabilidade passada; ellas rememoram aos que viram e suggerem aos que imaginam; alternadamente, ellas satisfazem á tristeza vaga da reminiscencia, como ao interesse preciso da curiosidade outrosim se não furtam.

E parallelamente ao saber e á critica fornecem amostra abastante do vasto conhecimento que possuia Camillo Castello Branco, quer das minuciosidades da historia nacional, quer das subtilezas da litteratura dos patrios eruditos, ou até das responsabilidades da acção dos politicos. Sufficiente prova do allegado asserto constaria das passagens, ainda risonhas, qual a concernente á mesa mysteriosa do largo das Carvalheiras, em Braga, ou da que põe em guarda o exaggeradamente confiante na tentação de lindos titulos, ai de nós! abusivos.

Justiceira destaca a inferencia, na originalidade pombalina, para os assás olvidados Verney, Gusmão, Ribeiro Sanches, o frade Cenaculo, o cavalheiro d'Oliveira; e excellentes trechos de apreciações artisticas se nos alcançam, consoante esse juizo, ethico e esthetico, dos sermões do padre Vieira; percucientes analyses psychologicas se nos offerecem sob capa de desattentos humorismos, conforme da notula, tam

exacta e séria na sua apparente leviandade paradoxal, ácerca do influxo do vestuario sobre o intellecto.

Graças, portanto, ás razões produzidas e a outras que não exaro, para que me não acoimem de prolixo, arrastando diffusamente esclarecimentos que mais avultariam, aliás, exhibidos contractos, cuido que, porque o mereça, esta collecção, organisada por *Antonio Joaquim,* conquistará de golpe o favor do publico portuguez e brazileiro, a quem se destina.

Foi Camillo Castello Branco um mestre incontestado da lusitana linguagem, que elle aprendeu perfeitamente não só no cultivo dos classicos, que conhecia com exhuberancia, mas nas fontes oraes, pelo tracto de todas as condições de nossa gente, de modo que sua expressão, de par e passo que é sábia, é ductil, e seu estylo e maneira, vivos, malleaveis e plasticos, affeiçoam-se ás situações exteriores e condizem com as crises intimas, prevalecendo o tom dramatico que se nos revela sempre como o dominante e peculiar, essencial e profundo do subjectivismo d'esse glorioso infeliz, cuja afflicção, em parte, derivou do mesmo manancial recondito d'onde lhe jorrára, connexo, o talento.

Os modêlos, pois, que nas laudas subsequentes se facilitam ao curioso, exonerando-o do emprego de buscas proprias, pertencem, assim, no criterio que os classifique, aos dois generos da litteratura inventiva, ou amena, e da litteratura proveitosa, ou didactica. Consequentemente, a leitura d'este volume não será

tam só aprazivel, como ainda resultará util. E esta palavra fecunda deve ser, como vae ficar sendo, o timbre do fecho. Assim quede.

Porto, 28 de Julho de 1905.

J. Pereira de Sampaio (Bruno).

RAPSODIA CAMILLIANA

Camillo e o seu fiel companheiro

Ha quarenta e tantos annos, Camillo andava sempre acompanhado por um cão grande, da raça qualificada vulgarmente de — *cães do Monte de S. Bernardo*. Era o companheiro inseparavel do Mestre. Ácerca d'esse fiel animal, escreveu o illustre romancista:

«O meu cão é um amigo que nunca me deu um desgosto, um apego que nunca me foi um encargo, uma testemunha que nunca me trahiu. Tenho duvidado da minha alma, estudando o entendimento d'elle. Tenho presumido que o Creador, arrependido de fazer o homem — esta mescla de orgulho e de baixeza, de covardia e de perversidade, de amor e de odio, — creou o ente, que, vaidosamente, chamamos *irracional*, de attributos que nos sensibilisam a alma, levantando-a em raptos de admiração e res-

peito á Omnipotencia que o tirou do barro commum.

«Não ha respeito social que me impeça de vos dizer que tenho nôjo dos homens e dou aos brutos que não ponham gravata nem commenda o grande coração que preciso sagrar a algum affecto.

«Eu afago carinhosamente um gato e choraria se visse pisar uma lesma d'essas que se conservam na sua especie, e não dos outros molluscos que, pelo facto unico da sua posição vertical, teimam em pertencer a uma especie que a zoologia, ainda pobre em classificação, denomina humana.

«Impaciento-me contra os fabulistas que humanisaram os brutos, para dizerem verdades amargas ao homem.

«Havia precisão de injuriar uma raposa, imputando-lhe as astucias atraiçoadas de que é susceptivel o animal carnivoro, que a mata, chamado *homem*, porque a raposa lhe agadanha a gallinha que elle quer comer?

«*Maldito seja o homem que confia no homem!*» são palavras de Jeremias, que viveu ha coisa de 2:000 annos e passou o seu tempo a chorar a torpitude da sua raça, e da nossa, que peorou muito com a excrescencia do contracto do tabaco e do sabão, do cobrador da fazenda, e do conselho de saude.

«O demonio para convivencia é muito melhor sujeito que o homem. Não acreditam? Paciencia!»

Camillo e os jesuitas

«Não sei o que é moda agora (1868): se ser contra, se a favor da Companhia de Jesus. Ha sapientissimos varões que a defendem; outros que, tambem sapientissimos, a culpam.

«Quem não fôr sapientissimo, que possa justificar o pró e o contra, anda acertadamente não se decidindo; porque, se a verdade não está na decisão dos sabios contendores, tambem não é crivel que surja baldeada do poço da minha ignorancia.

«Quando o snr. A. Herculano, ha dez annos, escreveu a *Reacção ultramontana*, andei e varios amigos meus em cata de uns jesuitas que perseguiam tenacissimos e triumphantemente o douto historiador. Não topamos nenhum.

«Os reaccionarios conhecidos eram tão visiveis e tangiveis com a sua corporatura estupida, que não podiam ser jesuitas, mineiros clandestinos e subtis obreiros da demolição do edificio novo.

«Certo que não se queixava d'estes o descrido impugnador das côrtes de Almacave e da escangalhação dos cinco reis sarracenos em Ourique. Não eram, com toda a certeza, jesuitas; porque não se finge facilmente de jesuita quem quer. Vae muito de velhaco a ladino.

«A bruteza não faz implicancia á primeira d'aquellas coisas: de estupido e mau resulta a velhacaria sôrna, que logra embaír os mais avisados. Ha tantos d'esses por ahi que, se a gente vae a taxal-os de

jesuitas, cuidaremos que o aguadeiro nos vem á cozinha fazer os exercicios de Santo Ignacio de Loyola ou de Affonso Rodrigues com as creadas.

«Ser ladino é outra coisa. A palavra reluz e argúe saber, perspicacia, sagacidade, prudencia, ponderação reflexiva, virtudes capciosas, cedencia de beneficios com muitissima abnegação de vantagens proprias, influencia salutar sobre os corações em que pese ás rebeldias do espirito, conjuração benigna de vontades com a mira apontada a remotos futuros. Isto, sim, que é dar visos de jesuitismo, quando não seja bem na sciencia e na consciencia.

«Conhecemos d'estes, de vista e de orelha. Não se nomeiam, por forrar a mêdo os timoratos.

. . . . . .

O centenario pombalino

Quando se tratou, no Porto, da celebração do centenario do marquez de Pombal, Camillo Castello Branco dirigiu á *Folha Nova* a carta seguinte. Era então director e redactor principal d'esse diario da tarde, o brilhante jornalista Emygdio d'Oliveira (Barnaba):

«Snr. redactor da *Folha Nova*

«Eu deveria, mas não posso responder a todas as cartas-circulares que tenho recebido, nem tão pouco desdenhar com o silencio a honra de ser por ellas convidado a collaborar em diversas publicações que

se destinam a justificar os festejos ao centenario do marquez de Pombal.

«A gloria de contribuir, na camaradagem de tantos nomes illustres, com o meu obolo de enthusiasmo, mais ou menos postiço, para a celebração de semelhantes festas, não me permitte acceital-a a inveterada aversão que voto ao ministro despotico de um rei covarde e devasso.

«E como o debate historico n'este bonito assumpto me seja pouco incommodo, embora me intimide pela minha insufficiencia, já enviei a dois jornaes um escripto a todos os despotas, sem me declarar monarchico nem republicano.

«É bem de vêr que a responsabilidade do escripto era toda minha; mas os dois jornaes, contagiados da febre dos centenarios, rejeitaram-m'o com irreprehensivel delicadeza.

«Abstenho-me pois e forçadamente de escrever lisonjas á memoria do marquez de Pombal como reorganisador de motu proprio e caso pensado, visto que eu teria de pedir centenarios para Luiz Antonio Verney, para Alexandre Gusmão, para D. Luiz da Cunha, para Antonio Nunes Ribeiro Sanches, para Fr. Manoel do Cenaculo Villasboas, para Francisco Xavier d'Oliveira, dos quaes o marquez de Pombal auferiu todos os alvitres das suas reformas, como tenciono demonstrar depois de representado o patriotico e politico espectaculo de 8 de maio.

«Provada a auctoridade alheia das grandes e incontestaveis providencias do seu governo, o que resta

de individualismo, não direi *originalidade*, na energia do marquez, são as masmorras, os exterminios, os patibulos e as fogueiras.

«Na balança dos seus elogios e reprovações pésa menos a concha das utilidades ephemeras que elle deu ao seu paiz, do que as lagrimas que fez derramar.

«Rogo á imprensa que me não levante esta carta como um repto jactancioso e temerario, mas singelamente como a fórmula de uma convicção que, por ser sincera, apenas poderá ser malsinada de ignorancia.

«Dignem-se os jornalistas, que teem solicitado o meu fraco prestimo, acceitar esta carta como resposta aos seus convites.

«S. Miguel de Seide.

De v.,
amigo obrigado

Camillo Castello Branco.»

O tempo na aldeia

«O céo e a terra estão feios, feios até ao nòjo — queira perdoar-me o sublime creador e conservador da terra e céo.

«São hoje seis dias corridos do mez de julho de 1866.

«E eu tenho frio.

«Estou na aldeia. A chuva estaleja nas vidraças e o vento estaleia nos vigamentos. Os cabeços dos montes escondem-se nas nevoas que véem descendo, como em janeiro, e se desfazem em aguaceiros glaciaes. Agora deponho a penna para espirrar. Annuncia-se-me a decima quarta bronchite d'esta quadra de zephyros, rouxinoes e flôres.

«Aqui estou, pois, n'uma terra onde não ha estradas, nem gente, nem verão. Moscas, ha mais que as da praga. Eis-me constituido um pharaó d'esta canalha.

«Os relvedos são lamaceiros. As arvores são borrifadores. Os ribeiros, que d'antes rumorejavam cristallinos por entre os salgueiraes, são enxurros de agua barrenta. De passarinhos, ouço apenas o piar dos pardaes famintos.

«Noite alta, em vez do trilo amoroso do cantor das florestas, estruge o grito do mocho ou o silvo do sapo. Que saudades me véem do concerto das rãs, grillos e cigarras do tempo em que ainda este Minho de Miranda e Bernardes tinha estio, cigarras, rãs e grillos!»

Guarda-livros e poeta

Referindo-se aos poetas de 1849, Camillo descreve este, que é curioso:

«Antonio José de Azevedo Guimarães. — Era guarda-livros. Representava quarenta annos; taba-

queava e parecia melancolico. De uma ode sua trasladamos uma estrophe confirmativa de entranhada pena:

Fere, ó dôr, um mortal desventurado,
Fere este coração triste e queixoso,
Ralado de soffrer.
Não t'apavorem lagrimas que verto,
Nem prolongues a vida n'este aperto,
Pois desejo morrer.

«E morreu, dois annos depois. Ouvi dizer que a familia não o chorou mais do que as musas. Foram-lhe todos ingratos.»

A rua Escura

«Eu morava na rua Escura, no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um bêcco fétido de coirama surrada...»

Nota do rapsodista. — Esta rua mereceu um dos tres romances que nos deixou Antonio Coelho Louzada, grande amigo e admirador de Camillo. Referindo-se áquelle, o Mestre escreveu:

«Antonio Coelho Louzada. — É o auctor dos *Tripeiros*, do romance chamado *Na consciencia*, de bellissimas prosas e excellentes versos. Morreu ha sete annos (1866). Não deixou no Porto quem o igualasse em conhecimentos historicos e habilidade na contextura do romance.»

Monumento a Garrett

«No Porto, onde nasceu Garrett, invocaram-se todos os Antonios Josés coevos para idearem um monumento a Garrett!... Não se fez o monumento, mas ficou um de vergonha na memoria dos vivos, e bom é que passe além.»

O primeiro prosador do Porto

Padre Mendes (Francisco de Paula Mendes) foi redactor do *Jornal do Porto*, de Cruz Coutinho, trabalhando alli ao lado de José Luciano de Castro e de Ramalho Ortigão. Interrogado Camillo ácerca do valor litterario de Padre Mendes, respondia invariavelmente:

«— É o primeiro prosador do Porto.»

A caridade de D. João IV

«Estava o rei com Antonio de Cavide na sua pomposa bibliotheca de musica, situada na porção do palacio chamada o *Quarto do Forte*, quando ouviu tanger a sineta.

«— Vá vèr quem é — disse o rei sorrindo. — Olhe que não vá ser algum burro lazarento...

«Emquanto o secretario de Estado vae e volta, saibamos que allusão é aquella do burro lazarento, visto que Diogo de Paiva d'Andrade nol-a transmittiu nas suas *Memorias*.

«Foi que uma vez entrára um jumento vadio no recinto da sineta, e começou a trincar a corda no intento provavel de a comer. Ora como a sineta repicava tão ligeira quanto a fome do tangedor esgarçava no cordel, D. João IV, que estava só, e extranhára o pressuroso dos toques, desceu pessoalmente á casa da roda, e perguntou quem era. Como ninguem lhe respondesse, mandou averiguar se a pessoa que tocára já teria subido á saleta de espera.

«O enviado voltou annunciando a sua magestade que encontrára um burro muito magro.

«El-rei ordenou logo que o levassem ás cavallariças reaes, com a recommendação de o tratarem fartamente; e accrescentou:

«— Semelhante pretendente não póde ter outro requerimento.

«Não me consta que D. João IV, em toda a sua vida, dissesse ou fizesse coisa de tanto espirito. A não ser coevo de sua magestade aquelle burro faminto, morreriam ambos ignorados, sendo digna de escriptura a lembrança que os dois tiveram.»

A primeira albergaria

«A primeira albergaria fundada no Porto, de que resta memoria, é a de Santa Maria de Roca-Amador.

«Fixar com certeza o local em que existiu a ermida e a albergaria, é impossivel. Presumem, porém, alguns antiquarios e nomeadamente o paleographo

Januario Luiz da Costa, que uma e outra existiram onde hoje se vê a cathedral, e que a ermida é a Santa Maria, que a rainha D. Thereza doára ao bispo D. Hugo a 14 das kal. de maio, éra de 1158.

«Que a denominação de Roca-Amador andava annexa aos institutos de caridade, prova-se com alguns documentos, taes como as inquirições de Affonso III, em 1296, onde são mencionadas doações aos hospitaleiros, e o mesmo do livro grande da camara do Porto e inquirições de 1346.»

Camillo e Taborda

Representavam-se no extincto theatro Baquet as *Recordações da mocidade*, em que o glorioso actor Taborda tinha um dos seus excellentes papeis. Camillo, sentado a meu lado em uma cadeira da segunda fila, ria como ria toda a plateia. De uma das vezes, voltando-se para mim, exclamou:

«— Este Taborda é inimitavel e insubstituivel!»

O jardim de S. Lazaro

«No jardim de S. Lazaro os dois sexos dão ao passeio o que as sovinas municipalidades não teem querido dar-lhe; isto é, uma luxuosa superabundancia de estatuas, as quaes, tirante a alma, nem sempre se avantajam ás do marmore nacional.

«Sentam-se as meninas muito bem compostas e

ageitadas de mãos e cabeça, e alli se estão deleitando na vista do repuxo, emquanto o papá rufa com tres dedos na tampa da caixa do tabaco o compasso da modinha conhecida de Verdi ou Donizetti, que as trombetas bastardas estão executando... *executando*, sim, é a palavra.»

A Liberdade

«O Porto havia mandado a Lisboa mais alguma coisa, assim uma coisa insignificante como a liberdade; mas essa remessa fôra uma dadiva atirada, por sobre toda a monarchia, com pulso de ferro; e pulso de ferro é ideia muito material, quasi a antithese de adelgaçamento intellectual.»

Commoções populares

«No Porto, as commoções que sacodem os nervos da grande cidade, são raras; mas, se rebentam, são a valer!»

Viação... vagarosa

«Carroções de Manoel José d'Oliveira, repletos de gente, arrastavam-se para a Foz. Os carroceiros, picando as vaccas derreadas para puxarem aquellas

familias, mugiam uns *êhs* prolongados, plangentes, d'uma grande caracterisação selvagem, prehistorica, anterior á formação das linguas.»

*

«O carroção tinha, por aquelle tempo, dois seculos de moda. Fòra inventado na rua das Cangostas para uso de uma familia obesa, formada de quinze pessoas adiposas. Esta familia derreteu-se no estio de 1650; mas o carroção ficou.

«No lapso de duzentos annos, o carroção, parado no largo da Batalha, com a lança vermelha atravessada nas sogas dos ramalhudos bois, viu passar e desapparecer todos os vehiculos adelgaçados pelo cepilho do progresso. O carroção escancarou as guelas, e riu do americano, da victoria, do phaetont, do landeau, da caleche, do dog-cart, da tipoia, do coupé, do tilburi, do daumont, do brougham, do mail-coach, do poney-chaise, do groom, do break.

«Ricardo Guimarães, fundibulario da hoste moderna, carregou a funda do estylo, remessou-a ao Golias de coiro; e o gigante, arrastado pelos bois, que mugiam saudades da palha-milha que comiam á porta do theatro lyrico, dispersou os membros para Barcellos, Famalicão e regiões visinhas.»

*

«A proscripta ignominia do carroção do Porto — aquelle toiro de Phalaris, puxado a vaccas, — que então esbatemos para a tréva medieval, em outro paiz dar-nos-ia a celebridade immorredoira de Guesto Ansur, o salvador authentico das cem donzellas

lusitanas tributadas ás prezas obscenas do kalifa. Tambem nós salvamos centenas de donzellas portuenses das orgias do execravel defunto «Manoel José d'Oliveira» — aquelle Mauregato coiraçado, com espaduas alcatroadas, musculatura de um lenho rijo e inflexo como os braços da forca, e articulações de cobre azinhavrado, onde eram contundidas as carnes virginaes.

«Se não fomos nós, quem foi que remiu das contusões e d'aquelle fòro ignobil as meninas portuenses, actualmente allodiaes e intactas, salvo seja, nos seus quadris e nas suas espaduas?

. . . . . .

«Ha trezentos annos, quando o carroção portuense estava na flòr da juventude, a honrada gente d'esta sólida terra, ao deslocar-se da freguezia da Sé para os longinquos campos de Cedofeita ou praias de Miragaia, levava comsigo um *Flos-sanctorum*, ou outro livro de igual tamanho para aligeirar as horas, os dias e as semanas da pavorosa caminhada. Os carroções, por aquelle tempo, eram gabinetes de leitura. D'alli e das livrarias conventuaes sahiam os sabios, os famigerados Barros, Sás, Toscanos, Rangeis e Mendonças. Estes, e muitos mais, nobilitaram o carroção, illustrando-o com palestras litterarias taes e tão compridas, que muitos entraram analphabetos na locomotiva, ao abalarem-se para os arrabaldes, e voltaram saturados de sciencia, como os d'outras idades das covas de Salamanca.

«Espantava-se o leitor, se lhe eu désse a lista de

todos os varões agudissimos em lettras que sahiram d'aquelles antros de coiro! Quer-me parecer que n'aquelles dourados tempos até os bois deviam de saber o seu pedaço de latim!

«E agora? O que é o carroção agora? É a cova de Trophonius. Toda a gente que lá entra, cáe em lethargo, e sáe triste, areada dos miolos e com as cruzes tão dorídas, que bem póde dizer-se que é aquillo um crucificar-se a gente nas proprias cruzes!»

Qual o melhor diccionario?

Antonio Franco, perguntando a Camillo, em 1887, qual era o melhor diccionario, recebeu do eminente escriptor a carta seguinte:

«Ill.mo Ex.mo Snr.

«Em todas as linguas, o principal processo em adquiril-as é o estudo dos classicos, feito com critica e sem o proposito de exhumar archaismos destoantes das fórmas modernas. Além d'isso, a consulta dos diccionaristas na interpretação do vocabulo menos trivial.

«Entre nós ha apenas um lexicologo que deve consultar-se: é o Moraes, na ultima edição.

«Os restantes diccionarios são cópias d'aquelle, nem sempre leaes, accrescentadas de termos technicos que faltam em Moraes e abundam no Constancio.

«O *Grande Diccionario* de Fr. Domingos Vieira

foi estragado pela collaboração de uns adventicios que escreviam a tanto por columna, e, para encherem, até fizeram discursos republicanos.

De V. Ex.ª
Cr.º e V.or

Camillo Castello Branco.

«S. Miguel de Seide, 7—6—87.»

Impressões do Mestre

«Quando vejo diante de mim um grande poema ou uma grande tolice, parece que um raio de luz divina desce a illuminar o meu espirito!»

«Os brilhantes do brazileiro» *(carta inédita)*

Quando Camillo publicou o romance denominado — *Os brilhantes do brazileiro,* — um jornalista portuense escreveu para S. Miguel de Seide a felicital-o por essa nova obra. Camillo agradeceu-lhe nos termos seguintes:

«Muito obrigado pelas suas palavras a respeito dos *Brilhantes.* Alli ha meia duzia de paginas que me sahiram da alma em lagrimas; o resto é pura chalaça portugueza, isto a que se chama agora espirito, porque a Portugal, tirando o brazileiro, é o

mesmo que tirar ao Jardim das Plantas de Paris o urso.

«Isto aqui é maledicencia muito á puridade; peço-lhe o favor de não publicar esta carta.»

Almeida Garrett

«O que era o drama em Portugal, antes de Almeida Garrett?

«Enxabido plagiato da musa hespanhola e italiana, desgraciosas versões do francez, coisa descaracterisada, desnacionalisada, sem que os malfadados arranjadores dramaticos podessem ater-se a um molde de cunho. Gil Vicente era apenas um marco na litteratura patria; d'esse ponto para os seus successores não havia transição logica nem natural.

«Garrett regenerou a comedia e a tragedia, trajando-as de galas que pareciam novas pelo feitio, mas que estavam congenitas no genio da lingua e costumes nacionaes. Quanto mais longe da arte restringente e falsificadora do sentir ingenuo, mais perto da natureza e verdade florescia o engenho do auctor do *Gil Vicente* e *Alfageme*.

«Quando reinava o despauterio absurdo da escóla romantica, e os dramaturgos de mais futuro em Portugal remedavam com desnatural esforço a innovação franceza, Almeida Garrett protestava em *Fr. Luiz de Sousa*, em *Filippa de Vilhena* e *Sobrinha do Marquez* contra os talentos desgarrados da trilha por

onde se havia de attingir a emancipação do nosso theatro. Não se mallogrou de todo o exemplo e a censura.

«Os discipulos de Garrett houveram pejo de servir á populaça as iguarias requentadas, delicias de paladares estragados.

«Envasou-se a lingua classica em modernos moldes. Não podia ser completa a restauração, nem seguido á risca o exemplo; todavia, raro o dramaturgo de consciencia que não envide todo o seu poder de genio e coração para approximar-se dos exemplares que o mestre herdou dos sacerdotes da scena.

«Garrett déra-se pouco a dramatisar a vida contemporanea. Afiguravam-se-lhe por ventura mesquinhas e vulgares as paixões em que anda trabalhada e vascolejada esta sociedade, arremêdo de outra, que se não dá comnosco. Bem podéra elle, com o vasto saber que tinha da alma humana, e experiencia da vida, dar-nos a pintura de tremendas angustias e severas lições. Não o fez, nem no drama, nem no romance: é que, nas paixões em que andamos travados, travam comnosco tantas ridicularias pomposas, tanta miseria magnifica, que por melhor pareceu ao preclaro engenho removêl-as da vista da compaixão e do escarneo.

. . . . . .

. . . . . .

«O visconde de Almeida Garrett, na sua provincia litteraria não tinha émulo. Alexandre Herculano, o doutissimo historiador, tem uma soberania distin-

cta. Distanciavam-se pelos genios, pelas indoles litterarias e pela heterogenea influição dos habitos, aos quaes cada qual se submettèra na carreira da vida.

«Se não existisse Castilho, o mais remontado poeta, o mais portuguez de todos, o mavioso Castilho, que enthesoura as joias de maximo quilate da nossa lingua, Garrett seria o primeiro prosador.

«Herculano funde, para assim dizer, em fórma de severa correcção, o austero e vigoroso pensamento que forja e pule na frágoa da consciencia. A este não lhe abunda a inspiração, a effusão natural, a embrincada espontaneidade que reluz nos outros. É um escriptor que se estuda nas horas de animo repousado. Os outros buscam-se para domar o pensamento inquieto e affeiçoal-o aos prazeres da intelligencia e do coração.»

Santo Antonio, S. João e S. Pedro

«Sabeis como, n'esta religiosissima cidade do Porto, se festejam todos os santos da còrte celestial, e particularmente Santo Antonio, S. João e S. Pedro. Este, mais prestante que todos, pela importante missão de clavicular da bemaventurança, gloria-se de ser festejado annualmente na cidade da Virgem com uma porção fabulosa de estoiros, um inferno indescriptivel de fogueiras, e o consumo sobrenatural de pipas de vinho, fritadas de linguiça, postas de pescada, e bebedeiras sem cifra conhecida no Bezout.

«S. Pedro de Miragaia é, incontestavelmente, de

todos os Pedros santos o mais querido. Aquelle espaçoso areal não basta para os jòrros de povo, que affluem das ruas sobranceiras.

«Surgem, como por magia, as fileiras de lampadas variegadas; os mastros de palha e alcatrão, que fedem e abrazam; as orchestras militares, que consomem metade do tempo vozeando nas trompas estridulosas, e outra metade nas libações homericas, fornecidas pela liberalidade dos mordomos; as tendas gratas á gastronomia suja da farrapagem, que as atulha, dando vivas ao santo, e praguejando obscenidades e insolencias contra a taverneira tardía no ministrar da meia canada por cabeça; finalmente, o areal de Miragaia é um mixto de todas as regalias que enthusiasmam o populacho, azando-lhe occasião para que n'aquellas caras sobresaiam todas as linhas grotescas de uma alegria estupida.»

Nota do rapsodista. — Refere-se o Mestre ás festas que se faziam outr'ora, ao S. Pedro, na ampla e frondosa alamêda de Miragaia, que desappareceu para dar logar á construcção do edificio da actual Alfandega.

Era, na verdade, uma festa ruidosa e uma das mais animadoras e populares a que assisti, e da qual ainda muita gente se lembrará por certo.

O inerte

«O homem inerte, aqui no Porto, é desconsiderado: devia sêl-o assim em toda a parte onde fosse um e unico o padrão da honra.»

Um amigo de Garrett — Gomes d'Amorim

«Cantou a Rosa encarnada ha trinta annos. Bem me lembro. Conservo vivas lembranças d'este facto e do terramoto. A dama que hasteára a signa escarlate da rosa era D. Anna de Sá, descendente dos Sás das chronicas, menestreis e cavalleiros.

«O luminoso poeta ignora se a dama existiu. Existiu, sim. Era alegre como a sua flòr dilecta. Mimosa como as fidalgas da sua raça. Se Gomes de Amorim a quer vèr, passe pela quinta solarenga de Sá, perto da margem esquerda do Vizella, entre na capella da casa á hora da missa, repare em um vulto curvado a um canto do còro, com um rosario e um livro, rosto macilento còr do marfim das santas antigas, olhos apagados, mãos trementes. É ella, a cantora da *Rosa encarnada*.

«Não lhe falle em versos, se elles não forem de S. Gregorio ou a versão bem plangente do *Dies iræ*. Curve-se e retire-se. Entre essa illustre dama e a vida em que ha reminiscencias de flôres, está o padre. Ella não ouve o soído dos *Murmurios de Vizella* que já cantou. O padre manda-a escutar o estridor de dentes que ringem lá em baixo no sempiterno horror.

«E por causa das rosas encarnadas, brancas e pallidas, Gomes de Amorim, se não fosse Garrett, diz que viria ao Porto saldar contas com os insolentes paladinos que o injuriaram. Se viesse ao Porto, o meu caro poeta não encontrava em quem bater.

«Nenhum dos sertanejos campeadores era d'aqui.

Todos elles eram rapazes para quem a rosa e a couve de penca tinham igual lyrismo.

«Os poetas portuenses, ha trinta annos, não cantavam flôres. Era-lhes o tempo curto para cantarem meninas brancas, pallidas e encarnadas.»

A ingratidão humana

«Senhor dos mundos! Vós, quando creastes a braza da sède que requeima os labios do caminheiro do vosso deserto, mandastes ás areias que se desentranhassem em fontes!

«As fontes correm. E o impio sequioso bebe, consola-se... e injuria-vos!»

Tripas — Peixe frito no Reimão

«Sabia segredos culinarios da estalagem do Rainha, na Praça Nova, onde se afreguezára por amor ás tripas.»

*

«Este peixe frito (o do Reimão) era n'aquelle tempo um recreio muito dilecto das familias do Porto, já distinctas por abastança commercial.

«Vivem ainda muitas illustres matronas, que se pejam agora de contarem as ditosas horas da mocidade, que passaram, no peixe frito de Valbom e do Reimão.

«Os vinte annos volvidos de progresso, progresso de trévas em que cahiram aquellas alegres almas, está-lhes sendo agora mortificação de vergonha, se acaso algum contemporaneo, em hora de sinceridade e talvez de poesia, diz a alguma d'essas contrafeitas victimas da civilisação:

«— Lembra-se a snr.ª baroneza d'aquellas felizes tardes do savel assado e das azeitonas de Sevilha em S. Roque da Lameira?»

Nota do rapsodista. — De todos os peixes fritos d'aquelle tempo, a que se refere Camillo, o mais frequentado e o mais popular era indubitavelmente o do Romão, do «Maneta», o qual, na opinião do Mestre, — «levou comsigo para a sepultura o segredo da pescada cozida com batatas e cebola.»

Os descendentes do «Maneta» transformaram mais tarde o modesto e popular restaurante n'um hotel, a que deram o titulo de Grande Hotel Reimão, e que fechou por falta de hospedes que o sustentassem.

Subsiste ainda a casa do Rainha na Praça Nova (Praça de D. Pedro); mas perdeu a fama das tripas pela abundancia de restaurantes que, em varios pontos da cidade, começaram a cozinhal-as e a recommendal-as nos jornaes ao appetite indigena.

Honestidade

«Convem saber que, em toda a parte do mundo sublunar, a *honestidade* é synonimo de «decoro», compostura, pejo e decencia.

«No Porto, a palavra *honestidade* sòa como *hypocrisia velhaca.*»

Escriptores

«Essa terra (o Porto) é insalubre para todos os que respiram pela alma.»

*

«Aquelle Porto, quando não mata os seus filhos intelligentes, apedreja-os, porque elles lhe fogem á intoxicação lenta da estupidez.»

*

«... do Porto, d'onde os poetas, que lá não morrem, como o amador da *Menina e moça*, alam-se para outras montanhas como as cotovias quando ouvem crocitar o corvo na escarpa da serra.»

*

«Quasi todos os escriptores filhos do Porto, mórmente os poetas, feneceram na idade primaveril; e os que attingiram a velhice, deveram-no, como Alexandre Braga, á abjuração da poesia, ou como Almeida Garrett á mudança de ares, corrigindo assim o seu organismo em climas estranhos para onde emigraram.»

O carnaval — Bailes de mascaras

«O carnaval de ha vinte annos na cidade do Porto! n'este Porto já agora tão decadente e melancolico!

«Quem te viu, ó princeza do Douro, galhardeando tafularias, estrepitando nas calçadas com as tuas caleches, ondeando harmonias que golfavam dos teus

salões, reluzindo nos coruscantes camafeus e abotoaduras diamantinas dos teus cinco mil brazileiros!

«Como vieste, no dobar de tão poucos annos, a esta precoce decrepidez, ao esmaiado amortecido da atonia, ao abatimento cachetico de enfermidades que te esphacelam as entranhas!»

Nota do rapsodista. — Os primeiros bailes de mascaras que se realisaram no Porto, effectuaram-se na casa do Ayres Pinto, em S. Lazaro, casa onde subsistiu o primeiro Tivoli e que mais tarde, comprada pela familia Forbes, foi substituida pelo palacete que pertence actualmente á familia Teixeira Braga.

Iniciou-os alli José Domingues Lombardi, que os trasladou depois para o Real Theatro de S. João, no qual foi emprezario de companhias lyricas italianas, em diversas épocas.

Em Lisboa, o primeiro baile de mascaras verificou-se no theatro de S. Roque, a um sabbado, 8 de fevereiro de 1823.

Era esse theatro, que rivalisava com o da rua dos Condes, explorado por uma companhia franceza.

O primeiro e os seguintes bailes foram annunciados por cartazes redigidos toscamente. Camillo, copiando um d'esses cartazes, commenta:

«Eis aqui um cartaz que parece ter sido redigido hontem. É provincia litteraria que, ha quarenta e tres annos, está no mesmo pé, ou nos mesmos quatro pés!»

Os necrologistas

«Eu tinha pertencido por algum tempo a uma sociedade de homens de lettras, quasi exclusivamente

dedicados á especialidade «necrologias de defuntos illustres». Eramos os gatos-pingados do Baluarte.

«Choravamos enormes artigos bem phraseados e estrangulados de interjeições afflictas, com epigraphes em latim, sobre defuntos analphabetos que, á mingua de instrucção primaria, não poderiam na celeste mansão tomar conhecimento da nossa prosa.

«Andavamos tão assanhados n'esse fariscar de chacaes o cêvo litterario de carne morta, que seriamos capazes de assassinar pessoas distinctas, se as indigestões, as tuberculoses, a cachexia mercurial, o escrofulismo, os figados engorgitados e a pharmacia nos não dispensassem de alimentar com sangue humano o cannibalismo da Arte elegiaca.

«O presidente da sociedade era José Barbosa e Silva, um moço de grande talento, diplomata em Berlim, deputado por Vianna do Castello, sua patria.

«As necrologias que este adoravel rapaz estampou, são as de todos os mortos seus contemporaneos, seus amigos, seus conhecidos, ou apenas amigos ou conhecidos de uns sujeitos que elle podia vir a conhecer.

«No torvelinho dos prazeres, que todos experimentou, José Barbosa parava de repente a olhar para o golpho que lhe sorvia um companheiro; e, como presagiava morrer aos vinte e oito annos, quando carpia os outros, ponderando a tristeza da morte, parecia chorar sobre si mesmo.

«Fallecido Barbosa e Silva, o maior numero de

seus amigos escriptores tomou a serio a desgraça da morte, e experimentou a impossibilidade de escrever necrologias quando a dôr é sincera e inconsolavel. Os socios da instituição carpideira já quasi todos naufragaram para essas restingas dos cemiterios.»

Fidalguias... antidiluvianas

«Um dos mancebos mais completos por patrimonio, nascimento e gentileza, no concelho de Celorico, era o fidalgo de Agilde, Vasco Pereira Marramaque, vigesimo terceiro neto de Gonçalo Mendes, o Lidador.

«Se eu tivesse de ir, ao arrepio, na piugada genealogica d'este sujeito, encontrava-me com o macaco de Darwin.

«É familia muito antiga a dos Marramaques — são anteriores á historia e talvez aos macacos. E, se me não falha a conta dos avós apurados n'esta linhagem, o diluvio universal está desmentido.»

A Thomaz Ribeiro *(excerpto d'um romance)*

«Thomaz Ribeiro, com o teu coração, se tens n'elle uma lagrima, imagina este quadro e descreve-o, se pódes, que eu não posso, nem quero, porque o ultimo feitio das novellas é não pintar, com o colo-

rido gothico dos romanticos, os quadros commoventes que rutilam na alma a faisca do enthusiasmo.

«Agora sómente se pintam as gangrenas com as côres ròxas das chagas, e com as côres verdes das podridões modernas. Nos litteratos, o que predomina é o verde, e nás litteraturas é o pòdre.»

Comesanas politicas

«Comia-se então muitissimo no Baluarte por excellencia (1849). Ministro ou general que chegasse a fazer ou desfazer revoltas, cabecilha eleitoral que viesse arregimentar as suas hostes, enchendo-lhes a consciencia de liberalismo e carneiro guisado com batatas, era contar com opiparas comesanas em que os cabralistas levavam enorme vantagem na profusão.

«Os homens de Setembro, os *patuleas*, em 1849, distinguiam-se na frugalidade. Os irmãos Passos alimentavam rusticamente os seus organismos plebeus, de Cincinatos, endurecidos na educação do toicinho e das feculas de Bouças.

«Os seus correligionarios andavam ainda na aprendizagem de comer, e ameaçavam a negra mesa do orçamento para praticarem.

«Ainda não tinha surgido de vez o Apicio de todos os paladares, o Rodrigo da Fonseca Magalhães, com as suas raposias, o qual, entendendo com Aristoteles que o homem é um animal essencialmente

politico, inaugurou o elasterio membranoso de todos os esophagos, sob o especioso lemma de homogeneidade de principios, pela fusão de todos em uma só consciencia, que vinha a ser nenhuma propriamente dita, ou o relaxamento de todas as consciencias n'um estomago commum de duas ou tres politicas. E assim conseguiu que todos os candidatos á panella do Estado esmoessem o corneobolo indigesto das suas *Bernardas* no largo e fundo estomago da alma, *mentis nostra stomachum*, como disse S. Pedro Damião, prophetisando a physiologia do espirito politico do seculo XIX *(opusc.* 12. C, 38. mihi.).»

Gaia — O Candal

«... gentil Gaia, que, vista de longe, faz pensar que por alli demora ainda a encantadora castellã, dando ás suas collinas, que tão barbaramente a viram morrer, alguns toques da sua magica varinha!»

*

«Sabem onde é o Candal?

«É essa pittoresca collina, que se levanta por detraz das ruinas d'um castello, d'onde Gaia, a formosa moura, espreitava a frota do godo, seu querido roubador, segundo a mythologia d'este maravilhoso torrão do occidente.

«Como estendal de fadas, de longe branquejam as risonhas casas, olhando soberbas para o Porto, com o garbo de camponezas, frescas e toucadas de

flòres, sem inveja aos perystillos de pórfido, aos mosaicos das alterosas paredes, ás opulentas gradarias de bronze.

«De cada quebrada do monte sobranceiro rebentam jòrros d'agua argentina, que se desenrolam sobre a immensa alcatifa de esmeralda, que vem do sopé dos edificios, tão límpida, a sujar-se nos bêccos immundos de Villa Nova, taverna que dá vinho para todo o mundo, asquerosa como nenhuma outra taverna do mundo.»

A cidade do Porto

«— Esteve no Porto? É uma cidade bonita, não é?

«— É muito interessante. A gente de dia faz horas para se deitar ao escurecer. Não ha nada melhor. Come-se e dorme-se com a mais perfeita tranquillidade de espirito.

«E na semana santa vèem-se mulheres, quando passam as procissões.»

Os romances *(excerptos)*

«Altissima é a missão do escriptor, e a do romancista principalmente. O mestre Ignacio da cartilha velha, amoldurada ás necessidades do seculo, é o romancista. Mal hajam os sacerdotes das lettras derrancadas, que vendem peçonha em lindos cristaes, e

desfloram as almas em luxuriante florescencia da sua primavera. O mau romance tem afistulado as entranhas d'este paiz. Não ha fibra direita no coração da mulher que bebeu a morte, e — peior que a morte — algumas dezenas de gallicismos no que por ahi se escreve e copía. O anjo da innocencia foge de certos livros, como os editores de certos auctores. A candura virginal de uma menina de quinze annos é a coisa mais equivoca d'este mundo, se a menina leu coisa em que os pedagogos do coração a ensinaram a conhecer-se, antes que a experiencia a doutrinasse.

«Para cumulo de infortunio, Portugal é um paiz onde se está lendo muito.

«Acontece aos estomagos famintos, quando se lhes depara alimento bom ou mau, assimilarem-n'o com tamanha sofreguidão, que o encruamento do bòlo e o marasmo são inevitaveis. Assim e por igual teor, quando os Lucullos e Apicios das lettras expõem á voracidade publica as suas iguarias estragadas, a fome de aprender a vida nos romances locupleta-se com tamanha intemperança, que o resultado é as dispepsias espirituaes, tormento de angustias vomitivas, que fazem descer o coração ao logar do estomago, e subir o estomago ao logar do coração.

«Eu tenho assistido a esta deslocação de visceras com lagrimas nos olhos, enxutos para tudo o mais. Muitas vezes tenho perguntado ás velhas se isto assim era no tempo d'ellas. Faz dó vêr a consternação com que algumas expedem um gemido, unisono

com o assobio da pitada! Compunge vêr rolar a lagrima preguiçosa do olho desvidrado d'outra, que se recorda da honestidade com que foi amada pelo seu quinto amante!»

*

«A mulher, por via de regra, é de seu natural tão boa, sensivel e generosa, que chega a recompensar a pertinacia do homem que, primeiro, a nauseou: o segredo d'este paradoxo está na influencia contagiosa da tolice. A mulher que fez chorar o tolo, e viu rebentar lagrimas de uma cabeça de granito, cuida que fez o milagre de Moysés na rocha de Horeb. Alliciada pela serpente da vaidade, succumbe como Eva.

«Que mudanças!

«D'antes o caixeiro principiava sempre a carta de namoro por: *Meu amado bem!* Agora já diz: *Anjo!* ou *Serafim!* Era d'antes a phrase sacramental do exordio: *Vêr-te e amar-te foi obra de um momento.* Agora não é raro encontrar d'estes arrojos: *Amar e morrer é meu destino!*

«E, depois, o maleficio do romance não está sómente no plagiato irrisorio; o peior é quando as imaginações frivolas ou compassivas se entalham nos lances da vida phantasiosa da novella, e crêem que a norma geral do viver é essa.

«Emquanto a mulher estuda sómente a phrase que applica, bem ou mal, quando a enlouquece a vaidade de parecer o que não é, bem vae. Dá-se um exemplo:

«A apaixonada de um amigo meu, ao recebêl-o, pela primeira vez, em sua casa, no patamar da escada, antes de deixar-se beijar a mão, estendeu o braço direito em magestosa postura tragica, deu á fronte a régia altivez de uma Phedra de aguas-furtadas, e disse em tom cavo e solemne: *Juraes levar-me ás aras?* O meu amigo, que balbuciava um prefacio de longo estudo, soltou um frouxo de insolente riso, e desceu as escadas, por não poder com o espectaculo da dama corrida do insulto. Eis aqui uma que os romances de Arlincourt salvaram; quantas, porém, perdidas por guardarem as phrases ridiculas para o final?

«Grande mal é o identificar-se o espirito ás visualidades do romance. Quando a leitora se ri das crendices da sua infancia e dos absurdos preconceitos que lhe apoucaram o imaginar e o voar do espirito, véem-lhe os enfados, o escutar as mentiras do coração que se emancipa, o crêr que a vida passada foi apenas um vegetar do vulgo, e que o viver da alma assim, é como o do arbusto bravio que dá flôres sem aroma e fructos sem sabôr.

«Seja, outra vez, bemdita e louvada a ignorancia de nossas mães, e nossas irmãs, e nossas esposas!»

*

«A vida caseira, esta deliciosa monotonia, que a poucos é já saborosa no viver intimo, requer muita estupidez, muito somno a toda a hora, um estomago voraz, e muita digestão soporosa de substancias pesadas.

«Esta bemaventurança ha de restaural-a a ignorancia supina: não hão de ser as palavrosas theorias de Michelet ácerca do *amor* e da *mulher!* Comecem os paes de familias por circumvalarem suas casas de um cordão sanitario contra a peste do romance, que não se abonar com a promettida pudicicia d'este, e de outros com que o auctor, coração aberto a todas as chimeras, e de entranhas lavadas, tem querido enxertar no tronco carcomido da humanidade toda a casta de virtude.

«Vou lembrar um alvitre, cuja adopção poderia ser momentosa na regeneração dos costumes.

«As reliquias das velhas virtudes portuguezas, se as ha, acham-se nos velhos, que beberam ainda o sedimento dos seios puros do seculo passado. O Porto, de preferencia, graças á força refractaria da sua organisação, encerra boas quatro duzias de archontes dignos da Grecia antiga. Fòra facil eleger de entre estes — (abstenho-me de os nomear, porque a modestia n'elles dóe de insoffrida, como ulcera em lombo de muar, e não é raro responderem ao elogio com o couce) — eleger de entre estes, digo, uma corporação censoria, encarregada de examinar os livros, que giram no mercado, e referendar os que a juventude feminil podésse lêr sem desfalque da innocencia. D'esta arte, os anciãos não restringiriam a sua egoista virtude á missão balda de condemnarem o vicio da mocidade inexperiente.

«O exemplo dão-n'o optimo; a doutrina é a que nós sabemos; mas não os devemos desquitar de se

constituirem entulhos contra a torrente do vicio, desviando-a de levar ao regaço das futuras esposas e mães o romance peçonhoso.»

As musas do Douro

«As musas do Douro, longo tempo acanhadas entre as penedias do patrio ninho, viveram vida de meditação, apenas interrompida pelas quadras còxas da requebrada padeira d'Avintes, que, ao murmurar das aguas encrespadas pelo rêmo, improvisava pastoris em graciosa toada.»

Varias noticias do Porto antigo

«El-rei D. João I permittiu aos moradores d'esta cidade que podessem trazer n'ella porcos; mas D. Manoel, em 1513, prohibiu-os e condemnou a 500 réis de multa por cabeça o dono dos porcos encontrados na rua.»

*

«Concedeu D. João I ás mulheres do Porto o privilegio de não poderem ser presas por culpa dos maridos.»

*

«D. João I ordenou que os seus creados, vindo ao Porto, não pousassem na rua das Eiras, nem dos Mercadores, nem em casa de homens honrados, nem

de mulheres viuvas, nem de casadas com maridos ausentes.»

*

«Porque muitos viviam de pedir podendo trabalhar, ordenou D. João I que ninguem podésse mendigar sem licença da camara. E aos infractores impunha-lhes o castigo de servirem um anno sem soldada.»

*

«As primeiras moedas de *10 réis* lavraram-se no Porto em 1415.»

*

«Faltando-se aos vereadores com a ceremonia de os incensarem na Sé, onde estavam com as suas insignias na vespera de Corpus Christi, ordenou el-rei ao bispo que não repetisse semelhante descuido.»

Nota do rapsodista. — A camara do Porto é quem, desde tempos immemoriaes, corre com as despezas da festa de Corpus Christi na Sé cathedral. Antigamente assistia á festividade na vespera, de tarde, e no dia, pela manhã. O logar dos vereadores, sentados em tamboretes, era e é fóra da teia da capella. É de junto da teia que os conegos incensam os vereadores.

«*Devem ser incensados* n'esse logar da egreja, onde assistem com as suas insignias.» (Carta régia de 27 de agosto de 1688, a folhas 236 do Livro II, *Das Chapas*, da camara do Porto.)

«Dentro da egreja *sentam-se* em cadeiras de *espaldar*, não estando o Santissimo exposto.» (Carta régia de 21 de novembro de 1685, relativa á camara do Porto.)

A hospedaria do Estanislau

«Em 1841, a hospedaria dilecta dos brazileiros de profissão (distingam-se assim dos brazileiros do Brazil) era a do Estanislau, na Batalha.

«Alli havia a sem-ceremonia do chinelo de liga á mesa redonda; os collarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceiras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos; cada qual podia comer o arroz com a faca e o talharim com o garfo; a laranja era descascada á unha, e os caroços de azeitonas podiam ser cuspidos na mesa, bem como as esquirolas do pernil do porco desentalladas a palito das luras dos queixaes. E era até de direito commum cada qual caçar de *guet-apens* a importuna mosca na cara e decapital-a publicamente.

«Estava-se alli á vontade, como nos jantares de Peleu e Patrocolo, com um grande estridor de mastigação e arrotos.»

Nota do rapsodista. — A hospedaria do Estanislau, na Batalha, pertencente outr'ora á familia Estanislau de Barros, passou ha annos a outro proprietario, que a ampliou e denominou *Grande Hotel Portuense.*

O gosto litterario do Porto

«Deve ser coisa reparada, lá onde se moteja a penuria da instrucção no Porto, que tantos escripto-

res abalisados nas lides politicas e palestras litterarias dos «cafés» não bastem a defender os seus concidadãos accusados de inimigos das boas lettras!

«É injustissima e quasi injuriosa a accusação. Quem estas linhas escreve, falsearia sua consciencia consentindo na immerecida nota com que irreflectidamente se desdoura uma terra em que eu não sómente contribuí, para despertar em espiritos já cultivados, o gosto da leitura de livros, embora frivolos, senão que dei alento a editores que, fiados e seguros no consumo das obras, se arrojassem a dispendiosas emprezas.

«Argumentar contra o gosto litterario do Porto, fundando a queixa em que não passam de quinhentos os compradores do livro recreativo, é auctorisar-nos a perguntar se Lisboa os terá. E, se alguem pasmar da confrontação, ser-me-ha facil, com o exemplo de minhas obras propriamente, testeficar que mais de metade das edições publicadas em Lisboa são aqui vendidas.

«Ainda pelo que respeita a livros de sciencia, dado que o consumo seja menor, é elle superior ao que deve suppôr-se n'uma terra em que faltam congressos e estabelecimentos litterarios sob nomes pomposos e indicativos de grande faina intellectual. Parece, pois, que ha muito quem leia e pouco quem alardeie. A sciencia vive aqui mais vida de gabinete que de praça. Muitos dos homens que mais lèem e entendem, são conhecidos unicamente pela sua importancia commercial; e ha d'elles que vos podem

maravilhar com a riqueza de suas bibliothecas manuseadas, e não já de mera ostentação.

«D'onde procede, portanto, a incoherente incompatibilidade dos periodicos litterarios com o Porto? De muitas causas. Algumas se hão de esquivar ao desagrado dos mesmos que as deram: seria desproposito vir eu aqui menoscabar a vida infesada e ruim que viveram ephemeramente alguns «semanarios» já mortos e esquecidos. Chamaram-se litterarios. Não podia salval-os o desvanecimento do descabido epitheto, que nem tudo que se concerta de lettras é litterario. Iniquidade grande é querer que o Porto, por amor e gloria de seus fóros de instruido, aviventasse publicações de tal porte, que lhe redundava em maior lustre e proveito deixal-as acabar. É melhor estar ás escuras que n'um quarto alumiado por sail: quer-me parecer isto.

«Além de que, os meus collegas n'este genero de publicações entenderam quasi sempre que a alma de um periodico litterario era a critica abastardada em satyra, e a satyra desbragada em insolencia. Na escolha de victimas, recenseavam as mais mansas e pacientes: os litteratos noveis e os litteratos caducos. Uns frechavam-os por ignorantes; os outros por derrancados de sciencia velha.»

As maias

«O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou tres annos chronica em verso, é como o fi-

gurão que, no dia primeiro de maio, passeia as ruas de algumas villas de Traz-os-Montes vestido de giestas em flôr, brancas e amarellas, cantando as *maias*, diante das adufas das janellas, por onde a louçã mocinha da casa, lisonjeada nas trovas, lhe atira a moeda de cobre.

«Ao declinar do sol, o florido «maio» despe as ramagens com impaciencia, chama a contas o thesoureiro das dadivas, e joga com elle o murro, na hypothese, quasi sempre justa, de que elle indignamente correspondeu á confiança dos outros gaiatos.

«Liquidado o producto das trovas e das mesuras, o festeiro do mez das flôres funde os escassos vintens n'uma bodega, e faz das giestas vassouras, que elle e os comparsas levam para casa.»

João Pedro Ribeiro

«O famigerado portuense João Pedro Ribeiro, nos seus numerosos escriptos recheiados de erudição, argúe um sabio grave, ponderoso e incapaz de gracejar nem entreter-se com assumptos jocosos. Quem leu as *Dissertações chronologicas e criticas* do eminentissimo antiquario, difficultosamente ha de crêr que o doutor, nas suas conversações e cartas, era jovial e epigramatico.

«João Pedro Ribeiro, se houvesse nascido cincoenta annos depois, talvez se estreiasse pelo «folhetim» e capitaneasse a turba alegre dos rapazes que,

ha vinte e cinco annos, recamavam de galhofas as gazetas portuenses, hoje em dia tão carrancudas, tão avelhentadas, tão puxadas á fieira da sã moral, que tudo, afóra ellas, trescala á podridão do vicio.

«Pois João Pedro Ribeiro, o «fundador e patriarcha da sciencia diplomatica entre nós» (como avisadamente o douto bibliophilo Innocencio Francisco da Silva o conceitua), sem sahir do seu officio, topava motivos de rir, nas suas profundas investigações de velharias.

. . . . . .

. . . . . .

«João Pedro Ribeiro, com mais de oitenta annos, morreu no Porto em 4 de janeiro de 1839.»

O burro

«O burro é triste por fóra, mas alegre por dentro; e não poucas vezes se ri dos seus homonymos de dois pés.»

O Castello da Foz

«Nas salas da pacifica fortaleza da cidade do Porto, ha quatorze annos que fugiam as noites e alvoreciam as manhãs, esmaiando, sem poder quebrantar, a formosura das graciosas damas que dispartiam á volta d'ellas o excedente da sua felicidade.

«Em noites calmas e alumiadas da lua, era bello vêl-as, as gentis senhoras que alli moravam, por sobre os baluartes e revelim, vestidas de branco, ora quietas e contemplativas, voltadas ao mar, ora correndo ao longo dos terraços, como creanças para quem o crepusculo da manhã da vida havia de esvair-se nos alvores do dia eterno.

«Ah! assim foi! Ambas já morreram. Uma com muitas saudades do mundo; a outra com muitas saudades do esposo, que primeiro lhe ensinára o caminho do céo.

«E, quando assim vêmos fenecer, ainda toucadas das flôres da mocidade, senhoras que tinham direito a ser felizes e afortunarem almas que tão suas eram, porque não havemos de crêr que ha anjos? Onde iriam aquelles doces espiritos senão onde o Creador lhes dê melhor vida que esta, amor mais digno d'ellas, e incentivo para adorações melhor recompensadas?

«Se haverá, dos que viram o Porto de ha quatorze annos, quem não tenha saudades das noites do Castello da Foz! Eu de mim não sei o que hoje lá passa; mas ouvi dizer que as brisas baloiçam as solitarias hervas dos baluartes e o vento silva nos vigamentos das salas onde estrondeavam as musicas.

«Agora é já para mim tempo de renunciar os amargos prazeres da memoria, submetter a alma a umas operações consoantes com a minha idade, e conversar com os velhos do meu tempo, ácerca do

Castello da Foz, n'uma linguagem conveniente e apropositada aos nossos annos.»

Nota do rapsodista. — Camillo escreveu isto em 1868. As duas senhoras a quem elle se refere, eram as filhas do barão de Grimancellos, então governador do Castello de S. João da Foz do Douro.

Á missa que se celebrava aos domingos e dias santificados, durante a quadra balnear, na capella do Castello, assistia a sociedade elegante do Porto, que alli estava a banhos. A capella era acanhada para conter as senhoras e cavalheiros da melhor roda que alli concorriam.

Á egreja matriz iam á missa sómente as chamadas *sanjoaneiras,* nadas e criadas na Foz, e os banhistas de provincia, que se acanhavam de misturar com as pessoas da primeira sociedade portuense, salvante algum fidalgo de entre Douro e Minho ou de Traz-os-Montes.

Que differença da Foz de então e da Foz de hoje!

O Athanazio de hontem e o Athanazio de hoje

«Quanto á probidade mercantil, Athanazio José da Silva é contrabandista, e, algum tempo, ia mensalmente á estalagem da Ponte da Pedra, em tres carruagens de recreio, com sua familia e as familias dos dois amigos presentes, receber córtes de sêda, cambraias, rendas e pellames inglezes.

«Conforme á justiça e ás manhas do Porto, a firma de Athanazio é das mais acreditadas na praça, e as gazetas, quando escrevem *Athanazio José da Silva*, antepõem-lhe ao nome os adjectivos *honrado*

e *probo*; e, se acontece ir para as Caldas ou praias com a mulher, vae sempre «o honrado capitalista com sua virtuosa esposa.»

Nota do rapsodista. — É que o Athanazio de hontem, como o de hoje, é assignante, e não só assignante, mas tambem annunciante da gazeta. Ora, Camillo desconhecia naturalmente esta engrenagem.

O jogo

«... o jogo no Porto era frequente. Por via de regra, estas casas (de jogo) eram a guarida e muitas vezes o manancial de muitos filhos segundos, que arriscavam os diminutos alimentos; mas, no maior numero de casos, os triplicavam.

«A banca era regularmente propriedade d'um senhor de casa, associado na empreza com um hespanhol.»

Civilisação

«Ponderam alguns auctores, que a morigeração dos costumes portuenses é o necessario effeito do atraso da civilisação e policia da classe média, em que as outras no Porto se embaralham e perdem.

«Esta palavra «civilisação» anda mal trazida para tudo.

«Se o refinamento das industrias, se a arte de crear capitaes, no minimo do tempo e com diminuto

trabalho, constitue a maxima civilisação material, o Porto ganha a aposta aos mais ambiciosos prospectos de riqueza aventados pelos economistas.

. . . . . .

. . . . . .

«Os que negam ao Porto a vanguarda do progresso industrial, que é a mesma civilisação, irmã gèmea da intellectiva, e fonte da sã moral, derruem desde os alicerces a sciencia moderna, confessando assim a utopia do systema vulgarisado nas escólas, nas gazetas, e nas fórmas de governar das nações mais cultas.

«No Porto dão-se as mãos a riqueza e os costumes edificativos, para se justificarem estes por aquella, e a primeira pelos segundos.

«A industria é a de hoje; os costumes são os de ha um seculo.»

Os namoros

«Em 1815 podia-se namorar honestamente de uma janella para a outra, na rua das Flores, sem que uma patrulha insolente parasse debaixo para testemunhar a vida intima dos que lhe pagam. Podia cochichar delicias, a donzella recatada, da trapeira para a rua, sem que o amador extatico ao som maviosissimo d'aquella voz, receasse o *retire-se!* brutal do janizaro.

«Podia-se, finalmente, segurar-se o gancho de uma escada de corda no terceiro andar, subir impa-

vidamente, conversar duas horas sobre varios assumptos honestos, e descer, sem o receio de encontrar cortada a rectaguarda por um selvagem armado á nossa custa, e que nos conduz ao corpo da guarda a digerir a substancia da deliciosa entrevista.»

Nota do rapsodista. — Felizmente hoje, como succedia em 1815, tanto os municipaes como os policias são, na questão de namoros, de uma tolerancia superior a todo o elogio. Elles mesmos, n'esse ponto, dão o exemplo aos mais timoratos.

Os caixeiros

«Os caixeiros do Porto, sadios e sanguineos, com as suas luvas amarellas, e todo o verniz, que lhes coube em sorte, nos pés, entraram Minho dentro, e derramaram a dissolvente chalaça nas aldeias.»

*

«. . . emquanto o Porto alastra no sul os caixeiros contaminadores, que levam comsigo a corrupção dos romances e as tentações do cabello unctuoso, com a risca ao meio da cabeça, lasciva como o dorso de um gato d'Angora.»

As mantilhas

«. . . Lá se foram, se não todas, decerto as que embiocavam celestes faces. Alguma reformada mestra de meninas, ou tia de janota da rua dos Merca-

dores, ainda vae á missa d'alva ou Lausperenne com sua mantilha de sarja.

«Ai! eu ainda conheci mulheres formosas de mantilha!

«A graça com que ellas as apanhavam e refegavam na cintura! Como as nalgas se relevavam redondas debaixo do lapim! E o bamboar dos cabellos annelados sob o docel negro e arqueado da côca!

«E não vae longe isto. Ainda são bellas muitas das mulheres que eu via mostrarem o pé encruzado de fitas por debaixo da orla da lustrosa mantilha.

«Quando ellas tornarem, saiba o seculo XXI que fui eu quem, n'esta anarchia de modas francezas, commemorou com saudade a magestosa veste com que nossas avós se fizeram queridas de seus maridos e d'outros.»

Nota do rapsodista. — É do meu tempo o uso das mantilhas, especialmente as de lapim, que eram as mais distinctas. Ainda vi senhoras portuenses irem de mantilha assistir, de tarde, a espectaculos dramaticos no theatro de S. João, quando alli se representava a *Degolação dos innocentes*, o *Pacto da fome ou a tomada da Bastilha*, os *Sete infantes de Lara*, o *Pedro Sem*, os *Trinta annos ou a vida d'um jogador*, e outros que taes dramas emocionantes e sensacionaes, como usa agora chamar-se-lhes nas gazetas.

Do uso das mantilhas fallaram varios escriptores, e, entre elles, o Padre Agostinho Rebello da Costa, Almeida Garrett e Theophilo Braga.

A creação do mundo

«Virgilio quer que o mundo se tenha arranjado nos bellos dias de primavera, quando os curas não assopravam: . . . . . *hybernis parcebant flatibus Euri, etc.*

«O padre Bernardino de Santa Rosa, natural de Guimarães, doutor em theologia, e lente universitario, não se conforma com Virgilio nem com ninguem.

«Ao parecer d'elle, o mundo foi creado em todas as quatro estações; porque bem considerados os diversos climas, não ha primavera, nem estio, nem outono, nem inverno absolutamente fallando; e a razão é clara: quando a gente está á lareira comendo castanhas, ahi por novembro, estão os antipodas sobre a fresca relva a comer cerejas em junho.

«Este argumento não é agudo; mas tem de bom não quebrar por agudo de mais, como acontece aos subtilissimos.

«O padre era um Humboldt azabumbado. Cahia em peso sobre as questões e esborrachava-as. Bem haja elle.»

*

«Conta S. Alberto Magno: (duvidem, se podem!) que a presença das donzellas desbrava o coração do unicornio, o qual, se o deixam adormecer no regaço d'ellas, as meninas, se quizerem, podem leval-o depós si, como já se viu em Meca e n'outros sitios.

«Ó singular magia das donzellas! Ó mãos de

neve e setim, que tanto podeis sobre a fereza de tão formidaveis bichos, e sobre a bestidade de feras menos elegantes!

«Que enchentes de poesia nos entumecem as entranhas, se cogitarmos nos mysterios d'amor que o padre Bernardino, de Guimarães, nos conta!

«Que padre, que professor, e que santo!»

Sentenças latinas

«Quando principiei a escrever, tinha a memoria pejada de sentenças latinas, decoradas em um livro hespanhol, cujo nome nem já me lembra. Era um grande livro, que me ia botando a perder.

«Providencialmente me disse uma vez o meu amigo José Athanazio Mendes, depois que leu um meu escripto inçado de latim:

«— Vossê, continuando d'este teor, póde contar apenas com os leitores que forem mestres de latinidade. Diga antes inepcias originaes, e abstenha-se mais do latim do que dos erros de grammatica. Offenda o senso commum, que se não queixa: a ignorancia é que conspira contra vossê e póde perdêl-o. N'esse andar, o meu amigo não chega a grangear a reputação litteraria dos traductores da Bibliotheca economica.

«Era um conselho de amigo. Exorcismei o demonio do latim, que me vexava, vendi o livro a um desgraçado que ensandeceu a lêl-o, e esqueci quanto

sabia, tirante o *sic itur ad astra*, e o *aliquando bonus dormitat Homerus*, e o *risum teneatis, amici*, com as quaes passagens me tenho ido remediando nos meus escriptos de alguma gravidade e polpa.»

Alexandre Braga e Soares de Passos

«Alexandre José de Sousa Braga Junior. — Este e Soares de Passos foram as duas lyras de mais flôres e fructos que, n'um breve cyclo, conversaram as mais amantes e inspirativas musas do Douro.

«Cada um escreveu seu livro. Alexandre Braga era a paixão, Soares de Passos a saudade. Este parecia triste da nostalgia d'onde viera. O outro debatia-se em ancias de outro mundo que esperava.

«Soares de Passos, como se não desenganou, morreu e foi para os seus anjos saudosos; Alexandre Braga desilludiu-se, fez-se jurisconsulto, e de optimo poeta passou a excellente orador forense. Não se aprosou, não.»

Pharmaceutico, regedor e poeta

«Manoel José da Silva Rosa Junior. — É pharmaceutico e regedor em S. João da Foz do Douro. É o unico regedor litterato e poeta em Portugal e suas conquistas. Presume-se que o snr. Silva Rosa, se não fosse poeta, poderia ser levado pelas tenden-

cias administrativas, que o dominam, até chefe de uma policia illustrada. Não obstante, administra e rege, segundo me dizem, acertadamente. Imitando o poeta Antonio Ferreira, podemos dizer d'este poeta:

«Não fazem damno ás musas regedores.»

Nota do rapsodista. — Este Manoel José da Silva Rosa Junior, casado com a ex-actriz Emilia da Silva Rosa, da qual viveu separado nos ultimos tempos da sua vida, collaborou: em verso, na *Lyra da Mocidade,* jornal poetico impresso no Porto em 1849, e em prosa, no *Jornal do Norte,* folha creada, antes da *Janeirinha*, pelo ministerio de Fontes Pereira de Mello.

O *Jornal do Norte,* dirigido por Arnaldo Gama, tinha a sua redacção installada na rua Ferreira Borges, poucas casas abaixo da do *Jornal do Porto*, de Cruz Coutinho. Era composto e impresso na typographia do *Commercio do Porto.*

Galopins eleitoraes

«Os primeiros galopins eleitoraes em Portugal foram frades.

«No exercicio de eleger geraes, provinciaes, priores, abbades, definidores e mais membros da governança monacal, nasceu o galopim tonsurado.

«As pugnas mais renhidas e escandalosas passaram-se entre os filhos de S. Bento. Aquelle licencioso e solitario mosteiro de Tibaens, em cujos sonoros claustros o leitor já ouviu talvez o reboar de seus passos toando nas abobadas profundas, alli, de tres

em tres annos, nos seculos XVII e XVIII, rara eleição correu pacifica, na vasta casa capitular.

«Ora degladiavam-se internamente os frades em dois bandos, ora congregavam-se compactos a rebater as influencias externas da corporação.

«Em Tibaens se elegiam o geral, os dois abbades e todas as prelasias de cada mosteiro. N'aquelle seminario de ociosos sevados, como varas de cerdos do empyreo, nasceram, medraram e procrearam os galopins eleitoraes.

«Em alguns annos, o dia 2 de maio, na casa capitular de Tibaens, era uma bengalé dos demonios, um pandemonium muito mais sacrilego do que ahi, em nossos dias, se vê nos templos, quando succede o cidadão eleitor ser esmurraçado, isto é, violentado no seu espirito liberal e no seu nariz, ao mesmo passo, ou com o mesmo murro.

«Os galopins monasticos de Tibaens davam mais que entender e vigiar aos secretarios de estado, logo que o mosteiro se afortalezava trancando as portarias.»

As aldeias do Minho

«Meus amigos, não procurem nas aldeias do Minho as alegrias da innocencia, as candidas pastoras e os puros amores do camponez que ama e canta, casa e reproduz-se, envelhece e morre sempre á sombra das suas arvores, em cujas ramarias as gerações

dos pintasilgos lhe cantaram o nascer e o amor, parecendo choral-o ao morrer.

«Ai, meus amigos, as aldeias do Minho! Como aquillo é tòrpe e melancolico! como tudo alli degenerou para nôjos e tristezas!

«A mim me tinham dito poetas umas coisas que não acreditei. Sá de Miranda, e Bernardes; Lobo, e Fernão Alvares; Camões, e Braz Garcia; Sá de Miranda, e Quita, os quatro pontos cardeaes tomados de poetas que melodiavam bucolicas, louvores de santa vida pastoril, virtudes de zagalas que faziam corar as rosas de puro envergonhadas!

«Eu não acreditava isto, embora o atricto de dois seculos embaciasse o lustro dos corações antigos, e complanasse os caminhos fragosos por onde os vicios não tinham podido trepar ás montanhas da minha patria.

«Que farte sabia eu que de ha muito não se comia bolota nos arcadicos remanços do sertão, nem as justiças dos Affonsos tinham pouco que testilhar com os salteadores nocturnos que envergavam de dia o surrão e cantarolavam innocentes endeixas ás pastorinhas tão gatunas como elles.

«Não obstante a minha descrença, o juizo que eu formava das nossas aldeias do Minho, graças á proverbial estupidez nativa d'aquelle gentio, era assim mesmo de tal tolice, que dir-se-ia ser eu de lá.

«Vivi anno e meio em um ponto do Minho onde a bestidade é culminante. Cuidei que a simplesa devia parelhar com a innocencia. Que as mulheres,

trescalando a raposinho e ao encodeado da lama, teriam as almas limpas.

«Que os homens, amando bestialmente quanto ao espirito, soffreriam os impetos do sangue, rebatidos pelo exemplo de seus maiores, pelo mêdo da deshonra, ou pelo terror do inferno. Presuppunha que as lides campestres eram revesadas de alegrias inoffensivas. Que os obreiros na volta da lavoira cantavam as velhas trovas de seus avós. Que as raparigas de um campo competiam no afinado das vozes com as do outro. Que o dormir fatigado d'aquelles estomagos frugaes e d'aquellas cabeças cheias de cerebro quieto como se fosse de grêda, tinha um alvorecer de luz interior, de consciencia desafogada.

«Ora vejam que esta illusão rolou á voragem das outras!

. . . . . .

. . . . . .

*

«Ai, meus amigos, se fòrdes ao Minho, subi aos picos das montanhas, bebei a sòrvos aquelle ar balsamico, vêde-me que céo aquelle, que estrellado escabello onde pousam os pés do Senhor!

«Não vades ás aldeias que alvejam por entre o cerrado das florestas; que ahi, tirante algum lombo de porco, tudo o mais é esqualido e repulsivo.»

Os dotes

«O Porto tem sete homens que baterão a setenta portas onde houver dinheiro, pedindo um dote, embora elle venha appenso á cozinheira da casa.

«Estes sete homens estão diante de vós, suspeitosos uns dos outros, observando-se de travez, com o diabo do ciume mercantil a devoral-os.»

*

«E no Porto? Isso então, rapariga bonita, ás duas por tres, está no papo d'um brazileiro que tenha cincoenta contos, tanto faz que elle seja velho, como zarolho, como rachitico.»

Antonio Joaquim Xavier Pacheco

«Este homem, tão de bem quanto insigne jornalista, já começou a dormir, ha tres annos (em 1863), o somno infinito. Presidiu á fundação de uma empreza litteraria, a mais próspera e das mais proficuas do nosso paiz. Viu-a na maxima fortuna e morreu. Mas, d'além-mundo, parece que ainda o espirito rico de bom conselho e primores de honra assiste á sua obra.

«Hoje (1866) ainda seus collegas, nas questões concernentes á mais prudente e avisada iniciativa da empreza, recordam os dictames de Xavier Pacheco, e dizem:

«— Elle pensava assim.

«Os homens uteis, como Horacio dizia de si e do seu talento, não morrem inteiramente.»

Nota do rapsodista. — A empreza a que se refere Camillo, é o *Commercio do Porto*. Os collegas alludidos, de Xavier Pacheco, foram Manoel de Sousa Carqueja e Henrique Carlos de Miranda, que teem hoje por successores, na direcção e gerencia d'aquelle considerado periodico, o decano dos diarios portuenses, os snrs. Francisco Carqueja e Bento Carqueja.

As Janeiras

«A noite de ámanhã, no Porto, é um inferno em que, se não ha o biblico estridor dos dentes, ha o flagicio das cabeças infligido pela orchestra barbara dos garotos, que conservam a instrumentação com que os pastores da Galilêa festejaram o Menino recem-nascido no presepio de Bethlem.

«São os ferrinhos, as sacabuxas, a viola chuleira, e as gargantas d'elles, que dilaceram pela rouquidão e pelos pigarros dos depositos dos maus vinhos.

«A cada par de patacos que arrancam ás familias que transigem opprimidas e compram o silencio d'aquelles bandidos, entram na taverna, aferventam o enthusiasmo, e esmurraçam as portas que não se abrem.

«Selvageria de cafres christãos. No Porto celebram-se de tal maneira as festanças ruidosas pelo natalicio do mansissimo Jesus, que parece, n'aquelles

estrondos de raiva e de algazarra, estar-se commemorando com dissonancias de reprobos, não o nascimento de Jesus, mas sim o nascimento do diabo.

«Ó Christo civilisador! envia um raio sereno e luminoso da tua graça áquelles garotos, visto que a policia não se importa.»

Excerptos

«Quando o espirito do homem se confrange arado por estas seccuras, e «saudades do céo», como diria Frei Luiz de Sousa, o anjo da graça vem, caminho da terra, a visitar o coração humilde que buscou em cima o que a sciencia profana lhe negou.»

*

«Aquelles abalos de crença, intermeados de frouxidão e descoroçoamento; aquellas alternativas que, a revezes, nos afervoram em amor divino, e entibiam em desamoravel negligencia, raros espiritos ha ahi que as não tenham experimentado.

«O infortunio é o despertador d'esses lethargos d'alma, que a prosperidade embalára no flacido repouso da indifferença.

«Que amarguras ineffaveis d'aquelle que, em debates de afflicção, pôz no céo os olhos lagrimosos, e ahi divisou unicamente a ordem impassivel dos mundos, a serenidade inexoravel das obras esplendidas de mysteriosa omnipotencia, estranha ao verme da terra que outro verme esmaga?!»

*

«Exhaurida a taça, sorvida já a peçonha nos haustos do prazer, o que é o homem em presença de si mesmo? O que é o homem, aos vinte, aos trinta annos, sem affectos do mundo que o alegrem da posse, e o nobilitem no fòro intimo de sua consciencia?

«O que é viver sem esperança de bens imperecedouros, sem a aza desferida para as regiões luzentes de além-tumulo, sem o apaixonar-se, e o arder vehemente em amores do céo? O que é o homem sem Deus?

«Não ha atheus, dizem. O materialista, o propugnador da escóla de sensação, o paradoxal philosopho do acaso, foi relegado para a historia das aberrações do espirito humano.

«Dizem mais: o espiritualista está hoje em todas as seitas philosophicas. A Allemanha, na vanguarda dos apostolos do deismo, esmerilhou os segredos da metaphysica até á intemperança. Deus não carece de ser demonstrado. As tendencias da alma bastariam a confessal-o, se não coexistissem com ellas as maravilhas da creação.»

O antigo janota

«Um joven bem estrellado de minas e camapheus, chama-se no Porto um janota.

«A menina ingenua diz á visinha: «Conhece aquelle janota?» ou: «Fulaninha namora um janota louro.»

«Não se cuide, porém, que este epitheto implica mófa ou menospreso, como em Maçãs de D. Maria, ou Lamas d'Orelhão.

«O janota portuense é uma coisa séria, que póde ser vereador, e irmão de ordem terceira.

«Por via de regra, o janota é uma creatura que nasce, cresce, abre-se em florescencia variegada de frakes, e colletes, e pantalonas; toma posse do balcão paterno aos trinta annos, corta o bigode para que lhe descontem as letras, põe oculos se teve o infortunio de estragar a vista com a luneta que lhe servia de não vêr nada, fructifica em creanças gordas que entrajam á escosseza, e escoa-se da vida atravez de quarenta annos de lerda pachorra de espirito, legando á prole um nome limpo, com pequenas farruscas que se ensaboam na barrela de um necrologio, e dois legados de cincoenta mil réis ás entrevadas da Cordoaria, e alguma coisa ao hospital do Terço.»

*

«Os elegantes da cidade eterna, ha vinte e cinco annos, seriam isto, quando muito.

«O peralta, o casquilho, o petimetre, antes da nobilitação da modesta e laboriosa burguezia, nunca poderam apégar n'esta terra.»

*

«Aquelle sujeito, que passou galhardamente, no seu estrepitoso fouveiro, Cangostas acima, quando a familia Barros estava congregada no escriptorio, era um moço bem apessoado, enlèvo d'olhos incautos, e

D. João Tenorio quanto cabia nas forças de um portuense de 1843.

«Havia-os então de bico revolto, fataes, menos scientificos que Fausto, e com mais quatro diabos no corpo que o outro. Que devastadores de corações em flôr e do mais!

«Se é certo tudo o que se diz dos peraltas portuenses de ha quarenta annos até á regeneração da moral, que data ahi de 1850 para cá, somos todos pouco mais ou menos filhos d'elles, embora nos assignemos com os appellidos dos maridos de nossas mães. Isto, se é verdade, bem que não lese as leis da procreação, é deshonesto e digno de esquecimento. Esqueça-se. Viva tanto esta lembrança, como ha de viver o livro que leva a denuncia.»

O bispo de Vizeu

«O fundamento da politica do ministerio em que o snr. bispo de Vizeu (D. Antonio Alves Martins) consubstanciava o espirito e actividade dos seus collegas, em poucas palavras se define: augmentar a receita e diminuir a despeza.

«Contra a ameaçadora fórma d'este moto de partido encapellaram-se para logo aversões filhas do interesse, odios inconciliaveis de classes e individuos afeitos a considerarem illegitimos os gosos da sua regalada posição.

«Como e quando se tinha operado o milagre de

extirpar o egoismo de cada um para melhorar a condição de todos? Quem tinha promettido ao novo gabinete neutralisar pela justiça as forças congregadas dos descontentes? Em que ponto de apoio haviam de assentar a alavanca os temerarios reedificadores?»

*

«Demittiu-se o bispo de Vizeu. O gabinete cahiu.

«Esta nova, posto que esperada, impressionou tristemente a maioria da familia portugueza.

. . . . . .

«Quem não sentiu pungimentos de saudade do poder, foi o snr. D. Antonio Alves Martins.»

Nota do rapsodista. — D. Antonio Alves Martins foi eleito bispo de Vizeu em 2 de julho de 1862, confirmado a 25 de setembro e sagrado a 1 de novembro d'esse anno, tomando posse a 30 de janeiro de 1863.

Nascêra na Granja de Alijó a 18 de fevereiro de 1808.

Foi par do reino, ministro do reino de 1868 a 1869, e de 1870 a 1871; interino da justiça e interino da instrucção publica.

No Porto, Antonio Alves Martins foi redactor do periodico *Nacional*, que teve por collaboradores Camillo Castello Branco, Evaristo Basto, Ricardo Guimarães (depois visconde de Benalcanfôr) e Gonçalves Basto, que tambem foi proprietario do referido periodico.

Poetas novos e poetas velhos

«Quanto ao poeta moderno, esse não. A trova póde expirar-lhe jovial, arpejada no mandolim tro-

vadoresco ou na guitarra fadista; mas o semblante ressumbra-lhe sempre a tristura das ideias incomprehendidas. Deixál-o dizer que é sensualista como Musset, sarcastico como Baudelaire e atheu como Richepin.

«Nos escaninhos tenebrosos d'essa alma, remorde uma preoccupação que o não incita a desfibrar corações de mulheres como Rolla, nem estrangular preconceitos, nem pulverisar as religiões, como aquelles dois demolidores, coripheus do satanismo.

«O poeta portuguez da ultima colheita, por via de regra, é bacharel formado; não pende a fronte febril de reformas sobre o ergastulo do Portugal hemiplegico, nem se inquieta com o mysterio d'além-tumulo — essa eterna provocação aos pessimistas que não crèem em Deus; queixam-se, porém, amargamente, porque Deus não se lhes manifesta.

«O nosso poeta não quer saber d'isso. No que elle pensa, sem reduzir o pensamento a alexandrinos, é em ser despachado delegado do procurador régio; e, emquanto o ouro do seu sonho não se amoeda em emolumentos, o aspecto do poeta denuncia tempestades interiores e projectadas vinganças de Aristogiton e Spartacus.»

*

«Eram de outra natureza arcadiana os vates ha cincoenta annos.

«Releiam a *Primavera* de Castilho, um livro mais difficil hoje de perceber que o *Mid summer night's dream* de Shakspeare, e o *Segundo Fausto* de Goe-

the. Mas não leiam os poemas, se preferem os estimulantes aos anodynos. Limitem-se regaladamente a saborear a prosa anteposta á *Festa de Maio*, na edição de 1837.

«Ahi vão vêr o que é alegria juvenil, que bucolica, que lyrica, que pantheismo!

«Uns jubilos doidos que tornam aquelles academicos, já homens feitos, um magote de rapazolas a passearem nos barracões das suas aldeias um *Maio* vestido de giestas floridas.»

Formosura das portuenses

«Homem de Lisboa, que entrasse no theatro de S. João, recordava-se de S. Carlos como quem se lembra de ter visto aquellas almas brancas e lividas das formidaveis visões do florentino; ao mesmo passo que os rostos carminados das filhas do norte realisavam o mais vivaz colorido do pincel flamengo.»

*

«A mulher do Porto, como ella era ha quinze annos, estava por adelgaçar, gosava-se de côres ricas de bom sangue; era redonda e brunida em todas as suas fórmas; o afogar do seu peito comprimido pelas barbas do collete, era como a oscillação de uma cratera, que vae romper á superficie; dardejava com os olhos; ria francamente com os labios inteiros; deixava vêr o esmalte dos dentes e o rosado das gen-

givas; meneava os braços com toda a pujança dos seus musculos reforçados; pisava com gentil desenvoltura; dizia com toda a lisura as suas primeiras impressões; ria-se com os chistes dos galãs que tinham graça; ouvia sentimentalmente as tristezas dos scepticos; doidejava nas vertigens da walsa; bebia o seu calix do Porto; comia com angelico despejo uma dezena de *sandwichs*; tornava para as danças com redobrado ardor; e, ao repontar da manhã, quando as flôres da cabeça lhe cahiam murchas, e as trancinhas da madeixa se empastavam com o suor na testa, a mulher do Porto era ainda formosa, mais formosa ainda pelo cansaço, a disputar lindeza á aurora, que nascêra para lhe disputar a belleza.

Rebates de consciencia

«Tomou o estudante uma casa, menos de modesta, em Santo Antonio dos Olivaes. Em redor da casa fechava-se o arvoredo de alamos, platanos e choupos. A mobilia era rigorosamente academica: as conhecidas cadeiras como inventadas para descadeirar os occupantes; a mesa de pinho pintado de verde; a tarima de espaldar de taboado com silvas de flôres amarellas, imaginarias, e superiores ás mais inventivas das florestas americanas. Tudo isto, porém, e o restante, que pouco mais era, limpo, repintado e lustroso, alegrava a casa. Depois, era no mez de abril, o abril de Coimbra, regorgeado de aves, arrelvado

de boninas, copado de sombras e harmonioso de murmurios.

«. . . E elle ia, tremendo, pedir resguardo ás azas dos anjos. As flôres que via, invejavam-lhe a pureza. Arquejava-lhe o seio cansado de retrahir-se: cuidava a doce creatura que o espirar alto a denunciava.

«Era o afogar d'aquelle seio como o da avesinha anciada que busca, de fronde em fronde, o ninho que lhe desfizeram. De longe o antevia pelos olhos da alma. As lagrimas teem seu odor: só lh'o não presentem os que as deixam gotejar sem misericordia, sem dó.

«O desgraçado lembrou-se que, cinco annos antes, tinha mãe, e que a prophetica senhora muitas vezes lhe dissera:

«— Presagia-me o coração que has de ser desgraçado, meu filho.

«— Porque? — perguntou elle.

«— Porque tens dezesete annos; sahiste hontem do collegio, e já hoje escarneces a religião de teus paes. Assim, tão cêdo, deixaste estragar o coração!. . . D'aqui a annos, nem por amor de teu nome, nem por calculo serás honrado.

«E cinco annos depois, e só então lhe lembraram as palavras de sua mãe. Era o seu anjo da guarda que as recebêra então, e agora ih'as offerecia á memoria, como lenimento d'aquella funda ulcera de descredito, desgraça e infamia.»

Origem e antiguidade do Castello da Foz

«Ha 298 annos (em 1570) que a rainha regente D. Catharina mandou ao Porto João Gomes da Silva com a missão de fortalezar as costas maritimas d'esta cidade. O documento d'esta mensagem está no archivo municipal, a fl. 142 do *Livro 1.º das Chapas*.

«Começou João Gomes da Silva a fortaleza de S. João da Foz. Parece que o Porto, mais commercial que bellicoso, não se prestou voluntariamente ás despezas da edificação. O enviado não era homem de contemplações: embargou e sequestrou logo as rendas da cidade e o rendimento das imposições. O senado reagiu requerendo, e vingou que, no anno seguinte de 1571, fosse levantado o sequestro, e desembargado o remanescente dos impostos, obrigando-se a pagar 120$000 réis cada anno para mantimento do capitão, bombardeiro e homens d'armas da nova fortaleza. *(Livro 1.º das Chapas*, fl. 145).

«Aquelles 120$000 réis eram pagos pelo rendimento do imposto do sal de 3 réis em raza, com resalva de que se pagariam por outras imposições, havendo quebras nas sizas. *(Idem*, fl. 148).

. . . . . .

«Obrigou-se mais a cidade a mandar concertar os telhados da fortaleza, isentando-se de pagar 10$000 réis ao capitão e aos soldados. Ora, como o povo se torcesse de pagar os 3 réis em raza de sal, encostando-se ao sophisma de não haver provisão de tal me-

dida, foi mister, em 1601, decorridos já trinta annos de contendas entre o governo e o senado, que o rei intruso rubricasse um alvará em que mandava pagar sem excepção de pessoa. *(Idem*, fl. 253).

«A camara, já forçada pela pressão dos castelhanos, obtemperou a todas as leis conducentes á morosa edificação do Castello, como se infere do documento que auctorisa o governador a gisar as obras e a camara a pagal-as. *(Livro 2.º das Chapas*, fl. 46 v.).

«Sem embargo, o Porto, sempre em rebellião com os cobradores do imposto, passou pelo dissabor de soffrer um embargo na renda das Alças, por ordem do governador das justiças e armas. *(Idem*, fl. 125).

. . . . . .

«Os modernos lexicographos dizem que *alça*, além de significar muitas coisas, desde o canhão da bota até á aza dos saquiteis das balas, em terminologia dos artilheiros, póde tambem significar «o dinheiro que se dá a mais do que é devido» ou «a fiança de seguro» . . . A meu juizo, o dinheiro depositado em caução de contractos com a camara era posto a juro, e sobre este juro é que o governador da justiça e armas cahiu com uma energia digna da inveja dos modernos ministros da fazenda.

«Todavia, a cidade, para se furtar ao pagamento, estava sempre levantando duvidas. A fl. 150 v. do *Livro 2.º das Chapas* vê-se que a camara duvidava pagar aos soldados com o dinheiro do cofre

das sete chaves que estava em S. Francisco. Logo adiante, fl. 154, é obrigada a cidade a pagar; porém, como os soldados se atiravam ao pagador e lhe tiravam violentamente o dinheiro, o governo mandava devassar dos salteadores, corroborando, não obstante, a continuação do tributo. (*Idem*, fl. 166 v.).

. . . . . .

. . . . . .

«Em 1647 ainda a egreja parochial de S. João da Foz convisinhava do Castello. D. João IV deu do seu bolsinho para a nova egreja seis mil cruzados, e os frades benedictinos de Santo Thyrso, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despezas. A egreja velha foi derruida, salvante a capella-mór, que sobreesteve para o culto do presidio.

. . . . . .

«Se as imagens da velha egreja passaram á nova, como devemos conjecturar, veneranda antiguidade contam aquelles retabulos, que não tiveram até agora, nem sei se a merecem, alguma consideração da arte. Bem póde ser que o tempo e o menospreço hajam sido injustos com alguns nomes que ainda alcançassem o reinado dos ultimos monarchas da dynastia d'Aviz.»

*

«No tocante ao seu governo interior (do Castello), deparam-se-nos ainda algumas noticias na *Chorographia* do padre Carvalho (tomo I, pag. 360). Ha 160 annos (em 1708) que o livro foi escripto. N'aquel-

le tempo, os quatro baluartes e o revelim eram artilhados com dezoito peças: doze de bronze e seis de ferro. Além dos artilheiros, que venciam 80 réis por dia, presidiavam-no quarenta soldados, commandados por um alferes. Na casa dos condes de Penaguião estava, desde D. João IV, o governo da fortaleza, com treze mil réis de soldo mensal. Os navios estrangeiros pagavam ao governador dois cruzados de sahida e cinco tostões de entrada. Navios portuguezes, o minimo que pagavam era dois mil réis. Os barcos de pescaria eram sizados no melhor peixe que trouxessem. As caravelas de sardinha pagavam um cento do seu pescado á entrada, e um tostão á sahida. Os hiates de sal e cal tributavam para o governador dois alqueires.

. . . . . .

A Misericordia de Braga

«A Misericordia de Braga esteve primeiramente no claustro da Sé, onde está a capella de D. Diogo de Sousa.

«D'alli mudou-se para a capella de Sant'Anna, no campo do mesmo nome; e d'aqui para o logar onde está.

«Os irmãos vestiam opas pretas.»

Os regedores e os porcos

«Desde remotas éras que os bons prosadores e até os grandes poetas nacionaes hostilisam os *regedores*. Já em Luiz de Camões se nota uma epica zanga contra esses funccionarios. Tres vezes, pelo menos, lhes chega nos *Lusiadas*.

«Considera-os venaes, e promptos a bandearem-se em perfidias e traficancias contra Vasco da Gama:

Por manhas subtis e ardis melhores
Com peitas adquirindo os regedores.

(Canto 8, Est. 52).

«Mostra-nos um regedor a machinar insidias contra o descobridor da India:

Mas o máo regedor que novos laços
Lhe machinava...

(Id., Est. 79).

«A final, invectiva-os francamente, chamando-lhes corruptos:

Regedor corrompido e pouco nobre.

(Id., Est. 96).

«Rolando no enxurro da corrupção de tres seculos, o que não será o regedor de hoje em dia?

. . . . . .

«É notavelmente mahometana a missão do regedor contra os porcos, na cidade do Porto, quando sòa a rebate nos arraiaes da saude publica.

«O odio dos heroes á raça suina é muito antigo, quasi mythologico. Bem sabem que uma das doze lendarias façanhas de Hercules foi matar o *Porco de Erymantho.*

«A metempsycose do Hercules suinóphobo manifesta-se no regedor actual quando os contagios ameaçam. Elle sente o bravo appetite de lhes comer os lombos assados com rodelas de limão.»

*

«O sevado, no dobar dos seculos, restaurou-se na sympathica confiança da especie humana, á custa de nos dar salpicão, orelheira, chispes e fiambres; mas ainda assim, quando as pestes faiscam ao longe, surde a metaphysica e grassa logo um certo pavor theocratico que insurge os conselhos de saude, *maxime* os regedores, contra a descendencia collateral dos obsessos de ha 1:900 annos; porquanto, se dominasse, em absoluto, o receio scientifico dos seus sujos predicados, antes de serem exterminados os porcos, convinha expulsar muita gente, além de immunda, sem aptidões para dar o salpicão, a orelheira, o chispe e o fiambre.

«Uns porcos improductivos, que estão a pedir syphões nas suas pessoas.»

Catão, o virtuoso

«Ora a severidade d'este Catão era tão proverbial, que Pompeu, posto que mais velho, quando elle entrava no tribunal, levantava-se.

«Quanto a dinheiro, era de um tal desprendimento, que falsificava os vinhos que vendia nos seus armazens, e tinha casas de alcouce por sua conta.

«Quanto ás mistelas que fazia do pseudo-falerno, não sei como elle sociologicamente se justificava; pelo que respeita aos bordeis, dizem que as meretrizes defendiam com os seus corpos a pudicicia das senhoras castas.

«Virtudes romanas.»

*

«Eu não inventei estas coisas. Contou-as Plutarcho *(Vidas dos varões illustres)* e commentou-as amplamente Eugène Londun *(L'Antiquité)*.

«Quando vos quizerem arreatar á virtude com o cabresto de Catão censorino e de Hortensio, o *homem de bem*, segundo Plutarcho, mandae á fava os pregoeiros das antigas virtudes do Lacio, e dizei-lhes que tendes melhores praxistas — o marquez de Sade e o Casa-Nova.»

Arthur Napoleão

«Era uma loura creança aquelle anjo de graça e harmonia, que ha quinze annos (1851), no palco de

S. João, nos fez desconfiar da curta vida que, na imaginação popular, ameaça os talentos precoces. Não sabemos o porque d'este receio supersticioso: o certo é que entende com o céo a poesia dorida com que, de uma creança atilada e encantadora, dizemos:

«— É de Deus.

«Em verdade, este dito encerra uma recondita philosophia. Afigura-se, talvez, á gente que ha uma craveira, por onde se medem as faculdades d'alma, contingentes com as coisas d'este mundo: e que os espiritos, temporãmente desenvolvidos, apenas attingem o grau da possivel e extemporanea perfectibilidade, desatam-se dos liames materiaes, e voejam ao ponto culminante d'onde baixaram.

«Não será isto; mas seja o que fôr, o nosso receio pela demora curta dos engenhos extraordinarios n'esta vida, não é preconceito meramente popular: presagio é, ainda bem que falso, com que os mais despreoccupados corações estremecem o talento infantil.

«Isto sentimos quando aquella creancinha angelica, quinze annos vão passados, agitava o teclado do piano com as orlas das suas azas. Havia n'aquelle vertiginoso agitar alguma coisa da avesinha que se ensaia para remontados vôos. E era.

«Os vôos desprendeu-os já, não para o invisivel, onde a saudade do paiz, de conterraneos, e de portuguezes haviam de ir procural-o; mas por esse mundo além, mundo que se lhe fez patria, mundo

que lhe deu milhares de corações palpitantes de enthusiasmo.

. . . . . .

. . . . . .

«Amemos e reverenciemos, pois, aquelles que, á semelhança de Arthur Napoleão, diante de milhares de espectadores, suscitam honrosas memorias de Portugal.»

Nota do rapsodista. — Arthur Napoleão, o notabilissimo pianista, nasceu no Porto, na freguezia de S. Nicolau. Referindo-se ao seu talento extraordinario, publicou a *Musical Union de Londres* a noticia seguinte:

«Arthur Napoleão. — Mozart visitou a Gran-Bretanha em 1764, e tres semanas depois da sua chegada, foi duas vezes convidado para tocar diante do rei e da rainha de Inglaterra. O joven Arthur acha-se ha mais de doze mezes na Gran-Bretanha, e tem juntado mais dinheiro com o producto de seus concertos do que pianista algum conhecido; mas ainda não inspirou bastante interesse á familia real para ser ouvido por ella!

«Como genio creador, seria um absurdo o querer comparar qualquer talento precoce ao joven Mozart; considerando, porém, as enormes difficuldades que apresentam os solos, para piano forte, tocados por o joven Arthur, não hesitamos em o proclamar superior em execução ao proprio Mozart.

«O pae d'este joven diz que seu filho possue, desde a idade de oito annos, os conhecimentos de uma pessoa de quarenta.

«Este menino falla tres linguas, e revela uma intelligencia espantosa ácerca de qualquer assumpto de que se trate, e tem por mais de uma vez maravilhado os seus amigos

pela facilidade em improvisar, ou apropriar a musica a qualquer assumpto dramatico.

«Emfim, considerado sob todos os aspectos, é a maior maravilha em musica, que tem apparecido desde a visita de Mozart a este paiz. Tanto em Lisboa como em Paris, tem recebido bom acolhimento dos monarchas, e em Dublin foi presenteado com um objecto de prata do valor de cem libras, e hoje o seu talento será devidamente apreciado pelos melhores artistas e amadores de Londres.»

Arthur Napoleão duas vezes tocou em Berlim perante a familia real, a quem foi apresentado por Meyerbeer.

Chalaças, estanques e tabacarias

«A isso que hoje por ahi se inculca subtil remoque, arranque de espirito, chamavamos nós *chalaças*; e as agudezas que actualmente celebrisam os Sternes e Pirons das *Havanezas* chamavamos, n'esse tempo, *babuzeiras*, provavelmente — umas facecias aziumadas de velhice e expostas nos *trottoirs* betuminosos das tabacarias.

«Na mocidade de João Roberto [1] e na minha, os estanques eram sentinas deleterias, umas colonias de microbios virgulados ainda então ineditos, pestilen-

[1] João Roberto de Araujo Taveira foi juiz da Relação do Porto, collaborador do *Echo Popular*, de José Lourenço de Sousa, e assiduo frequentador do café Guichard, que existiu na Praça de D. Pedro.

Nota do rapsodista.

ciaes escandalos onde os viciosos, por mêdo da opinião publica, não paravam.

«Os contractadores do tabaco eram umas especies peoradas de *Mellos do Casacão* (Deus perdôe a todos!) que viviam medradamente das agencias d'aquelles bordeis de nicotina.

«A tabacaria ainda não tinha usurpado á botica a concorrencia de individuos, pletoricos de anecdotas lubricas, e archivistas dos maus costumes das familias de suas relações.

«A botica era o queimadeiro subalterno dos creditos, uma especie de patibulo succursal do *Palheiro*, grande centro constituido em uma sala especial da *Assembleia da Trindade*. Fazia-se alli a *Pall Mall Gazette* verbal do Porto, e esboçava-se a preexistencia do *Daily News*, de Chicago.

«A maledicencia do café Guichard era a vingadora das victimas do *Palheiro* em particular e da botica em geral.

«Nós profligavamos a corrupção dos velhos, a putrilagem purulenta que infeccionava, com a lingua, toda a florescencia das almas novas.»

O Palheiro

«Os socios d'esta congregação, chamada *Palheiro*, eram pessoas respeitaveis, maiores de cincoenta annos, qualificadas na gerarchia ecclesiastica, no commercio nobilitado, e na magistratura, sendo o

principal elemento do *Palheiro* negociantes aposentados, vindos do Brazil.

«A razão de chamar-se *Palheiro* áquella reunião, não a sei. Conjecturalmente diziam alguns etymologistas que *palheiro* derivava de *palha*, querendo concluir que o pensamento de quem déra o nome á coisa, fôra significar o alimento natural dos socios reunidos n'aquelle ponto do edificio.

«Acho muito violenta e sobremaneira desattenciosa a hypothese.»

Fr. Diogo da Assumpção

«Diogo era filho de um fidalgo de Vianna do Minho, ou de Vianna de Caminha, como então diziam. O ruim sangue procedia-lhe da mãe, que era christã nova.

«Professaram elle e um irmão. O irmão morreu martyr pela fé de Christo no Japão; fr. Diogo fugiu do convento e andou por Flandres e Inglaterra prégando contra Christo e contra a fradaria. Da lei christã dizia elle (se a sentença não mente) que tinha sido forjada por uma malta de criminosos foragidos por entre penedos á justiça dos Cesares; dos frades affirmava que, sobre serem maus, eram ignorantissimos.

«O descôco de vir metter-se nas garras dos inquisidores, depois d'aquillo, não sei explical-o! Preso sei eu que elle foi; e conduzido á mesa do tribunal,

confessou os seus erros, pediu perdão com muitas lagrimas e submetteu-se á penitencia que lhe impozessem, implorando-a com vehementes mostras de contricto.

«Vae se não quando, volvidos dias, torna fr. Diogo ao tribunal e declara que é hebreu, que se desdiz da inconsiderada abjuração que fizera da sua crença profunda e inabalavel em Moysés. Corre uma formal descompostura aos inquisidores, e trata de os reduzir á verdadeira religião, querendo convencêl-os de idolatras e parvos. Á cruz chamava o impio dois paus; dizia que Jesus era remido e não redemptor; que os tres deuses da Trindade eram puro gentilismo; que isto de santos era uma historia de origem pagã; que a eucharistia da missa era pão; que Jehovah promettêra restaurar a paz quando viesse ao mundo, e que, depois de Christo, a guerra ardia como d'antes; que o baptismo era uma lavagem d'agua nem sempre limpa; que os inquisidores eram uns ladinos biltres de quem o verdadeiro Deus não recebia senão affrontas.

«Chamado outras vezes ao tribunal, subia de ponto nas insolentes impiedades. Rejeitou lettrado que o defendesse e padres que o admoestassem. Deixou-se ir á fogueira com espantosa serenidade, e morreu com os olhos postos no céo e os braços amarrados a um poste.

«Os hebreus inscreveram-no logo na extensa lista dos seus martyres, e o doutor Antonio Homem levantou-lhe altar ao seu retrato.

«É de saber, diz o meu manuscripto, em que li o traslado da sentença pouquissimo conhecida, que o pae d'este frade foi chamado de Vianna e mettido na masmorra com o filho, a vêr se o demovia. Pobre pae!

«Como elle sahiria do carcere na vespera do dia da fogueira! Não conseguira senão arrancar lagrimas de sangue ao coração do pobre moço, que se deixava matar antes dos trinta annos!

«Ajunta o *Ms.*: «E seu pae sentiu isto tanto que, sendo morador dentro da villa de Vianna, em casas suas proprias, se sahiu d'ellas, e as deixou cahir, indo residir em uma quinta sua, onde ainda viveu muitos annos e morreu muito velho.»

«De maneira que este excruciado pae creára dois filhos para martyres de suas diversas religiões.

«Se aquellas duas almas se encontrariam com a do ancião na presença do verdadeiro Deus!...»

O vinho do Porto

«Ha trinta e cinco annos (em 1849) que um bretão anonymo lavrou na *Westminster Review* a condemnação do vinho do Porto como deleterio e empeçonhado por acetato de chumbo e outros toxicos anglicidas.

«O homem, pelas rábidas violencias do estylo, parece ter redigido a calumnia depois de jantar, em uma exaltação capitosa do tannino do alvaralhão que

elle confundiu com as afflicções dos venenos metallicos.

«Relembra lamentosamente, com a lagrima das bebedeiras ternas, o seculo dezoito, em que o genuino licor do Porto era um repuxo de vida que irrigava a preciosa existencia de grandes personagens da Gran-Bretanha.

«Recorda Pitt e Dundas, Sheridan e Fox, famigerados absorventes do nosso vinho.

«Diz que Lord Eldon e Lord Stowel, graças infinitas ao Porto, reverdejaram e floriram em velhos; e Sir William Grant, já decrepito, bebia duas garrafas de *Porto*, a cada repasto, para conservar cristallinamente a limpidez das suas faculdades mentaes e a rija musculatura de todos os seus membros já locomotores, já apprehensores, e o resto.

«Lamenta que Pitt, debil de compleição, com o uso immoderado d'este tonico, e em resultado de plethoras frequentes combatidas com ammoniaco e sulfato de magnesia, vivesse dez annos menos do que viveria se possuisse o incombustivel estomago curtido do veneravel Lord Dundas.

«Succedeu, porém, ao collaborador da *Westminster Review* achar-se dyspeptico, com azias, relaxes intestinaes, eructações cloacinas, e o craneo sempre flamejante como suja poncheira, com o encephalo em combustão de cognac e casquinha de limão — isto depois de saturações copiosas dos vinhos adulterados do Porto, — *uma mixordia negra*, diz elle afflicto; mas não sabe decidir de prompto se a de-

generação está na raça saxonia, se no vinho portuguez. Pelo menos e provisoriamente considera-se envenenado, o bruto.»

Dr. Custodio José Vieira

«Quem dirá que chora Custodio José Vieira?

«Quantas vezes eu tenho pedido aos maus julgadores que o reputem menos sanhudo que o leão da Numidia e o tigre de Benguella!

«Os que ó viram tribuno, nas praças e na imprensa, dizem que elle seria capaz de devorar uma familia real inteira, como quem come um pastelão de pombos.

«Os que o ouviram nos tribunaes, pedindo aos próceres da republica que se lavassem das nodoas indecorosas á sua memoria, aventaram n'elle o sanguinario orador romano que pedia a cabeça de Catilina.»

Nota do rapsodista. — O dr. Custodio José Vieira foi um advogado fogoso, nos tribunaes portuenses. Tambem foi, por esta cidade, eleito deputado ás côrtes. No trato intimo, era extremamente affavel.

Lomar

«Lomar (S. Pedro de Lomar, freguezia circumvisinha de Braga) — Chama-se assim, porque no tempo

dos suevos e mais longe havia ahi um lago artificiosamente feito, na chan, que ainda hoje se vê, e, segundo os vestigios, tinha de circumferencia meia legua, e lhe ia do rio Deste a agua.

«Era quinta real de prazer. E como a linguagem antiga se parecia com a gallega, e o lago por sua grandeza semelhava o mar, os que lá iam divertir-se ou pescar em botesinhos, diziam uns aos outros:

«— Vamos a *lo mar?*

«Juntas depois as duas dicções em um só nome, ficou *Lomar*, onde se edificou mosteiro benedictino.»

Os jantares do Forrester

«A sua casa luxuosa na Ramada-Alta era o confluente dos próceres portuenses e da provincia vinicola. Titulares, desembargadores-conselheiros, ministros de estado honorarios, os maiores proprietarios do Douro, e poetas arcadicos de pacotilha, que faziam dithyrambos ao jantar.

. . . . . .

. . . . . .

«Alli concorria o desembargador Fortunato Leite, cheirando os vinhos que já não podia deglutir e arrotando pelo nariz sobre os calices. Ao pé d'elle estava o visconde de Veiros, o Mello das Aguas-Ferreas, expondo a dois morgados de Riba-Douro a sua

erudição em genealogia, uma sciencia em que se distinguem muitos parvos, se teem memoria.

«O ministro de estado honorario, João Elias, alambasava-se em *pudding*, que comia com a faca. O Affonso Botelho, de Passos, de uma *gentil-hommerie* transmontana, paparrista, rorejando as phrases e os circumstantes com uma salivação caudal expedida de entre os dentes illegitimos, como do crivo de um borrifador. Elle chamára patife a Forrester em 1845, no *Periodico dos Pobres*, e acclamava-o então nos brindes o anjo tutelar do Douro que lhe comprava as colheitas a elle Affonso.

«Avultava o velho Manoel Broune, dominando a vozeria com as suas gargalhadas estridentes e honradas. O typico Gonçalo de Barros, a correcção no despejo, negociante de vinho, de casamentos proprios e alheios, de tudo que é negociavel, com mais farças e melodramas e tragedias na sua vida que o archivo do extincto theatro do Salitre...

. . . . . .

«Via-se o Eduardo Moser, então visconde embryonario, a esperteza do alho e a finura do coral feita homem; manancial de salvaterios commerciaes, agricolas, industriaes, esterilisados pela inveja e pela ignorancia dos seus auditorios; raro dom prelucido de prophecia, mas condemnado, como Cassandra, a não ser acreditado.

. . . . . .

«Confluia a todos os jantares assignalados o arcediago Cunha Reis, um velho palaciano de Braga,

adiposo, apesar de ressicado interiormente por diversas ingratas materialistas que elle idolatrava com psycologismo incomprehendido, mas consentaneo á sua idade séria.

. . . . . .

«Era certo o João Nogueira Gandra, que recitava sonetos de improviso com quinze dias de lima e de contagem pelos dedos, sob a torrente da inspiração.

. . . . . .

. . . . . .

«Concorriam tambem os irmãos de D. Jeronymo, bispo do Porto, dois velhos casquilhos, vegetalisados em dois pimentões ao *toast*, sempre á cata de umas Suzanas pouco ariscas — Suzanas da barcaça do João Coelho, a oito vintens por banho, — e mordiscavam com as suas dentaduras de gutta-percha varios pomos sorvados e nada prohibidos.

. . . . . .

«Era tambem infallivel nos lautos banquetes do Forrester o Custodio Pinheiro, visconde de Villa Verde, a contar ao João Elias que a sua esposa cozinhava uns ricos *fósferinhos* (fofinhos) para o chá; mas que elle já não podia cear senão chá preto com *fateias*.

«Defronte, o visconde de Alpendurada, presidente da camara, promettia a um jornalista, se os eleitores o conservassem á testa do municipio, dotar o Porto com o embellezamento das latrinas *theodoras* (inodoras).

«Um folhetinista d'aquelle tempo, o creador do espirito nas gazetas portuenses, Evaristo Basto, dizia-lhe que seria melhor, em vez de dotar o Porto com latrinas theodoras, o embellezasse antes com algumas donzellas do mesmo nome.»

Nota do rapsodista. — James Forrester, barão de Forrester, natural da Gran-Bretanha, pereceu, como é sabido, afogado no rio Douro, victima de um sinistro, do qual escaparam outras pessoas gradas, do Porto, que desciam o Douro no mesmo barco.

Quem quizer verificar a noticia do facto, a que me refiro, leia o *Commercio do Porto*, de 14 de maio de 1861.

O annel da benção

«Contam antigas e indubitaveis chronicas uma passagem que merece resurgir-se do esquecimento.

«Lá no principio da monarchia portugueza floresceu em altas cavallarias um fidalgo, de nome Fernandianes de Lima, neto de D. Thereza Vermudes, irmã d'el-rei D. Affonso Henriques.

«O qual fidalgo, sahindo a espraiar cuidados fóra da tenda erguida em arraial contra a moirisma, topou uma brava cobra remettendo contra duas doninhas, que defendiam a toca de um castanheiro onde ellas haviam aninhado os filhos.

«A serpente, bem que repellida a impetos das doninhas, que a dentavam, se alguma vez as cingia nas roscas, despicava-se coando-lhes peçonha, que as fa-

zia logo inchar. Era então de vèr, e louvar a Deus, a pressa com que as doninhas iam espojar-se e tosar n'uma moita de saramagos, d'onde sahiam desinchadas e rijas para a peleja.

«Sem embargo dos seus conhecimentos pharmacologicos, os bichinhos, assoberbados pela pujante cobra, iam já fugindo de esfalfados, largando os filhos á voracidade do inimigo vencedor.

«O fidalgo, visto o desfecho da lucta e o rastejar da serpente para o ninho, enviou-se contra ella e escalavrou-a a bordoadas.

«Contente do feito, Fernandianes de Lima voltou ao campo, e relatou aos seus camaradas o caso.

«No entremeio da narrativa, deram tento os ouvintes de uma doninha que se acercava destemida e airosa do grupo. Calou-se o narrador mui attento no sylvestre brutinho que parecia demandal-o. Como de feito. Abeirou-se d'elle a doninha, e depòz-lhe aos pés uma pedra preciosissima, mostrando (moralisa fr. Pedro de S. Francisco) que devia gratificação ao favor que d'elle recebêra e a vingança que por ella havia tomado de seu inimigo; e que pois a não podia dar com a bocca, que d'ella acceitasse aquella pedra que lhe alli deixava [1].

«Levantou o insigne capitão a pedra e encastoou-a em um annel, que deixou a seus illustres descendentes. Chamou-se o legado o *annel da benção*, e assim

[1] Explicação do psalmo 50; na Dedicatoria.

denominado ficou em vinculo no seu morgadio, cuja representação gosaram os viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte do Lima.

«Que será feito do annel do sobrinho do rei Affonso Henriques?

«Quando fr. Pedro de S. Francisco, no fim do seculo XVI, dedicava a sua *Explicação do psalmo 50* a soror Isabel de S. Antonio, da casa dos Limas, oriundos de tronco real, ainda o annel da benção estava no morgadio.

«Vive em Lisboa (em 1868) o desvalido representante d'aquella realenga prosapia. Não cuideis que possua o annel quem se ha visto a braços com a pobreza, sem resvalar do fidalgo pundonor de seus avós.»

Francisco Eduardo — O poeta da musica

«E, depois d'esta meditação maguada á beira das humildes vallas (no cemiterio do Prado do Repouso), levantaria o espirito em contemplação de mais elevada philosophia, diante do monumento de Francisco Eduardo.

«Restar-me-hia á compuncção o recordar-me das musicas sagradas do bem fadado poeta, poeta devéras, que andava em competencia com as melodias dos anjos, até que elles o levaram para si.

«Ás vezes, quando alli estou alheado, e as ramas dos cyprestes rumorejam, quer-me parecer que n'aquella musica, entendida da alma, resoam notas

do *Stabat Mater*, que eu tinha ouvido com o espirito enlevado em doloroso prazer, se assim posso expressar-me.»

Nota do rapsodista. — Francisco Eduardo da Costa nasceu em Lamego a 15 de março de 1818. Viveu no Porto, onde falleceu em 27 de agosto de 1855. Jaz no cemiterio do Prado do Repouso, em um sumptuoso mausoléo que lhe mandaram erigir os seus amigos e discipulos. O mausoléo, erecto na orla da avenida principal, é encimado pelo busto do illustre compositor.

Francisco Eduardo escreveu, em 1835, um *Te-Deum* a grande orchestra, que se executou na Real Capella da Lapa, quando D. Pedro IV, acompanhado de sua filha D. Maria II, visitaram o Porto.

Foi um dos fundadores da Sociedade Phylarmonica, a qual, em 1880, se fundiu no Club Portuense, existente na praça da Trindade, no palacete de Antonio Bernardo Ferreira.

Francisco Eduardo foi mestre e organista da Sé cathedral do Porto, por nomeação do bispo D. Jeronymo Rebello.

Deixou numerosas composições religiosas, que ainda hoje são executadas em varias solemnidades, nos templos portuenses, pela orchestra da capella Silvestre, a qual teve por fundador Silvestre d'Aguiar Bizarro.

Pensamentos de Camillo

«O crime, por mais que se esconda, tem lume de inferno que fumega sempre.»

*

«O ar temperado do amor, aos dezenove annos, é o dos volcões.»

*

«O facto de uma mulher admirar o seu Poeta, antes de o amar, é um obsequio de que os poetas amantes devem lisonjear-se quasi nada.»

*

«Quem póde vêr insensivelmente o alheio infortunio, ignora que ha dôres. Ignorál-as é não as ter experimentado.»

*

«Ás vezes a prosa dos amantes leva uns realces de sentimentos que os versos não teem; são as nodoas das lagrimas.»

*

«As injustiças, se alanceiam as victimas, tambem ferem quem as faz.»

*

«As mães sabem tremer, mas não sabem prevêr. Não dão tino da nuvem que se carrega e escurenta; mas gritam muito quando o raio se desentranha da nuvem.»

Præceptor infeliz

«Assim foi chamado o lente da Universidade, dr. Antonio Homem, que a inquisição matou em 1624. Da sentença, que tenho manuscripta e foi publicada nos n.os 3 e 4 do *Antiquario Conimbricense*, não se colhe a idade e a filiação do «professor infeliz»; mas

as notas que marginam a sentença do meu *Ms.* dizem que Antonio Homem, quando foi assassinado, teria sessenta annos, e era alto e bem disposto.

«Foi filho de Jorge Vaz Brandão, christão novo, e de sua mulher, que era filha bastarda de Gonçalo Homem. Este Gonçalo Homem foi filho de Gil Homem, d'Aveiro, e de sua primeira mulher Brites Nunes, filha de Gonçalo Nunes Cardoso, chamado «o rico d'Aveiro», todos pessoas nobilissimas.

«Antonio Homem Brandão (e não *Leitão*, como equivocadamente diz Francisco Freire de Mello na sua Representação ás côrtes, impressa em 1821, contra a Inquisição), doutorou-se em canones, foi lente de prima na Universidade e conego doutoral da Sé de Coimbra. Accusado de presidir ás ceremonias dos jejuns dos judeus em sua propria casa e de crimes d'outra ordem offensivos da dignidade humana, insistiu contumazmente na negativa, e foi portanto queimado.

«Ordenou, além d'isto, a inquisição que as casas de Antonio Homem se arrasassem e semeassem de sal, e nunca mais se reedificassem. E sobre as ruinas complanadas do edificio mandou levantar um padrão alto com lettreiro que declarasse o horrendissimo caso!

«Assim se fez.

«O meu manuscripto foi datado em 1720.

«N'este tempo existia uma praça ao pé das Olarias.

«As casas do dr. Antonio Homem tinham enchi-

do toda a área da praça. Não sei se ainda existe o local desoccupado.

«Ergueu-se o padrão commemorativo, architectado com duas pedras quadrilongas sobrepostas.

«A pedra cimeira cahiu em 1705 de uma maneira tragica e azada para commentarios supersticiosos. E não se fizeram poucos. Passou assim:

«Em maio d'aquelle anno, festejando os conimbricenses a reeleição do geral de Santa Cruz, transitavam pelas Olarias uns mascarados truaneando. Um d'elles, beirão, estudante de medicina e christão novo, apartando-se dos outros, foi abraçar-se á columna. Eis que a pedra de cima rue sobre elle e o mata, sem lhe dar tempo a proferir palavra.

«Não sei se a pedra foi reposta, nem quando o padrão foi demolido. Póde ser que elle esteja formando parte d'alguma parede das casas visinhas. Pois, se viesse a ser descoberto o padrão de Antonio Homem, não sei que reliquia phenicia ou romana lhe ganhasse em quilate archeologico.

«O doutor infeliz foi canonisado entre os seus correligionarios. Os hebreus de Lisboa intentaram crear alli uma irmandade de Santo Antonio com o velhacaz proposito de adorarem clandestinamente o seu santo, zombando assim do outro homonymo do calendario catholico. Descobriu-se-lhes a tempo a malicia, e não vingaram a manhosa devoção. Foi bom! Forte escandalo!

«Eram muito usuaes estas canonisações entre a gente hebraica. Já Antonio Homem, na sentença, é

accusado de ter em sua casa um retrato do capucho portuguez fr. Diogo da Assumpção, que tinha sido queimado tambem judaisante em 1603. O retabulo descobria-se e era incensado nas ceremonias dos jejuns judaicos.»

Garrett, Camillo e a pronuncia bracarense

«Sejas tu de Vraga ou de Voiças, cala-te, que não estou para te aturar, etc.

Garrett.»

Camillo defende Braga do sestro que lhe imputou Almeida Garrett de trocar, na pronuncia, o *b* pelo *v*. Escreve ironicamente o eminente romancista:

«Em Braga, tirante a gente miuda, fallam o portuguez limpamente as pessoas de mediana leitura, e em perfeito grau as instruidas.

«O auctor da *Sobrinha do Marquez* á fina força queria que os bracarenses fossem gallegos.

«A *sordida ignorancia*, d'essa não ha vestigios, nem do *bê*, nem do *resfôlego nasal*.

«Nariz e beiços levaram grande volta. Hoje predomina o *v*. Tudo é *vom* e *vonito*.

«As damas principalmente, mais communicativas com as de Lisboa, já penduram uma chroma de sons de cada palavra interrogativa.

«*Passou vem?* Este *vem* é um zunido, que dura

o tempo necessario para o interrogado responder com a historia de uma anasarca em si e duas hepatites chronicas na familia.»

Entre conjuges — Singular assassinio

. . . . . .

«Entraram a viver mal (marido e mulher). Pensava elle em descobrir o segredo, e ella em escapulir-se á colera do marinheiro, quando o segredo fosse descoberto.

«Visitou-a, n'este apêrto, um infernal pensamento: desfazer-se do marido, apartal-o de si, mediante uma pedra de sepultura.

«Este alvitre, quer lh'o aconselhasse Januario (o amante), quer o demonio, que tudo era um, pesou-lhe tanto na alma perdida, que de concebêl-o a executal-o não teve sequer tempo de escolher um modo decente de o matar.

«— Pois matou-o indecentemente? — perguntam as pessoas limpas e espavoridas.

«Tentou matal-o por suja maneira, senhores meus: matal-o com uma mézinha ministrada por meio de uma seringa.

«É onde póde chegar a imaginação depravada! A proposito d'isto exclamava Nicolau Tolentino, contemporaneo do caso:

Que novo invento é este de impiedade!»

Nota do rapsodista. — A culpada foi enforcada e o marido escapou da funesta seringadela. Poetas consagraram versos á heroina, e um d'elles dedicou-lhe estes:

Essas faces, que á purpura da rosa
Emulações faziam, murchas vejo;
A côr que n'ellas vi já tão formosa,
Até de se mostrar hoje tem pejo.

Acabou-se essa graça primorosa;
Nem de ser o que foi já tem desejo.
Vae, não chores... sobe á forca e morre!
Chora o mundo por ti... não te soccorre!

Agora outro:

Vê aquella que em mimos da ventura
Sempre foi de formosa celebrada!
Que abysmos abre o mundo á formosura!

Nos braços d'um verdugo desmaiada,
Vae... aonde? resvalar á sepultura...
Já não tens mais que vêr... Segue a jornada.

Lindos titulos

. . . . . .

«N'uma livraria modesta encontramos em prova d'isto a mais bella collecção de lindos titulos; todavia, como elles enganam!

«A gente, folheando os livros, não lhes encontra poesia senão nos frontespicios; mas força e dizer

que, em muitos, sobra a erudição e o ouro da lingua onde falta o deleite promettido no rotulo.

«Aqui verá o leitor os titulos de que ha de fugir, se o seu intento, quando lê, é gastar tempo sem dar que fazer ao coração:

«*Jardim symbolico*, por Manoel de Campos Moreira.

«*Jardim do céo*, por Soror Maria Benta.

«*Jardim da Sagrada Escriptura*, por fr. Christovão de Lisboa.

«*Jardim espiritual*, por fr. Pedro de Santo Antonio.

«*Jardim sagrado*, por um eremita.

«*Jardim de Portugal*, por fr. Luiz dos Anjos.

«*Jardim anagrammatico*, por fr. Affonso d'Aleala.

«*Jardim carmelitano*, por fr. Estevam de S. Angelo.

«*Jardim da alma*, por Caetano Ferreira da Costa.

«*Delicioso jardim*, por Thomaz José d'Aquino.

«*Flores celestes*, por José Cortez Solposto.

«*Ramalhete de bernardices* (este é bom).

«*Ramalhete espiritual*, por fr. Antonio das Chagas.

«*Ramalhete das damas*, por Raphael Coelho (este é o melhor, por ser o mais inutil).

«*Ramalhete*, periodico (força pelo antecedente).

«*Vergel de plantas e flôres*, por fr. Jacintho de Deus.

«*Ramalhete poetico*, por José Antonio de Valle.

«*Ramalhete de myrra*, por Leonardo Brandão.

«*Rosas do Japão*, por fr. Agostinho de Santa Maria.

«*Florilegios dos modos de fallar*, por Bento Pereira.

«*Nova floresta*, por Manoel Bernardes.

«*Floresta novissima*, pelo padre Manoel Consciencia.

. . . . . .

«Quem podér cheirar os aromas de tanta coisa odorifera fica perfumado, se o pó do papel roído e pòdre lhe não tiver antes ralado os pulmões.»

A carteira d'um suicida

«Um meu amigo, que tinha conhecido muitos amigos infelizes, e tinha lido as minhas novellas, disse-me uma vez:

«— Tenho observado que vossê inculca verdadeiras todas as suas historias.

«— E vossê duvída?

«— Duvido, porque as acho verosimeis de mais.

«— Isso é absurdo, com o devido respeito. Pois, se as minhas historias fossem impossiveis, seriam mais possiveis?

«— A pergunta formulada d'esse modo é irrespondivel; mas o que eu queria dizer não é o que vossê entendeu.

«— Faça favor de se explicar.

«— Lá vou. A verdade é ás vezes mais inverosi-

mil que a ficção. O engenho do romancista concatena os successos com tanta logica e coherencia, que o espirito não póde negar-lhes a naturalidade. As occorrencias advéem tão harmoniosas, os successos filiam-se e reproduzem-se tão espontaneamente, que o leitor póde, sem desaire da sua critica, pensar que o romancista é muitissimo mais correcto e natural que a natureza.

«Ora agora, o modo como as coisas reaes se passam, os disparates que a gente observa, o desconcerto em que andam a previdencia do homem com o resultado phenomenico e sempre ordinario das realidades, isso, meu amigo, é que as torna inverosimeis e inacreditaveis, se vossê ou eu as contarmos com a simplicidade e nudez de que se ellas vestiram aos nossos olhos.

«Sei eu acontecimentos que, relatados como eu os presenciei, seriam incriveis, e, compostos com a mentira da arte, seriam as delicias do leitor, que julga só verdadeiro o que é possivel ter acontecido. D'onde eu concluo que a arte é muito mais verosimil que a natureza, e que os seus romances são inacreditaveis, por isso que são verosimeis.

«Se vossê estivesse agora de pachorra, lia-lhe eu um romance, que tenho n'esta gaveta, e que não ousarei publicar sem a certeza de que a moderna escóla do verosimil cedeu a epocha á escóla da verdade.»

«— Queira lêr, se não tem mêdo que eu me imposse da sua propriedade.

«— Não tenho: faça o uso que quizer do que vae ouvir.»

*

«Disse, e tirou uma carteira da gaveta, e da carteira algumas cartas.

«— O romance está aqui — proseguiu elle. — De minha lavra tenho pouquissimo que lhe diga. Leia vossê essa carta.

«Antes de a desdobrar, li escriptas a lapis estas palavras: *segunda carta.*

«Disse eu ao meu amigo:

«— Olhe que diz aqui *segunda:* veja se tem alguma primeira, que deva ser lida antes.

«— Não tenho. Ahi principiam as inverosimilhanças da verdade. A primeira carta é segunda.

«Nenhum romancista de imaginação começaria o entrecho da sua novella pela segunda carta; e, quando mesmo tivesse de adulterar a verdade, não faltaria aos respeitos de uma arithmetica verosimil. Ora leia lá a segunda carta, que é a primeira.»

«Li:

«Se eu fosse pontual na promessa, que fiz, de lhe não escrever outra carta, seria mentiroso o amor, que lhe confessei. O amor da alma, que facilmente transige com o amor proprio, deve ser muito frouxo e incapaz de sacrificar-se. Não a amo como vulgarmente se ama: deve, por isso, consentir-me a segunda culpa, ou a segunda impertinencia.

«Disse v. ex.ª que não conhecia a pessoa que lhe escrevêra: era isso mesmo o que eu previra; seme-

lhante suspeita era a causa do muito que eu soffria, quando tirava do coração essas poucas linhas, que deviam trazer-me um desengano.

«Veio o desengano triste e desanimador. Não me conhece. Equivale isto a dizer que eu tive a presumpçosa vaidade de julgar-me distincto aos seus olhos, e concebi a loucura de me crêr comprehendido não sei porquê, nem com que merecimentos. Ainda mais: esse não me conhecer é uma reprehensão justiceira ao meu orgulho; é o mesmo que dizer-me: Não cuides que realças para ser visto entre tantas obscuridades, que passam desapercebidas debaixo dos meus olhos.

«Quer agora saber o que é um grande amor? É sentir o coração invulneravel, quando a vaidade sangra; é amal-a com a mesma ternura, depois do desengano que ultraja o amor proprio; é esquecer-me de mim e das minhas esperanças, para me só lembrar do grande valor da sua alma e do pouco que fiz para lh'o merecer.

«Conhece a sociedade, minha amiga? Não repare n'este titulo que lhe dou; tenho-a na minha imaginação, e considero-a minha: posso dar-lhe o nome que mais suavemente me sahir do coração.

«Conhece a sociedade? Sei que não. Póde o seu elevado espirito adivinhal-a qual ella é; mas o que em redor de nós se ostenta, a hedionda miseria que por ahi se entraja de farrapos e lantejoulas, isso decerto o não conhece, minha amiga.

«Sabe, ao menos, como é o amor d'estes tempos?

«Não ouso interrogar segunda vez o seu coração; mas dir-lhe-hei, em nome da minha longa experiencia (fica entendendo que sou um velho, e tem razão), que o sentimento, por ahi profanado com o nome d'amor, é raio de luz, que fere os olhos, e entra morto no coração; é luz que se extingue sem passar dos sentidos ao sentir intimo, chamado dedicação, confiança, sacrificio, e enlace de duas almas em vida inteira de lagrimas ou de contentamentos.

«Concorda n'este juizo, minha amiga? Pareceu-me vêr-lhe um gesto d'approvação. Se eu estivesse ao alcance das suas palavras n'este momento, creio que v. ex.ª me apertaria a mão, dizendo: É verdade o que dizes: o meu coração reconhece a desgraçada exactidão das tuas ideias.

«E eu que serei?

«O que seria, no futuro, este amor tão santo que lhe offereci? Seria o que justamente esta sociedade denomina absurdo. Seria o amor, que se crê feliz, quando faz o que as almas fracas denominam sacrificios. Seria uma vontade sempre ardente de lhe dar felicidade — que eu creio sinceramente que na vida de v. ex.ª ha desgostos, que só o coração e a intelligencia poderão mitigar.

«Disse-lhe o que seria. Quer agora saber o que fico sendo? O que até aqui religiosamente fui: um homem tão grande no soffrimento como na affeição; um seu intimo amigo, que bemdiz a Providencia pela esmola da dolorosa saudade com que fico. Esta dôr

é um signal de vida no coração; não tinha outro, creia-me.

«Hei de procurar vêl-a. Se lhe fôr indifferente a minha attenção, hei de suffocar o despeito, e attribuir sempre o desprezo ao nada que sou. Já vê que sinto não sei que prazer amargo em envilecer-me. Penso que o verdadeiro amor é assim: gosa exaltando quem o humilha.

«Se v. ex.ª me pedisse a primeira prova de dedicação, dir-lhe-hia que ha um symptoma que nunca engana: é a naturalidade, a clareza das palavras. O coração falla assim, minha amiga.

«Uma supplica, por ultimo: quando a sua alma estiver cerrada de trévas, n'uma hora de tristeza que faz da vida tedio, e a ideia do suicidio consolação, recorde-se de mim como de um homem cujas horas são todas assim escuras.

«Verá então que é menos infeliz. Não posso desejar-lhe maior bem. Adeus.»

*

«— Ahi tem a segunda carta, — disse o meu amigo.

«— Mas vamos ao principio — respondi eu. — Quem é este homem, quem é esta senhora, em que terra se passa o drama epistolar, a idade e profissão de cada um dos personagens?

«— No fim direi o que souber e podér. O que eu não podér, será inutil pedir-m'o; o que eu não souber, imagine-o vossê.

«— Eu não imagino nada, meu amigo. Já agora, quero vêr como se escreve um conto verdadeiro, sem ser verosimil.

«E li a

TERCEIRA CARTA

«Não falla o coração na sua carta.

«O soffrimento dá uma vista dupla. Vi-lhe a sua alma atravez das poucas linhas traçadas por um pulso onde passava o sangue quieto e regular.

«Isto não é accusação, minha amiga: é magua, é pena de mim mesmo; será mesmo egoismo até certo ponto.

«Não é a razão humana uma coisa bem miseravel? Tenho no espirito a convicção de que não sou o homem que deve exercer na sua alma imperiosa influencia; reconheço-me vulgar de mais para abrazal-a no amor que transporta e cega; escuto com triste complacencia a voz intima do juizo; e, comtudo, o coração insensato insurge-se contra a razão, e doe-se por não poder vencêl-a.

«Pois não aspirava eu a um dominio absoluto na sua vida? Não imaginei eu todas as venturas que podem gosar-se debaixo do céo, debuxadas na tela que, até hoje, a mão do futuro me escondia?

«Vou contar-lhe as minhas esperanças todas. Fallemos d'ellas como se falla de um morto que deixou saudades.

«Tenho passado tres noites de vigilia, de febre, de delirio, talvez, encostado á mesa em que escrevo.

«Conversava com a sua imagem; sentia-me feliz n'este recolhimento; dava azas á phantasia; creava delicias como as que rebrilham e douram a imaginação do homem virtuoso a quem o Senhor concedeu a prelibação do céo.

«O meu céo era todo, n'este mundo, local unico onde elle existe, porque tambem existe o inferno cá.

«O céo era nosso, só nosso. Estavam ao pé de nós apenas as formosuras da natureza, que o nosso amor fizera mais bellas. Corria-nos a vida como um sonho feliz. Memoria do passado, nenhuma tinhamos. Entre nós estava o anjo do esquecimento, que nos não deixava córar um do outro. Era o nosso presente uma d'aquellas alegrias, que se respîram na atmosphera perfumada de uma manhã de estio. Eranos o futuro uma visão esperançosa de contentamentos sempre os mesmos, um horisonte sempre sereno e luminoso do mesmo arrebol.

«Não a fatigue esta linguagem nimiamente florída.

«Estou escrevendo como o coração scismava.

«Desdigo da naturalidade, porque me ergui um pouco das baixezas da vida real.

«Como haviamos nós chegado a esta situação, minha amiga?

«Eu lhe conto em resumo a outra chimera.

«Imaginei que tinha em si uma alma fervorosa a dizer-me em momentos de desafogo:

«O primeiro homem, que eu verdadeiramente amei, és tu.

«Uma corda havia no meu coração, da qual ninguem tirará sons.

. . . . . .

. . . . . .

Nota do rapsodista. — Referiram-me um dia, muito confidencialmente, quem fôra o verdadeiro auctor d'estas cartas. Não o designo aqui, porque ainda tem parentes que, como eu, gravitam n'este planeta sublunar.

Foi um pobre visionario, um incomprehendido. Nunca passou d'isso. Viveu n'este meio egoistico, como vivem e morrem muitos, obscuros, ignorados, e aos quaes os que teem habilidade, os que se sabem arranjar, denominam *pobres diabos*, e o povo, na sua linguagem rude, mas sincera, chama *salvages*. *É um probe salvage* — diz elle.

Historia da egreja de N. Senhora da Lapa, do Porto

«Foi calamitoso para o Porto o findar do anno de 1754, á conta da inverneira que engrossou a corrente do Douro a termos de se alagarem e arrazarem ricos depositos de vinho na margem esquerda, em Villa Nova de Gaia. O mais prejudicado entre os opulentos proprietarios de armazens, n'aquelle tempo, foi Joseph Vicente d'Andrade Belleza, fidalgo da casa real, mestre de campo do Terço de infanteria do Porto, e administrador dos morgadios de Valdigem e S. Lourenço. Eis aqui uma familia cuja celebridade genealogica e dinheirosa, no rodar de cem

annos, se foi adelgaçando até sumir-se do plano da mediania.

«De par com as calamidades do céo tempestuoso, encaminhou para este lado a mão benigna da Providencia um missionario apostolico, filho do Brazil, chamado Angelo de Siqueira, devoto ferventissimo de Nossa Senhora da Lapa. Entrou o varão de Deus prégando no Porto com tanta efficacia as maravilhas da sua devoção, que levava de pós si todas as almas, em grande parte carecidas de Deus, que as abrigasse das inclemencias do tempo.

. . . . . .

. . . . . .

«O padre Angelo de Siqueira, como começasse a prégar no ultimo quarto minguante da lua tempestuosa de dezembro, conseguiu o duplo prodigio de obter, no mez seguinte, uma lua enxuta e serena. Em virtude do que, alguns sujeitos de maior porte lhe offereceram terreno em que elle edificasse uma capella á Senhora da Lapa no logar de Santo Ouvidio, á raiz de um monte, entre as duas estradas que vinham de Braga a Guimarães.»

*

«Começou a obra em 7 de janeiro de 1755, e já a 20 uma egreja com oitenta palmos de comprimento e quarenta de largura estava coberta.

«Treze dias! Que admira!

«O noticiador do maravilhoso esforço escreve: «É inexplicavel o grande fervor com que todo o povo d'esta cidade concorreu para este santo edificio, as-

sim para a despeza, como para o trabalho. N'elle se empregavam muitos fidalgos principaes que vivem no Porto e muitas fidalgas, varias mulheres de ministros togados, clerigos, religiosos, homens e mulheres particulares, e plebêas, estudantes, meninos e meninas; uns partindo as pedras, outros acarretando os materiaes e conduzindo as telhas. O mesmo coronel governador das armas marchou com os regimentos armados para o mesmo logar, para todos trabalharem n'esta devotissima obra, sendo elle o primeiro que lhes deu exemplo, provocando este piedoso espectaculo lagrimas de cordeal gosto a todos os circumstantes.»

*

«Quanto pôde a fé afervorada pela unção apostolica do padre Angelo! As fidalgas carreando entulho com os seus guarda-infantes amarrotados pela serguilha das mulheres da arraia-miuda! Meninos e meninas com estudantes e frades e soldados e mulheres de ministros togados a puxarem ás cordas dos guindastes, a tirarem pelas alçapremas!

«Edificante mistura e commovente azáfama!

. . . . . .

. . . . . .

«Os peccadores d'aquelle tempo... Pois havia quem peccasse? Parece que sim.

«Diz o informador, que pegado á egreja se construiu um confessionario publico, onde os homens iam de noite fazer as suas confissões geraes, sem serem conhecidos, para que o pejo dos peccados os

não perturbasse. Fez-se alli tambem uma roda, para mediante ella se restituir dinheiro, peças d'ouro e prata, e até furtos, sem serem conhecidos os restituidores.

«Pelos modos, tambem havia ladrões n'aquelle tempo. É pena que a geração actual possa atirar com isto á cara de seus avós. Haveria ladrões, não duvido; mas faziam-se egrejas em treze dias. E agora?... Não quero questões.

«E no tal confessionario armaram-se camas e cozinhava-se ceia para os penitentes que lá queriam fazer bom exame de consciencia, desafogados dos cuidados domesticos.

. . . . . .

«E depois ornamentaram a egreja faustuosamente, e logo, ao vigesimo dia, se disse missa com orgão, e grande consolação dos fieis. A imagem da Senhora da Lapa sahiu do convento de Santa Clara, a 10 de março, em magestosa procissão, á frente de tres andores com S. João Marcos, S. Francisco e Santa Clara.

«A Senhora ficou-se chamando da *Lapa das Confissões*.

«Illuminaram-se as janellas á noite, e foliaram até á madrugada indistinctamente todas as classes do Porto.

. . . . . .

*

«O magnifico templo, que o leitor vê, não é o esboço de egreja que ha cento e treze annos (1755) fize-

ram em treze dias os meninos e meninas com os estudantes e soldados, e mais os frades e fidalgas. Não, senhores. Agostinho Rebello da Costa, trinta e tres annos depois, escrevia que não estava ainda concluida a egreja.

«No tempo de Rebello ainda lá demoravam confessores permanentes, que faziam d'aquella casa um alfòbre de anjos; mas não diz elle se no seu tempo ainda era moda restituir os roubos. Desconfio que esse costume já ia em grande decadencia.

. . . . . .

. . . . . .

Cartas de Camillo Castello Branco a Joaquim Martins de Carvalho, de Coimbra

«Ex.mo Snr. Joaquim Martins de Carvalho

«Sei que V. Ex.a de boamente se presta a informar quem o consulta sobre coisas que tão grande parte são das suas utilissimas averiguações.

«Diga-me, pois, V. Ex.a, em horas mais feriadas, o que podér, ainda que breve seja, de uma *sociedade* academica de maus feitos, que ahi *florescen* no principio d'este seculo, e se chamou da *Manta* ou da *Carqueja*, ou não sei quê.

«Alguns membros d'ella foram justiçados, segundo li não me lembro aonde, e tenho vaga ideia de serem justiçados em 1804.

«Se V. Ex.ª já escreveu a tal respeito, como é de presumir, basta que me indique o livro ou periodico em que o fez; eu depois, facilmente obterei as noticias que V. Ex.ª houver escripto.

«Desculpe a impertinencia d'este que desde muito o admira e respeita como

De V. Ex.ª
affectivo cr.º

«S. Miguel de Seide,
14 de julho de 1873

Camillo Castello Branco.»

*

Ex.mo Amigo

«Vae incluso um papel que tem algum interesse. Mando outro cintado, em que está um aviso do marquez de Pombal.

«Vê-se que em 1795 estava apagado o grande facho que o marquez accendèra nas cavernas da inquisição.

«Quem diria que, vinte e cinco annos depois dos queixumes do infeliz P.e Martins Figueira, o tribunal de S. Domingos seria arrazado!

«Muito depressa corre a humanidade!

«Ha quem receie que o retrocesso corresponda ao avanço. Se a hypothese é acceitavel, não faça V. Ex.ª pesados commentarios ás angustias do pa-

dre, porque ahi na Sophia ainda me cheira a torresmos humanos.

«Disponha do collega muito obrigado

«1874.

Camillo Castello Branco.»

Como ella o amava!

I

«Aos 24 d'agosto, na povoação chamada o Cavez, cuja ponte, sobre o Tamega, extrema pelo norte as duas provincias do Minho e Traz-os-Montes, celebra-se a festa de S. Bartholomeu, santo gravemente infesto a Satanaz.

«Véem aqui, de muitas leguas em volta, dezenas de creaturas obsessas. É para notar, que raro homem alli vá incubado de demonio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, soffrem o dissabor de serem visitadas pelos espiritos infernaes, caso unico, a meu vêr, em que os sobreditos espiritos se mostram espirituosos.

«É de saber, que o demo tem caprichos sujos; e n'isto, como em muitas outras coisas, parece homem, com resalva do leitor. A legião d'elles, que se entranhou na vara de cochinos, era indecente. S. Jeronymo, na vida do beato Hilarião, conta de um formidavel demonio que se alojou n'um camêlo, o qual,

levado á presença d'aquelle santo, urrou, cahiu, e desfez-se do sevandija que o incommodava.

«O mesmo conta fr. Luiz de Sousa de um urso possésso que, ao signal da cruz de S. Bartholomeu dos Martyres, cahiu, estrebuchou e morreu.

«Tambem se mette nos legumes, o maldito! O mesmo santo farejou-o n'uns feijões fradinhos.

«Já é condição mui rasteira, ou muito má vontade aos feijões em odio aos frades!

«Affirmam insignissimos auctores que ha seis especies de demonios: igneos, aéreos, aquaticos, subterraneos e lucifugos. Anda a gente cercada d'estes malandrins, que zombam da policia, e fazem praça do seu despejo até ao escandalo de se metterem n'ella!

«A mim, pois, não me espantava o grande concurso de mulheres endiabradas que vi na romaria de S. Bartholomeu, em Cavez.

«Do usurpado senhorio de algumas, direi que me fez inveja a besta immunda! Eram desempenadas raparigas de Barroso, escarlates e possantes como as matriarchas do genero humano; pulsos de ferro, olhos coriscantes, e fórmas tão esculpturaes da belleza antiga, que eu fiquei scismando se o demonio desengraça com as raças adelgaçadas, e vae ás montanhas procurar corpos com capacidade de o receberem.

«Ainda bem que vae. Se assim não fosse, a sala de baile havia de ser um pandemonium!... E quem sabe se é? O regirar vertiginoso dos bailados não parece coisa macabra, doidice satanica, vortice em que as almas vão remoinhando até cahirem nas fau-

ces do dragão? Eminentes sabios e santos estão commigo.

«Ouçâmos o congregado Bernardes:

«Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso, basta vêl-o de fóra para confessal-o. Aquelles mesmos movimentos do corpo, tão varios, tão ligeiros, tão violentos, tão affectados, estão indicando que o siso está movido algum tanto do seu assento.»

«E ajunta:

«... Bem certificados podêmos ficar de que os bailes, danças e saraus costumam trazer comsigo muitos peccados. A não ser assim, nem os demonios insistiriam tanto em os persuadir...»

«S. Valeriano, na *Homilia 6.ª*, *De otiosis verbis*, diz que as danças são laços do demonio que ajudam a dar muitos garrotes. E o psalmo 139, quando diz *Caput circuitus eorum*, quer dizer que o diabo é o cabeça das reviravoltas de um baile.

«Logo: os bailados são diabruras.

«Mas, enfiando outra vez o conto: gentis mocetonas eram aquellas energúmenas que eu vi na egreja de Cavez, em 1842.

«Ha que annos isto vae!... N'aquelle tempo, até as mulheres com espirito ruim me pareciam boas.

«Voltei lá no anno seguinte, armado de figas, que espantam maus ares, e nóminas e amuletos refractarios ao demonio.

«Na aldeia, onde então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartholomeu os valentes de dois concelhos inimigos,

desde muito enrixados e aprasados para alli. Um morgado, meu visinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do antigo capitão-mór de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes mandára demolhar em póças um braçado de paus de carvalho, com o fim de lhes dar elasterio, e cingirem-se melhor com as costas das victimas. Estes preparatorios aqueciam-me o animo bellicoso, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze annos.

«Por 9 horas da noite do dia 23, sahimos em malta, caminho da ponte de Cavez, uma legua distante. Por volta das 11 horas, fizemos alta n'uma aldeia chamada Aroza, convisinha dos montados por onde se estendia o arraial. Alli reuniu-se comnosco uma esturdia, que vinha dos lados de Cerva, e n'esta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas igualmente impunes que arrogantes, e especie de barões feudaes, a cujas barbacans não ousavam chegar as justiças d'el-rei.

«A cantadeira da esturdia era uma rapariga de dezoito annos, sécia talhada a primor, carregada de ouro, mas ainda assim leve como uma arféloa, saltando quando não cantava, rindo a escancaras quando não saltava, linda como as dryades dos córregos, alegre como a felicidade das serras.

«Oh! que moça! Que legião de tentadores demonios ia n'ella!

«O morgado Pacheco de Andrade abraçou o maioral da turba, e concertou o plano da batalha.

«Dizia o de Cerva:

«— Eu quero-me vêr peito a peito com o Victor de Mondim! Um de nós ha de ficar escutando a cavallaria.

«— Que tens tu com elle? — perguntou o morgado.

«— Tenho que elle conversou dois annos com a Isabelinha do Reguengo; depois ella deixou-o á minha conta, e voltou-se para mim. E vae elle, na feira de S. Miguel, cahiu sobre mim, e mais vinte dos seus. Fiz face a todos, emquanto o pau me não estalou na cabeça de um. Depois cahi debaixo de um bosque de estadulhos, e estive á morte. Aqui tem o snr. morgado o que eu tenho com elle.

«— A moça vale a pena?

«— É esta que está a cantar.

«— Guapa rapariga!... Tens razão, Lobo!

«— Já correu o primeiro pregão dos banhos.

«— Casas com ella?

«— É a melhor lavradeira do povo, e de cara ninguem no concelho lhe deita agua ás mãos.

«— Então será bom que te poupes, Lobo! Nada de morrer!...

«— Que tem lá isso? Se morrer, já não preciso casar. Morra o homem e fique a fama!

«A este tempo cantava a Isabelinha do Reguengo:

Quem quizer cantar commigo
ha de ter no peito amores;
amam as aves cantando
entre arvoredos e flôres.

«E o competidor respondia:

Entre arvoredos e flôres
já te eu vi, linda pombinha;
deixei-te ir sem te dar fogo,
que eras d'outro e nemja minha.

«O Lobo de Cerva ouviu esta copla, e franziu a sobrancelha, envesgando os olhos ao cantor; depois foi á beira de Isabel, e disse-lhe:

«— Não cantes mais.

«— Porque, João?!

«— Não cantes mais, faze-me isso... Ouço cantigas que me bolem cá no interior.

«— Pois não canto. Vamos conversando — disse ella com alegre condescendencia.

«Á meia noite entramos no arraial. Já o tiroteio tinha rompido das duas margens do Tamega. As balas assobiavam nas ramagens da carvalheira onde se ajuntavam os caudilhos em conselho de guerra. Nenhum romeiro pacifico já se mettia á ponte. Os atrevidos agrupavam-se nas extremidades; os da esquerda esperavam a ronda de Cerva, os da direita a de Mondim. Na ponte passeavam uns doze soldados de infanteria, idos de Guimarães; pobres homens de quem os contendores não faziam caso nem conta. Os tiros, pelo arder da escorva, viam-se romper dos altos das mattas fronteiras. A tropa estacionára na ponte, encarregada de evitar o choque das duas rondas inimigas.

«Ora eu, prevalecendo-me da inoffensiva presen-

ça dos meus annos, desci á ponte, e atravessei-a como coisa que ninguem vira. Fui direito á egreja observar a lucta de S. Bartholomeu com o diabo. Era isto principalmente o que me chamava.

«Quando cheguei, vi simplesmente cinco demoniacos, amarrados por cincoenta braços de pujantes barrosãos, emquanto o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demonio rabiava n'ellas desencabrestadamente, quando o milagroso granito lhes pesava.

«O padre levantava a voz tambem enfurecida, e insultava desabridamente o inimigo do genero humano, obrigando-o a ir esconder sua derrota nas profundezas do inferno. As raparigas desincubadas cahiam sem forças no regaço das mães chorosas, arquejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se afinal sãs, para irem depôr no altar do santo o voto, e rodearem sobre joelhos a egreja.

«Disseram-me que, passadas algumas semanas, todas estas moças casavam com sujeitos, que o demonio respectivo de cada uma tinha declarado.

«Que officio adopta o diabo ás vezes!... Assim mesmo, é o mais util que eu lhe conheço.»

II

«Quando volvi á ponte já não pude romper a mó de povo que se baldeava de uma a outra margem do caminho, e se desfazia em filas desordenadas, as

quaes pareciam serpentes negras a collearem pela ribanceira acima.

«Tinha começado a lucta.

«A ronda de Cerva avançava da parte d'além; a de Mondim, recebendo aquelle movimento como signal de batalha, avançou tambem.

«Ribombavam os zabumbas de ambos os lados, e guinchavam as requintas por sobre a vozeria da tropa, que se esforçava em evitar o encontro, de baioneta calada.

«O alarido das mulheres e rapazio de um e de outro lado, retinia nos echos das margens penhascosas do Tamega. As fuziladas relampagueavam entre os matagaes.

«A vertigem do terror estendêra-se a todo o arraial. Dirieis que os demonios, desalojados dos corpos das mocetonas, exasperados de raiva satanica, tomaram á sua conta fazer alli um inferno provisorio, mesmo nas barbas de S. Bartholomeu!

«Ouvi o retintim das baionetas sacudidas dos seus engastes pelos paus certeiros dos barrosãos, bandeados na hoste de Mondim. Divisei os doze soldados espremidos entre as multidões inimigas.

«De repente os de Cerva fizeram pé atraz; os de Mondim tambem, e por momentos reinou um silencio, que devia ser como a serenidade de um céo torvo de borrascas na intercadencia de dois raios.

«Que suspensão fôra aquella? Cingi-me com a guarda da ponte, e cheguei ao meio. Avisinhei-me do primeiro grupo dos d'além, e ouvi dizer que, no

afôgo da briga, Isabel do Reguengo se lançára entre as vanguardas dos combatentes, e bradára:

«— Matem-me primeiro a mim!

«E dito isto, cruzára os braços.

«Victor de Mondim reconheceu-a, e clamára aos seus:

«— Alto, meus rapazes!

«E o Lobo de Cerva, cobrindo-a com o seu pau argolado de cobre, exclamára:

«— Olhae que é a minha noiva!

«Assim se explicava o improvisado regresso de cada exercito aos seus arraiaes. Caso digno de memoria!

«É, pois, certo que Victor de Mondim lhe queria muito ainda. Que milagre! Dois annos a vêl-a todos os dias santificados, e andar duas leguas para vêl-a, duas leguas tão queridas na ida, e outras duas tão longas e saudosas na volta!... Porque assim deslealmente o deixaste, Isabelinha do Reguengo? Porque havias de ser tu mulher como tantas? Que atomos da peste das cidades coavam em tua alma, ó virgem dos arvoredos?

«Fui onde estava a gente de Cerva. Isabel comia cavacas, e repartia d'ellas com o Lobo, que ensopava um lenço de sêda em camarinhas de suor. Uns pimpões estavam encostados aos paus, cruzando com elles as pernas; outros emborcavam grandes picheis e canecas de vinho.

«O meu visinho morgado José Pacheco de Andrade empannava a cabeça partida; e desequilibrava

as pernas, não já por causa do terreno, senão que o vinho desmentia n'elle o caracteristico humano da posição vertical, comquanto o meu visinho, mais que nenhum outro corpo, com grande gloria de Newton, pendesse ao centro da terra.

«Ahi por volta das 3 horas, vieram parlamentarios d'além, propondo a passagem livre das rondas de parte a parte.

«O morgado tomou a si o encargo de responder, e tartamudeou:

«— Não ha convenções! O mundo acaba-se aqui hoje!

«Disse, e deu ares de se acabar primeiro que o restante do mundo.

«Cambaleou, floreando o cerquinho elastico, tropeçou no proprio pau, e cahiu na calçada, que, porventura, a phantasia rica e ardente lhe afigurou almofada com toda a flacidez convidativa de um longo somno.

«Os parlamentarios foram repetir com gravidade as palavras do ébrio. Rompeu de lá temerosa grita, e logo o tiroteio.

«Lobo depòz o varapau, e pegou da sua clavina de dois canos. Isabel segurou-o pelos alamares de prata da jaqueta, rogando-lhe que se aquietasse. O bravo, que seguia a maxima do «morra o homem, fique a fama», sacudiu de si a moça e bradou:

«— Rapazes, á ponte!

«Ergueram-se todos, e o proprio morgado, lá das trévas espessas da sua modorra, ainda rugiu:

«— A elles!

«Os de Mondim, quando ouviram o instrumental, avançaram á entrada da ponte. A passo igual iam ganhando terreno uns e outros.

«Uma voz estridente se fez ouvir por sobre a algazarra dos brados e toada da musica. Era Victor de Mondim que bradava:

«— João Lobo de Cerva!

«Lobo fez calar os seus, e respondeu:

«— Quem me chama?

«— É Victor de Mondim.

«— Aqui estou.

«— Se és homem, sáe sósinho, que eu tambem sáio ao meio da ponte.

«— Nunca o diabo te mostrou homem mais homem! Ahi vou.

«Isabel lançou-se-lhe ao pescoço, dando vozes de afflicção e ternura.

«E elle repelliu-a com desamor de inimigo, exclamando:

«— Que diabo me pedes tu, mulher? Queres que eu cáia aqui morto de vergonha?!

«E eu *estava de angulo a espreitar*, como um santo bispo de Sevilha diz em seus cantares, o qual santo, segundo modestamente confessa, espreitava de angulo o batalhar de godos e sarracenos.

«Senão quando, os dois paladinos, adiantados de suas immoveis cohortes, param a vinte passos, com as clavinas aperradas.

«— Não ha de ser tua nem minha! — disse Victor.

«— Tua, por Deus te juro que não será! — respondeu Lobo.

«E, a um tempo, desfecharam; e, a um tempo, bateram em terra os dois moribundos, arquejantes.

«Que horror de grita restrugiu então! Que frenesi de espedaçarem-se conglobou em feroz abraço os dois campos! Era um segundo duello de homem para homem com cem braços.

«Os de Mondim levantaram o cadaver de Victor, e defenderam-no; os de Cerva, cegos de furial vingança, não viram que os outros remessavam ao Tamega o cadaver de João Lobo.

«Isabel tinha cahido como fulminada pelo relampago das escorvas.

«Passaram por cima d'ella os seus parentes e amigos a vingarem-lhe o noivo. Pisaram-lhe o peito, onde já não havia coração que sentisse a dòr. E eu approximei-me, reconheci-a entre a multidão, e pedi que me ajudassem a tiral-a da ponte.

«Assim se fez. Deram-lhe um encosto sobre as caniçadas de um carro de fructa, e rodearam-na algumas mulheres temerosas, que pouco depois a desampararam, fugindo ao silvo das balas.

«Eu tinha ido ao longo da ponte, na aberta em que os de Mondim retiravam a segurarem da represalia o cadaver do seu chefe.

«Quando voltei, ao nascer do sol, fui ás caniçadas, e não vi Isabel.

«Perguntei por ella, e disseram-me que tinha fugido como doida.

«Por ambas as margens do Tamega se alinharam duas fileiras de homens, rebuscando o cadaver de João Lobo. Palmilharam meia legua de caminho fragoso, sem o encontrarem.

«Volveram desanimados, cuidando que o cadaver fôra ao fundo, e lá encalhára na penedia, ou se engastára nas raizes dos salgueiros.

«Os melhores mergulhadores bateram todas as cavernas conhecidas. Perdidas forças e esperanças, volveram de novo á ira, e recobraram alento para se vingarem.

«Emquanto a raiva os reaccende, e o arraial fica abandonado ás correrias dos valentes e dos ébrios, vamos encontrar Isabel, sentada na margem esquerda do Tamega sobre uma rocha que se debruça a cavalleiras da corrente.

«Tem o rosto entre as mãos, e os olhos cravados na espuma do jorro de agua precipitado em bacia de fragas.

«Assim está desde que o sol nasceu, o sol ardente de 24 d'agosto, que lhe cáe a prumo sobre a cabeça.

«Que espera alli aquella mulher como empedernida pela dôr?

«Que pensam d'ella uns pastorinhos que, da serra fronteira, lhe perguntam que faz alli?

«Não os vê nem ouve.

«Espera o resvalar do cadaver do noivo no rolheiro d'onde não descrava os olhos pávidos.

«O sol inclina já ao poente, e ella cerra as pal-

pebras, e cobre-as com as mãos, baixando a cabeça no regaço.

«Talvez que o fogo do céo lhe houvesse calcinado o cerebro, e os lampejos da torrente a cegassem!

«A rocha em que Isabel está é puída e resvaladiça.

«Instantes de desmaio bastarão a despenhal-a. Um ancião, que d'além a vira desde a madrugada até sobre tarde, vadeou o Tamega nas poldras, chegou á raiz da rocha, e disse:

«— Ó cachopa, que fazes ahi?

«Isabel estremeceu, e circumgirou os olhos, esfregando-os.

«— Que fazes ahi, moça? — tornou o velho.

«— Estou á espera do meu defunto — respondeu Isabel.

«— Do teu defunto?! Então elle vem pelo rio?! Querem vossês vêr que tu eras mulher do Lobo de Cerva?... Eras ou não?

«— Havia de ser... — disse Isabel a grandes brados, erguendo-se de golpe; — havia de ser!... havia de ser!...

«— Desce cá para baixo, creatura, que o mal da morte não tem remedio. Vem d'ahi, que eu dou-te agasalho, e ámanhã irás para os teus. Olha que tu malhas ao poço, mulher. Deus te defenda, que morres!

«N'este momento, Isabel abordára mais á aresta do penedo.

«O velho, que não podia trepar á rocha escorregadia, gritou pelos pastores d'além. A moça pôz as mãos em oração; e depois, tapando os olhos, despenhou-se!

«Antes de baquear-se na refervente cachoeira da bacia, já tinha abolado o craneo n'um angulo da rocha.

«Os pastores esperaram o cadaver n'um remanso d'agua, e alli o velaram, durante a noite, aguardando que a justiça fosse alevantal-o.

«*Como ella o amava!...*»

Afflicções de um cardeal

«Na chronica de D. João II, conta Garcia de Rezende que o principe D. João, cioso das honras que seu pae D. Affonso V fazia ao cardeal d'Alpedrinha, D. Jorge da Costa, sahira um dia de Santarem cavalgando, com grande comitiva, em companhia do cardeal. Á entrada da ponte de Alpiarça, o principe mandou ficar os creados, e transpôz a ponte a sós com D. Jorge, e alguns moços de estribeira na vanguarda e a distancia onde não podessem ouvil-o.

«Rompeu o principe em virulentos queixumes contra o prelado, que se desculpava sem vingar amollecer o animo irascivel do futuro Luiz XI portuguez. Até que o principe, repellindo as desculpas do espavorido prelado, exclamou:

«— Para que é nada, senão a um cardeal tão

mal ensinado e desagradecido e de má condição, mandal-o tomar por quatro moços de esporas, e afogal-o em um rio, e dizer que cahiu e se afogou de um desastre!

«D. Jorge ouviu, reparou, e viu que o Tejo estava alli á beira d'elle e debaixo dos olhos coruscantes do principe, em quem elle conhecia summa capacidade para executar o programma.

«Julgou-se morto o bom do cardeal. Isto o confessava elle depois em Roma, para onde se deu pressa em ir, e d'onde não mais voltou a enrostar-se com o real carrasco.

. . . . . .

. . . . . .

O convento de Mafra

«Quem lê desprevenidamente as pomposas relações do modo como foi executada a traça magnificente do convento de Mafra, crê e pasma na convergencia de forças, de vontades e devoção do paiz a coadjuvarem o pensamento de D. João V.

«Primeiro que tudo, saibâmos como se desenhou na phantasia do filho de D. Pedro II aquella pedreira.

«Um dia encontraram-se no paço o bispo D. Nuno da Cunha e o franciscano fr. Antonio de S. José.

«O bispo capellão-mór disse ao frade:

«— Vossa Reverencia encommende a Deus Sua Magestade, para que lhe dê successão. El-rei nosso senhor anda triste, porque a rainha nossa senhora lhe não dá filhos.

«O servo de Deus respondeu:

«— El-rei terá filhos, se quizer.

«O fradinho sahiu. E o bispo inquisidor, reflectindo na resposta mysteriosa de fr. Antonio, perguntou ao marquez de Gouvêa:

«— Que conceito faz da virtude d'este arrábido?

«— Tamanho, que o fiz padrinho de um filho meu.

«— Oh! — exclamou o futuro cardeal.

«Volvidos dias, volveu D. Nuno da Cunha a encontrar-se com o frade e a perguntar-lhe o sentido latente da sua resposta.

«O arrábido pôz os olhos no céo e disse:

«— Prometta el-rei a Deus fazer um convento na villa de Mafra, que logo Deus lhe dará successão.

«Dito e feito; feito quero dizer não o convento, mas o fructo desejado. No mesmo anno de 1711 deu a rainha á luz uma menina.»

*

«Fr. Antonio, quando a princeza nasceu, tinha já morrido. Passou; mas o vestigio que deixou na terra é aquillo: é o convento de Mafra. Saiba-se, e apregôe-se este nome aos ingratos de hoje. Se não tivesse existido um carpinteiro que, aos vinte e cinco annos, vestiu a tunica de S. Francisco, e se chamou

fr. Antonio de S. José, não teria Portugal aquelle poema de granito que mostrar aos estrangeiros espantadiços, poema que na ordem dos poemas corre parelhas em peso e semsaboria com a *Malaca conquistada*, com a *Ulysippo* e outros que taes das gordas musas da nossa terra.

«Sahiram, logo que a rainha deu signaes de fecunda, tres frades para Mafra a fundar o hospicio, e D. João V foi pessoalmente escolher o logar do convento. As expropriações e damnos causados aos agricultores comvisinhos em diversas epochas sommaram 14:738$150 réis.

«O primeiro voto do rei tinha sido economico: a promessa feita a Deus era de convento para treze frades. Depois subiu a quarenta; depois a oitenta; e ultimamente a trezentos. N'esta conformidade delineou o architecto allemão Ludovici a sua traça.

«Cavaram-se os alicerces a braços de quatrocentos até seiscentos homens por dia, e a vinte palmos de profundidade.

«Foi benzida a primeira pedra no dia 17 de novembro de 1717 com tão luzidas festas, que todo o encarecimento viria curto depois de se dizer que orçou por duzentos mil cruzados o custo d'ellas.

«Lançada a primeira pedra, subiram os operarios de vinte a vinte e cinco mil diariamente; mas n'algumas temporadas trabalhavam passante de quarenta mil pessoas matriculadas nos roes dos jornaes.

«Ao cabo de treze annos, convertidos e estagnados alguns milhares de contos n'aquella serra de can-

taria, ou *bagatela maravilhosa*, como lhe chama o snr. A. Herculano, o jubiloso rei, apontando para os paramentos sacerdotaes, que mandára expôr no pavimento da basilica, dizia:

«— Saibam que isto que vêem me custou mais dinheiro que toda essa grande machina de pedra que nos cerca.

«Estava consummada e perpetuada a pia parvoice, que, em relação ao tempo, era o maximo arrojo de um animo emprehendedor.

«O Luiz XIV portuguez remirava-se no seu Louvre. O contricto das façanhas juvenis, exercitadas por conventos de monjas, cuidava que por detraz da ingente basilica de Mafra o não veria Deus; nem o supremo juiz, de puro atordoado com as psalmodias dos frades e o estridor do carrilhão, ouviria accusações de queixosos.

. . . . . .

. . . . . .

A caridade

«Esta virtude, considerada o amor de Deus e o amor do proximo, é a mais excellente de todas as virtudes.

«A fé é uma luz que se apaga ás portas da bemaventurança, porque a presença do Senhor é o seu complemento; a esperança cessará quando os prazeres esperados se converterem na dulcissima realidade

das delicias celestes; mas a caridade subsistirá eternamente, como diz S. Paulo.

. . . . . .

«A verdadeira lei do progresso moral é a caridade. Sem o seu impulso é impossivel a perfectibilidade humana; e quantos esforços empregue o homem por attingil-a, n'um alvo excentrico ao amor de Deus e do proximo, serão esforços improficuos.

. . . . . .

«No amor de Deus ha um sacrificio que faz a semelhança do que se ama no céo com o que se ama na terra. A observação dos mandamentos do Senhor constitue a caridade: d'este manancial fecundo manam as limpidas virtudes, que proclamam a grandeza do homem, a quem Jesus Christo promettêra perfeições iguaes ás do seu Eterno Pae. Todas as nossas acções, filhas do amor, devem gravitar para Deus, como centro de todas ellas.

«Fóra d'este movimento, ha a perdição das glorias promettidas, porque no reino do céo, no tribunal do Eterno, não ha a infracção das leis geraes do espirito.

«A caridade é, pois, a essencia do Christianismo. S. Paulo julgava-se annullado em todas as suas boas obras, se a caridade as não perfumasse d'aquelle amor de Deus e do proximo, sem o qual a alma, privada do principio vital, é esteril para o céo, porque os seus fructos são mortos.

. . . . . .

«A pobreza, a desgraça e a doença — estes attri-

butos de uma porção da humanidade que mais reclama o valimento dos felizes da terra, constituem a riqueza dos indigentes que Jesus Christo mais recommendou á ternura e compaixão dos poderosos.

«O Salvador não só legisla em favor dos pobres: identifica-os no respeito e no amor que a Elle proprio se deve; e julga-se amado ou desprezado na pessoa do indigente.

«O que dérdes aos mais pequenos d'entre os homens, é a mim que o daes; e o que a elles recusardes, a mim o recusaes» (Math., V, 45), são palavras do Justo, que, sentado no throno das maravilhas do Universo, acarinha o ente degradado entre os homens que lhe voltam a face anojada.

. . . . . .

«A caridade christã foi o manancial de prodigios que se desentranharam em instituições de beneficencia, pelas quaes muitas lagrimas foram enxutas, e muitas chagas guarecidas, quando os barbaros, escoltados pela fome e pela peste, invadiram as regiões meridionaes.

«Atravez dos seculos, e inaccessivel ao espirito perturbador das reformas, o sentimento da caridade é sempre o inalteravel inspirador de tudo que é sublime nas relações que prendem o homem com o seu semelhante, e a humanidade com o seu Creador.

. . . . . .

. . . . . .

Poesia e amor

. . . . . .

«Guilherme ficou a scismar nas ironias do padre e adormeceu, acalentado pelo chilrear das andorinhas, que papeavam na cornija da casa.»

*

«A ramada, suspensa em esteios de pedra, formava o enfolhado docél do tanque. Pendiam já dourados os enormes cachos de ferral. Alguma folha escarlate, outra amarellecida pelo queimar do sol, realçavam, variegando as côres, a abobada afestoada. Nos rebordos da bica rustica, por onde a agua derivava, grogrolejando nas algas, verdejavam vegetações filamentosas, pendentes como meadas de esmeraldas, e miniaturas de relvêdos, onde os insectos se pousavam n'um ruflar deleitoso de azas, no regalo da frescura, oscillando as antennas. Duas gallinhas com as suas ninhadas esgaravatavam na leiva humida, a cacarejarem a cada granulo ou insecto que bicavam, e deixavam cahir e retomavam de novo, com umas negaças, para ensinar os pintainhos, que se disputavam a posse do cibato em corrimaças impetuosas, azoratadas. De vez em quando, á tona d'agua, rente com o combro de cantaria afofado de musgos verdes, emergia a cabeça glauca de uma ran, que pinchava para a alfombra, coaxava o seu dialogo interrompido com outra ran do beiral fronteiro, e ambas, a um tempo, mergulhavam de pincho, quando Cacilda batia a roupa na pedra esconsa do lava-

doiro. Estava o sol a pino; mas pela densidade folhuda do parreiral apenas coavam umas lucilações a laminarem tremulamente a agua ondulosa e escumada de sabão.»

*

«Guilherme, da janella do seu quarto, via a prima, ora ensaboando, ora estendendo sobre o hervaçal tosado a roupa a córar. D'antes, quando era um simples amigo da sua parenta, ia para junto d'ella com a naturalidade de um irmão; agora, que outro sentimento mais energico o impulsionava para Cacilda, embaraçava-o um acanhamento de que elle mesmo se sentia envergonhado.

«Tinha passado o dia seguinte á noite da proposta do velho, sem estar a sós com ella; evitavam-se um ao outro reciprocamente. Ella sentia-se feliz e santamente vaidosa por ter movido o pae áquella deliberação; mas não lhe parecia bom de engulir o trago da saudade. E, como receasse dar a conhecer a sua dòr ao primo, quando fallassem da ida para Coimbra, fugia de encontral-o.

«Pois não devia ser elle o primeiro a contar a Cacilda o beneficio que seu pae lhe fazia? Teria pejo da sua dependencia? Que tinha sido elle até então, n'aquella casa, senão um hospede necessitado? Que mais importava receber alli o beneficio ou recebêl-o em Coimbra?

«Estas perguntas era elle quem as fazia ao seu raciocinio; mas quem lhe respondia era o coração: ‹Bem sei. Tu amas tanto a Cacilda, que já te sentes

mais cuidadoso d'ella que do teu futuro, mais dorído pela saudade que levas do que alegre pela habilitação que vaes buscar a Coimbra. Se tivesses uma mediania que te permittisse esposal-a e ficar aqui toda a vida em Mouçoz, á lareira de inverno, e á sombra dos castanhaes de verão, que farias? Ficavas? — Ficava, respondeu a Poesia, que devêra chamar-se o anjo da boa fé. — Ficava, dizia elle comsigo; nunca mais sahiria d'esta aldeia, por aqui me ficaria a colher modestas violetas nascidas no chão raso sobre a sepultura de esperanças ambiciosas de nome, de gloria e fortuna. Chegaria a esquecer-me de tudo o que tumultúa para além das montanhas que vejo. Não gastariam a minha alma os attritos das decepções, das contrariedades; conservar-me-ia novo na velhice; os derradeiros annos seriam monotonos, socegados e serenos como os primeiros. Quando a morte viesse, encontrar-me-ia, talvez, com as illusões da infancia, com a crença de que o meu destino ia continuar-se em outros mundos para os quaes já senti uma aspiração que já não sinto...»

«As almas de 1837 tinham d'estes soliloquios.

«Andando e meditando taes devaneios introespectivos, chegou á beira do tanque em que a prima ensaboava, com grandes intervallos de descanço, pendidos os braços sobre o lavadoiro, e os olhos absortos n'uma folha de vide que se baloiçava na agua ondulada. Ella estremeceu surprendida, porque não o vira approximar-se.

«— Não a cansa esse trabalho, prima Cacilda?

— perguntou Guilherme, sentando-se no beiral do tanque. — É a primeira vez que a vejo a lavar a roupa...

«— Que remedio! As duas moças andam na eira a assolhar o milho, e n'este tempo de safra não ha jornaleiras. Havia um montão de roupa, e era mister lavar-se. D'aqui a pouco o primo vae para Coimbra, e tem de levar toda a sua roupa branca... Já era eu quem arranjava a mala ao meu padre João, quando elle ia para Braga. Estou afeita a tratar estudantes... — e sorria, dando sabão á peça de linho, que espremia entre ambas as mãos cobertas de espuma.

«— Parece-lhe que vou contente para Coimbra, prima Cacilda?

«— Não irá, não. Não ha ninguem contente com a sua sorte; mas devia ir contente, primo... Eu fiquei bem alegre quando o mano padre me disse o que se passou com meu pae.

«— Alegre? Não lhe deixo saudades?

«— Deixa muitas, Deus sabe que deixa; mas a gente deve olhar ao que é de razão. O primo não nasceu para esta vida. A aldeia só serve para quem nunca viu mundo. Depois que fôr doutor, vem cá vêr-nos de vez em quando, pois não vem?

«— Não mereço essa pergunta. Se eu sou como filho d'esta casa, e não tenho outra familia, para onde hei de eu ir, a não ser para aqui? Já nas férias do natal cá me tem para a consoada; depois torno nas férias de paschoa; e as férias grandes, tres mezes, cá as venho passar. Já vê, prima — disse elle a

sorrir, — que, por mais que façam, não se podem vêr livres do seu eterno hospede.

«Ella ouvia-o com uma alegria expansiva, infantil, que lhe espelhava nos olhos o alvoroço da alma. Fixava-o com um aspecto de ternura agradecida. Quizera abraçal-o, como fazia a seu mano João; mas nem sequer atinava com duas palavras que mostrassem ao primo o bem que lhe fazia a promessa de vir no natal consoar a casa da sua unica familia. Esta promessa era um balsamo para a saudade que já de longe se lhe afigurava insupportavel.

«— Tres mezes... — murmurou ella, como palavras soltas de um monologo.

«— Tres mezes, disse a prima? — perguntou Guilherme, não atinando logo com a razão da conta.

«— Sim... d'aqui a tres mezes... torno a vêl-o. Outubro, novembro, dezembro. Depois, volta em abril... a paschoa é em abril...

«As reticencias d'estes dizeres é que estavam revelando a Guilherme tudo quanto ella desejava que elle soubesse.

«Quantas phrases teria de encadear uma menina da alta vida para se fazer entender em semelhante conjunctura? E quantos scepticos encontraria ella que a não crèssem como Guilherme acreditou Cacilda, cuja eloquencia do coração se limitou a uma especie de calendario das festas do anno?

«Pouco mais disseram, porque tinham dito tudo.»

A mesa mysteriosa

. . . . . .

«O leitor já foi ao largo das Carvalheiras, em Braga, e viu entre os monumentos romanos, contiguos á capella de S. Sebastião, uma mesa de pedra com inscripção no rebordo, que diz: BRACARA AUGUSTA (FIDELIS ET ANTIQUA)?

«Se não se convenceu logo de que n'aquella mesa já comeram pretores romanos, ou reis mouros, informou-se com o contador d'Argote e ficou sem saber a serventia da mesa.

«De feito, o famoso antiquario, como pessoa que recebia as noticias no gabinete e não via os monumentos, assignou de romana a pedra, assentando a sua decisão na hypothese de que em 1625 os caracteres que até áquella data estiveram na superficie da mesa foram mudados para o bordo onde hoje (1868) estão; sendo, além d'isso, coisa clara ao entendimento de Argote que a inscripção primitiva era sómente BRACARA AUGUSTA, visto que as palavras FIDELIS ET ANTIQUA (fiel e antiga) não condiziam com as inscripções usadas no tempo dos romanos.

. . . . . .

«A noticia das lettras picadas no plano da mesa e abertas á volta, induziram o credulo theatino a dar como obra de romanos o calhau, e inferir que no campo de S. Sebastião estivera a chancellaria dos dominadores do mundo!

. . . . . .

«Quem idoneamente sabia a utilidade da mesa, era um arcediago da Sé bracarense, sujeito que morreu ha mais de tres seculos, e deixou um manuscripto que, ha duzentos annos, pouco mais ou menos, parava em posse de Estacio de Novaes, cidadão de Braga.

«Este manuscripto esteve depois na cella do frade benedictino de Tibaens, fr. Manoel da Ascensão, que morreu por 1665 em Coimbra, onde leu theologia.

«O frade trasladou o manuscripto, e eu sou o dono do traslado, emquanto o governo me não ordenar que lhe entregue o trabalho do frade, para elle o fechar n'um gabinete onde a carcoma e os ratos o desfaçam.

«Ora conta diffusamente o codice, que em certos dias do anno costumavam os bracarenses fazer montaria nas visinhanças da mesma cidade. Esta ceremonia, imitada dos tempos gentilicos, passou a ser culto a S. João Baptista, depois que a fé christã espancou as trévas pagãs.

«Vejam que espancamento! O progresso redundou em apear do nicho um bruto olympico e substituil-o pelo precursor do divino Mestre!...»

*

«Na vespera, pois, da festa faziam os bracarenses cavalhadas além do rio Deste, e, depois da folga, monteavam á imitação dos seus maiores.

«Com o dobar dos annos, extinguiu-se a caça grossa, e esmoitaram-se os grandes matagaes onde as féras se embrenhavam. Nem por isso os cavalleiros

de Braga se abstiveram da sua antiquissima usança. Inventaram o como haviam de continuar, e resolveram lançar porcos no local que hoje denominam *coutada dos arcebispos* (este hoje refere-se a um *hoje* de ha trezentos annos), para assim cumprirem a sua devoção.

«Que devoção! matar porcos!

«Vamos lá. Chegaram — prosegue a relação e ementa do doutor — os tempos de D. Diogo de Sousa, o qual fundou uma capella de S. João Baptista, logo além da ponte, obra sua tambem, sobre o rio Deste; e, como se erigisse uma irmandade em honra do santo, tomou esta á sua conta dar os meios para continuarem os antigos costumes. Elegiam-se, para o caso, dois mordomos: um mordomo obrigava-se a crear e manter todo o anno um corpulento porco de còr preta. Na madrugada do dia de S. João, feitas as cavalhadas, iam os fidalgos ao alto do Picoto, soltavam o porco, e despediam atraz d'elle contra o rio Deste, onde o esperavam os moleiros sobre a ponte para lhe estorvarem a passagem, e obrigal-o a vadear o rio. Á ourela do rio estava povoléo d'aquelles sitios a escorraçar o porco para a ponte.

«A gente racional da cidade, divertida com as afflicções do seu irmão perseguido, pendurava-se por aquellas montanhas, esfuziando jubilosos guinchos e gargalhadas, que não ha ahi mais dizer.

«Emfim, se o porco passava a ponte, era premio do gentio fluvial, que o comia; se passava o rio, era dos moleiros, que o comiam tambem.

«E tudo isto em honra e louvor do snr. S. João Baptista e aproveitamento das almas.»

*

«Acabado o festejo, vinham os cavalleiros á alamêda de S. Sebastião, e sobre uma pedra, que ainda hoje se conserva em fórma de mesa — prosegue o frade, copiando o arcediago, — a qual estava muito armada e cheia de cestinhas com as fructas d'aquelle tempo, outro mordomo da confraria de S. João repartia pelos cavalleiros as taes cestinhas, que elles levavam pela cidade, com muita galhofa, ás pessoas da sua obrigação. A ceremonia do porco não sei ha que tempos acabou; porém, a das cestas de fructa, ainda conheci gente que a viu, e haverá cem annos, pouco mais ou menos, que toda se extinguiu.»

«Podemos, pois, sabido o anno em que morreu o frade (1665), approximadamente conjecturar que no meado do seculo de quinhentos acabou de todo a ceremonia das cestinhas de fructa; e tão depressa se deliu a memoria da serventia da pedra, que já fr. Manoel da Ascensão dizia: «Esta é a historia do porco preto tão decantada, e a serventia da pedra de S. Sebastião, que tanto deu que cuidar aos auctores que d'ella escreveram, sem até agora o saberem.

. . . . . .

*

«A historia do porco preto já eu a li algures em um dos tomos da *Monarchia Lusitana*; mas o prestimo da mesa, é a primeira vez que entra na lista das coisas sabidas e importantissimas para a his-

toria do espirito humano, do progresso e da christandade.

«Feitas as contas, a pedra que insinuou ao contador de Argote a existencia de uma chancellaria romana, alli pelas Carvalheiras, sae-nos pura e singelamente uma pertença á festa dos porcos. Ora vejam!

. . . . . .

Denominação errada — O Principe «perfeito»

. . . . . .

«Lê-se attentamente Acenheiro nos capitulos que entendem com o supplicio do duque de Bragança e a morte do de Vizeu ás mãos do filho do vencedor de Arzilla. Aquella carta de fr. Paulo, confessor do duque, é commovente e transluz verdade.

«A relação que o mesmo frade enviou á duqueza viuva, repassam-na lagrimas.

«O real carrasco, a quem infamissimos aduladores da corôa chamaram *Principe perfeito*, surge hediondo diante da posteridade, alçando-se por sobre a nuvem dos incensos com que thuribulos abjectos cuidaram escondêl-o á execração dos vindouros.

«Raro ha quem se cance em esgaravatar razões de estado que contrapesem a ferocidade do filho de D. Affonso V.

«A historia á volta d'elle o que encontra é cadaveres, oitenta cadaveres de homens illustres, uns es-

trangulados, outros decapitados, estes mortos a punhal, aquelles a peçonha.

«*Oitenta!* Confessou elle o numero, quando a morte lhe acenava de perto, e se lhe desabafava a consciencia supplicando ao papa contrictamente o perdão de seus peccados.

«Os lances capitaes de tão má alma contou-os a historia á tragedia.

«O theatro portuguez já se enlutou com os quadros de canibalismo, trazidos á rampa e ao grande brilho dos lustres para que o povo visse justificada a razão que teve a villanagem dos chronistas de alligarem ao assassino do duque de Vizeu o anthonomastico epitheto de principe «perfeito».

. . . . . .

. . . . . .

O «Alma-negra»

«O Melro, ás 8 da noite, quando os freguezes desalojaram, fechou a taverna; e, espreitando se os pequenos dormiam, disse á mulher:

«— A casa do Cambado é nossa; mas é preciso vindimar o Zeferino...

«— Crédo! — exclamou a mulher, com as mãos na cabeça. — Nossa Senhora nos acuda!

«— Leva rumor!

«E punha o dedo no nariz.

«— Ó Joaquim, ó marido da minha alma, alem-

bra-te dos tres annos que penaste na cadeia! Olha para aquelles quatro filhos!...

«— Já te disse que me não cantes.

«E relançava-lhe o seu formidavel olhar vèsgo, incendido com os lampejos da candeia em que afogueava o cachimbo de pau.

«Depois foi tirar, d'entre a cama de bancos e a parede, uma velha clavina. Sentou-se á lareira, e disse á mulher que tivesse mão na candeia. Enroscou o sacatrapo na ponta da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a bucha de musgo, e depois, voltando o cano, vasou o chumbo na palma da mão.

«— Ó Joaquim, vê lá o que vaes fazer! — insistia a mulher, limpando os olhos com a estopa da camisa.

«E elle, assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desaparafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras.

«A mulher soluçava, e elle, cantando n'uma surdina rouca:

Leva ávante, portuguezes,
Leva ávante, e não temer...

«— Pelas chagas de Nosso Senhor, alembra-te dos nossos pequenos.

«E o Melro, n'uma distracção lyrica:

Pela santa liberdade,
Triumphar ou padecer...

«Depois, bufava para dentro do cano e punha o dedo indicador no ouvido da culatra, para sentir a pressão do sòpro, que fazia um fremito aspero, impedido pelas escorias nitrosas. Pediu á mulher umas febras d'algodão em rama, enroscou-as n'uma agulha de albarda, e escarafunchou o ouvido do cano.

«— Está suja — disse elle. — Dá cá um todonada de aguardente.

«— Joaquim, vamo'-nos deitar, pelas almas. Não te desgraces!

«— Traz aguardente e cala-te, já t'o disse, mulher, com dez diabos!

«E pòz-se a assobiar a *Luizinha*.

«Enroscou algodão embebido em aguardente no sacatrapo, e esfregou repetidas vezes o interior do cano até sahirem brancas e seccas as ultimas farripas da zaracotea. Soprou novamente, e o ar sahia sem estorvo pelo ouvido com um sibillo igual. Parecia satisfeito, e cantarolava, *mezza voce*:

Agora, agora, agora,
Luizinha, agora.

«Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, introduzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo pollegar, para certificar-se de que o desarmador, a caxêta e o fradête trabalhavam harmonicamente. Levantou o fuzil de aço, que fez um som rijo na mola, e friccionou-o com polvora

fina; e, com o bordo de um navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira, que faiscava.

«— Valha-me a Virgem! valha-me a Virgem! — soluçava a mulher.

«E elle, zangado com as lastimas da mulher, com expansão raivosa, n'um *sfogato:*

E viva a nossa rainha,
Luizinha,
Que é uma linda capitôa...

«— Vae á loja, atraz da ceira dos figos, e traz o masso dos cartuxos e uma cabacinha de polvora de escorvar que está ao canto.

«A mulher dava-lhe as coisas, a tremer, e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga, e ás almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso, e regougou:

«— Mau!... mau!...

«Carregou a clavina com a polvora de um cartuxo; bateu com a cronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buchas do papel do cartuxo, bateu-as com a vareta ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Agora, agora, agora,
Luizinha, agora.

«Depois, pegou da clavina pela guarda-matta, e

pòz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho, com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

«A mulher fòra sentar-se no sobrado, á beira da enxerga de tres filhos a chorar; o mais novo esperneava, dava vagidos na cama a procural-a. O *Alma-negra* fòra dentro beber uns tragos de aguardente, e voltou enroupado n'um capote de militar, despojo das batalhas da *Maria da Fonte*.

«— Ora agora — disse elle, — ouviste? Porta da cozinha e a cancella da horta aberta, porque eu venho pelo lado do pinhal.

«— Vae com Nossa Senhora — disse a mulher.

«E pòz-se de joelhos a uma estampa do Bom Jesus a rezar muitos *Padre-nossos*, a fio.

. . . . . .

. . . . . .

*

«Quando, á meia noite, o *Alma-negra* entrava em casa pela porta do quintal, encontrou a mulher ainda de joelhos diante da estampa do Bom Jesus do Monte. Ao lado d'ella estavam duas filhas a rezar tambem, a tiritar, embrulhadas em uma manta esburacada, aquecendo as mãos com o bafo.

«O Melro mandou deitar as filhas, e foi á loja contar á mulher, livida e tremula, como o Zeferino morreu sem elle pòr para isso prégo nem estopa. Ella pòz as mãos com transporte, e disse que fòra milagre do Bom Jesus; que estivera tres horas de joelhos diante da sua divina imagem.

«O marido objectava contra o milagre — que o

compadre não lhe dava a casa, visto que não fôra elle quem vindimára o Zeferino.

«E a mulher:

«— Que levasse o demo a casa; que elles tinham vivido até então na choupana alugada, e que o Bom Jesus os havia de ajudar.»

*

«Ao outro dia, o Joaquim Melro convenceu-se do milagre, quando o compadre, depois de lhe ouvir contar a morte do pedreiro, lhe disse:

«— Emfim, vossê ganha a casa, compadre, porque mátava Zéférino, se os outros não mátam elle, heim?»

Uma anedocta de Camillo

Camillo Castello Branco, cuja vesania de talento e saudades do passado o levaram a visitas contemplativas ao Bom Jesus do Monte (muitas visitas interrompidas em meio por incomprehendidos estados morbidos da sua alma alanceada por grandes dôres moraes), condescendeu, n'uma das suas visitas a Braga, em se fazer ouvir n'um grupo de amigos e admiradores, n'um dos *cafés* da *Arcada* — o soalheiro da maledicencia da velha cidade.

Abancou n'um dos botequins que, como o testemunha no seu livro *Duas horas de leitura,* por variados filtros fabricava café *forte;* e, uma vez alli, deixava correr á desfilada o seu espirito de cavaqueador malicioso, quando notou que, na roda, um dos assistentes cahia em profunda meditação diante d'um calix de canna, o terceiro a emborcar após um d'aquelles copos de café em *fórma de sino com a porca para baixo,* que eram a delicia com que a fina sociedade bracarense

d'aquelle tempo se lambia para espevitar a memoria na critica dos casos do dia.

Estava o meditabundo M. F. de pupilla baixa, mãos juntas, semblante seraphico e ar melancolico, perdido, quando Camillo o chamou á realidade das coisas e quiz saber por que regiões do intangivel ou por que mysterios da antiguidade o seu imaginar andava irradiando.

— Pensava agora — esclareceu o absorto e devoto fidalgo M. F., pondo nas suas palavras uma pausa grave e solemne de intima e religiosa compostura — na sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo!

Camillo sorveu um frouxo de riso, e obtemperou de seguida:

«— Effectivamente tem vossê diante dos olhos os emblemas da paixão: o *calix* da amargura, a *canna*, a *esponja*, que é vossê, e a *cruz* que nós levamos em atural-o!»

Sanguinarios santos!

«S. Thiago, por parte de Castella, e S. Jorge, o inglez, por Portugal, de vez em quando baixavam do empyreo, e vinham, como dois *condotieri* medievaes, terçar os seus montantes invisiveis, mas devastadores, nos campos de batalha espapaçados de sangue. Dir-se-ia que o Altissimo consentia que aquelles dois celicolas viessem cá em baixo n'este planeta cevar antigos rancores na carnificina de duas nações da mesma raça, duas velhas e valentes propugnadoras da civilisação sob o lábaro de Jesus Christo. Chro-

nistas e poetas faziam a Deus a affronta de o imaginarem emparceirado n'estes desmandos faccinoras dos dois santos.

«Afinal, um dia, a Providencia, ostentando os mysteriosos processos dos seus designios, derrubou os estandartes de exterminio entre as duas nações opiladas de rancor rhetorico, e levantou sobre os escombros da Andaluzia — o paraiso terreal de Hespanha — a bandeira da caridade. Em vez do estrondo das trombetas de guerra, fez soar a toada plangente dos gemidos da miseria. E em volta d'essa signa de paz reuniu em um abraço, ungido pelas lagrimas dos desgraçados a quem soccorriam, hespanhoes e portuguezes, que então se reconheceram descendentes dos implantadores da sagrada cruz na peninsula arabe.

«S. Thiago e S. Jorge, que presenciaram este lance lá do alto céo, apertaram fraternalmente as suas santas mãos, e dependuraram as espadas ao lado da de S. Pedro, ainda tingida de sangue do Malcus desorelhado. Foi bom.»

Morte de um lobo

«Uma noite de novembro cahia neve, e os aspectos do céo profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar álgido, que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida de uns lagos de prata fundida.

«O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapella da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos cêrros.

«Uivos longinquos de lobo ouviam-se, e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande n'aquella immensa corda de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração.

«Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo alli perto, para lá da espinha do cêrro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contrição; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos serios do homem com o lobo.

«Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horisonte branco com uma negrura immovel, sinistra; parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço n'um aspecto de admiração, de surpreza. Depois, descahiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica.

«Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Es-

tava ao alcance da bala o lobo; mas o frade caçador, astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôz-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães:

«— Bóca! péga! cérca! Ahi vae lobo!

«Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida, para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se e desceu mui de passo, com uns vagares ironicos, com a cauda de rôjo e o dorso erriçado, a ladeira da collina.

«O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicio estava mais perto que a sua aldeia, e para aquelle lado latiam cães de um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das rêzes nos curraes.

«Trepou afoito ao teso do outeiro: ganhára animo; bebêra uns tragos de aguardente de uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da creação, segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo.

«Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se um algar emmaranhado de matto bravio e espesso, onde se embrenhára. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençoes; e, quando olhava para traz receoso, viu a alimaria, a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da es-

querda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldeia.

«O padre agachou-se, coseu-se com o vallo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas; e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou parallelo com o lobo, que o farejava de focinho anhelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da creação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes.

«O lobo, varado pela espadua até ao coração, decahiu sobre um dos quadris, escabujou em roncos frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado n'uma grande agonia, e morreu.»

As mulheres da Maia

«A terra da Maia é um alfòbre de moças bonitas, com os seios altos e alvos como pombas no ninho; os quadris elasticos e boleados teem saliencias que vos levam captivo, e vos levarão doido se lhes virdes as *lisas columnas* em que a *hera* do verso de Camões lembra sempre...

Desejos que como hera se enrolavam.

«E lembra sempre este verso e os outros convi-

sinhos [1], por serem os *Lusiadas* um poema que se lê nas escólas, e se encontra no açafate de costura das educandas que poderam subtrahir-se á morigeração pestilencial dos lazaristas.»

Um homem sem sorte

. . . . . .

«Aconteceu encontrar-se Melitão, a sós, com Dorothea, quando a esposa passeava o seu leite de burra no jardim. Approximou-se d'ella, bastante inflammado, com os olhos a espirrar lascivia e a face retinta de um colorido pudibundo. Assim mesmo, a ama tomou-lhe mêdo, um susto virginal, e fez pé atraz, aconchegando do seio o menino, como uma defeza a brutos apalpões.

«Elle então sacou da algibeira das pantalonas uma bocetinha de velludo escarlate, abriu-a premindo a mola, e expôz aos olhos fascinados da rapariga um bom diamante encravado em annel de ouro, e disse balbuciantemente:

«— Dorothea, acceite-me esta lembrança: peço-lhe segredo, e rogo-lhe por alma da sua filha que não se vá embora.

«Muito atrapalhado, bem se vê pelo topico da alma da menina, que morrêra com quatro mezes de

[1] Canto 2.º, est. XXXVI.

idade! O caso é que Dorothea estendeu o braço horisontalmente, abriu a mão, recebeu a bocêta, fechou a mão, e metteu-a na algibeira do paletó de alpaca.

«Melitão, de orelha fita para o lado do jardim, deu tento das passadas da mulher, ringindo as botinas denunciantes pela escada acima, e safou-se pé ante pé.

«D. Anathilde tinha o olfacto subtilissimo das tysicas, a membrana pituitaria tão dessorada, que todos os effluvios lhe penetravam nos póros permiaveis.

«O marido exhalava um cheiro particular a drogas de fabrica de tecidos, um perfume azotado que o annunciava a distancia.

«Quando entrou na saleta em que a ama, n'uma atarantação de compromettida, estava aleitando a creança, Anathilde pòz-se a fariscar o ambiente, peorando o formato do orgão olfactivo no arregaçado e franzido das azas nasaes.

«— O snr. Melitão esteve aqui? — perguntou azedamente.

«— Esteve, sim, minha senhora — respondeu a ama empallidecendo, muito enfiada.

«— Elle que queria?

«— Nada, acho eu. Fez mimos ao menino e foi-se embora.

«— Ah! bem.

«Desceu para a casa do almoço. Ia fulla, n'uma irritação de suspeita confirmada, ferida no seu cora-

ção de esposa, e mais ainda na consciencia de sua fealdade original, comparada com a bonita mulher em que muitas vezes vira embasbacados os olhos do marido.

. . . . . .

. . . . . .

«Quando se assentou á mesa a trinchar um bife de grelha, dava facadas no prato, e por debaixo da banca raspava no taboado com as botinas n'um frenesi cancanista de pernas que habitualmente, pela fraqueza, pareciam uns suspensorios milagrosos.

«Melitão estava espantado, e não sabia o que era aquillo, a menos que Dorothea estupidamente denunciasse o segredo do annel. Parecia-lhe impossivel tamanha brutalidade! Ou daria sua esposa fé que elle subiu, á surrelfa, do escriptorio ao 2.º andar?

«— Ó ama! — chamou Anathilde — traga cá o menino para vêr o papá, que ainda hoje o não viu. Pois não é verdade? Tu ainda hoje não viste o Alvaro, pois não?

«Melitão açafroava-se até aos lobulos das orelhas e gaguejou:

«— Sim... eu já o vi de passagem...

«— Onde?

«— Lá em cima.

«— Que foi o senhor fazer lá acima, não me dirá?

«— Ia vêr o menino.

«— Mas o seu costume é vêl-o pela primeira vez ao almoço.

«— Cuidei que estaria comtigo...

«— Commigo?! Ora essa! Pois vossê deixou-me no jardim a passear o leite e foi-me procurar ao 2.º andar?! Que trapalhão!

«Dorothea ouvira este dialogo, e em vez de entrar desembaraçadamente para auxiliar a innocencia do patrão, fugiu com o menino, protestando ir-se logo embora.

«— Ella tem mais vergonha que o senhor. Não quiz entrar... — notou Anathilde, dando fé que a ama se retirava. — Tenha tambem vergonha vossê, que é um homem velho. Já era tempo de ter juizo n'esse miòlo.

«Melitão assanhou-se, levantou-se de salto, atirou com o talher de encontro ao *plateau*, e vociferou:

«— Sabes que mais? Vae para o diabo que te carregue, que eu não estou para te aturar, ouviste?

«E safou-se para a fabrica, golfando fumaradas de raiva pela rua do Bomfim acima.

«Sem interpòr tempo nem reflexão, D. Anathilde chamou o creado de mesa, e mandou-o a todas as inculcadeiras procurar uma ama, e que trouxesse a primeira que encontrasse.

. . . . . .

. . . . . .

«O creado demorara-se pouco. Entrou com uma ama chegada, havia pouco, de Amarante, — um alfòbre de amas, grande exportadora para os alcouces.

«Era uma mulheraça, pujante e barbaçuda.

«— Vae chamar a ama — ordenou D. Anathilde á creada de sala, — e que traga o snr. Alvaro, ainda que elle esteja a dormir.

«Desceu Dorothea com o menino, timorata e receosa de pancadaria, morta por safar-se.

«— Entregue o menino a esta ama — disse a senhora, sem a encarar. — Eu vou sahir com ella para casa de meus paes, e vossê fique no meu logar.

«— Isso é que não! — acudiu Dorothea gesticulando com os dois braços, com a cabeça, com os quadris, com tudo. — Isso é que não! Eu hei de sahir primeiro, e é já, e é já!

«— Quanto se lhe deve? — perguntou Anathilde já modificada.

«— Não sei, nem me importa. Se nada me quizerem dar, tambem vou contente.

«E retirava-se muito esfandegada.

«— Espere, mulher!

«A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puxador de uma gavetinha de *toilette*, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um anno.

«— Isto é de mais — obviou Dorothea. — Eu só cá estive seis mezes, e já recebi tres moedas por conta.

«— Fique com o resto, visto que vossê é mais honesta do que eu suppunha e era de esperar. A culpa não a tem vossê. Póde ir, e adeus. Seja feliz.

«— A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.»

*

«Quando um gallego descia com a caixa de pinho ás costas, entrava Ladislau Melitão, adivinhando o cataclismo.

«— Que caixa é essa?! — perguntou.

«— Que a dona vinha ahi atraz — explicou o gallego.

«Dorothea appareceu no patamar, muito desengonçada, muito vermelha, mais espectaculosa do que nunca.

«— Vossê onde vae?! onde vae? — perguntou o fabricante estupefacto, com os olhos espipados.

«— Vou para minha casa. Passe v. s.ª muito bem.»

*

«*Mas o melhor da passagem*, como diria o snr. Antonio de Serpa, é que Dorothea não restituiu o annel a Melitão.

«O esquecimento é desculpavel pela atrapalhação da sahida.

«— Que espiga! — dizia elle, esmagado n'alma sob o peso da catastrophe, e de mais a mais com a perspectiva das borrascas domesticas, bravas luctas com a esposa, o osso da sua carne!... — Que espiga!»

Monarchas... musicos

«O fundador da dynastia brigantina, D. João IV, foi um grande musico. D. Affonso VI notavel guitarrista como Luiz XV. D. João V tinha um tão estrondoso amor á musica, que se deliciava nos carrilhões de Mafra. D. José I tinha a paixão das operas. D. Maria I tangia cravo e harpa, e aturava no seu reino as patifarias da Zamperini e da Camargo. D. João VI era basso profundo, cantava antiphonas e gostava de arquejar os folles nos orgãos de Mafra.»

Um saldo de contas

«Ayres Ferreira, da casa dos senhores de Cavalleiros, e couto de Frazão e Marvilla de Couros, viveu em Barcellos, no tempo de D. João III.

«Teve quatro filhos e duas filhas.

«Os rapazes, á excepção de um, que morreu na infancia, foram todos servir na India: eram Ruy, Alvaro e Gonçalo.

«Os tres soldados grangearam fama no Oriente; e Ruy Ferreira de Mendonça, o mais velho, avantajou-se nas proezas — nas crueis façanhas que os Coutos e Barros chamaram proezas.

«Não lhes desluzam, por isso, a memoria. Era seculo de trévas e de missionarios. Reinava D. João III, o inquisidor. Cada qual é do seu tempo. Se algum contemporaneo, como o bispo de Silves, protestou

contra o fanatismo sanguinario, deve-se o protesto honroso a não ter ido lá o insigne escriptor. Se fosse, pegaria d'elle a contagião da carnagem, a peste d'aquelle ar infecto da sangueira, o colera que accendia sêdes de cubiça insaciavel.

«No seu solar de Barcellos ficára Ayres Ferreira sósinho e triste. Doía-lhe mais que tudo a saudade de Ruy, o seu primogenito, que lhe fugira, ancioso de batalhas, e invejoso dos irmãos, cujos nomes começaram a ser laureados na Asia em 1543.

«N'aquelle tempo, um mancebo de appellido *Goes* renunciava esse appellido, que era o do seu progenitor, em affronta ao pae, que lhe impedira servir as armas na India!

«Um dia, Ruy Ferreira de Mendonça recebeu em Gôa carta de seu pae, queixando-se dos filhos, que o deixaram velho, desamparado, e exposto aos affrontamentos de quem já lhe não temia o braço alquebrado por annos e desgostos.

«E contava que o abbade de Creixomil, clerigo fidalgo e possante, ousára pôr-lhe as mãos nas barbas.

«Ruy sahiu com a carta de seu pae em demanda do vice-rei a pedir-lhe licença para vir ao reino. O vice-rei negou-lh'a com intento de evitar um crime, privando-se de um dos seus mais valentes capitães. E, sabendo que o fidalgo lhe não obedeceria e se andava negociando clandestinamente passagem nas naus, deu-lhe ordem de prisão até que os navios levantassem ancora.

«As naus abalaram, e Ruy foi posto em liberdade.

«Apenas livre, correu á barra, avistou ao longe o velame, arrojou-se ás ondas, e nadou na esteira d'ellas. Quatro horas bracejou, reagindo ao sossobro, que o levava de vencida. Favorecido por subita calmaria, as naus baloiçavam-se paradas, e as vagas alisaram-se como lago de aguas estanques. Viram da amurada o homem que nadava. O capitão que lhe quizera dar passagem occulta, suspeitou quem fosse, e mandou uma lancha com oito remadores ao encontro d'elle. Colheram-no reanimado, mas em tamanho quebranto de forças, que levou dias a restaurar-se. Tinha cortado duas leguas de mar!

«Desembarcou em Lisboa e seguiu para o Minho.

«S. Thiago de Creixomil, abbadia do então chamado Couto de Fragoso, demorava no termo de Barcellos.

«Ahi vivia o clerigo que affrontára Ayres Ferreira.

«Ruy, antes de se avistar com o pae, bateu á porta do abbade, e enviou-lhe o seu nome.

«O fidalgo tonsurado desceu ao rocio da sua residencia empunhando a espada de cavalleiro. O soldado da India rejubilou quando viu o adversario armado. Vexava-o ter de matar um inerme.

«Travaram-se os dois gladios; mas que prelio tão desigual entre o guerreiro experimentado e o fidalgo que sabia apenas a esgrima de curioso! Á volta de poucos botes, o abbade de Creixomil cahiu

traspassado do peito ás costas, ouvindo estas vozes frementes de odio:

«—Perro! Não pozesses as mãos nas barbas de um velho!

«E depois foi beijar a mão a seu pae, com quem se demorou algumas horas, e partiu, para não perder a passagem das naus, que estavam de vela para a India.

«E lá foi ceifar novos loiros.»

O noticiario

«O *noticiario!* Ninguem, que me conste, aprofundou ainda o que esta palavra encerra em si de humanitario! S. Paulo, todos os evangelistas, as catecheses derramadas de angulo a angulo da terra, em materia de caridade, não se avantajaram á missão do noticiario.»

Bom Jesus do Monte

«Houve um tempo em que do Brazil affluiam valiosas esmolas para a fabrica do Bom Jesus do Monte. Era mysterioso o destino do cofre do Bom Jesus. Não se podia admittir que os tutores da milagrosa imagem comprassem as frondosas arvores que aformosentavam o sitio, nem as auras convidativas que attrahiam o concurso dos romeiros. De vez em quan-

do, apparecia uma capella nova com judeus novos, menos horridos, mas ainda assim muito afastados da tradicional belleza hebraica. Indistinctamente, todos os mesarios manifestavam o seu odio aos judeus, recommendando aos esculptores que se aprimorassem na especialidade nariz, dando-lhe uma curvatura, um resalto, umas ventas dignas da pancada usual dos peregrinos.

«O esculptor envidava todo o seu esforço plastico em tornar os soldados de Pilatos o menos sympathicos e mais dignos do escarneo injurioso das turbas que entoavam a Via-Sacra. Os judeus propriamente ditos estremavam-se pela amplitude das fossas nasaes e pela dentadura refilada; ao passo que Jesus de Nazareth, tambem judeu pelo facto da sua incarnação em Maria, esse, faziam-no gentil quanto cabia nos seus grosseiros instrumentos, estragados na deformação monstruosa de Kaiphas e Anas.

«Succediam-se os mesarios, que, de vez em quando, deitavam novo passo da Paixão, e dos dinheiros do pacientissimo Jesus compravam fazendas, não para se enforcarem, como Judas de Kerioth no Haceldama, mas para se desenforcarem de forquilhas em que traziam os creditos pendurados. O marquez de Vallada, quando governou o districto de Braga, syndicou do thesouro do Senhor do Monte, e dissolveu a mesa, talvez com o proposito de a metter em processo.

«Descobrira um inveterado latrocinio, em uma corrente não interrompida de gerações, que ha dois

seculos viviam milagrosamente dos milagres do Senhor do Monte.

. . . . . .

«Succedeu áquella intercortada corrente uma geração nova de mesarios, rapazes, mais ou menos positivistas, comteanos, littréistas, viajantes, cheios de Florença, do Bois de Bologne, de Baden-Baden. As arvores seculares da formosa floresta, chamada a *Mãe d'agua*, em cujos troncos se viam entalhadas iniciaes e datas amorosas, alli gravadas por moços que, já velhos, iam recordar e respirar, talvez nas lagrimas — essas arvores, que eram o coronal verde e rumoroso da montanha, foram derrubadas. No agreste terreno, que ellas cobriam de sombra, protegendo o tapete da relva, onde merendaram alegremente as gerações de dois seculos, fizeram um lago, um paúl, onde a agua se estagna á mingua de renovação.

«No ponto mais sadio da floresta abriram um pantano, destruindo uma fonte cristallina, onde o leitor, talvez em creança, se deliciasse a vêr rolar os bogalhos á tona da murmurosa corrente. Á beira d'aquelle pantano a demora é perigosa. Uns sentem colicas, outros calefrios, enxaquecas, vertigens, typhos!

«Eu não estranharei que o codigo criminal reformado mande para o Bom Jesus os réos sentenciados para Pungo Andongo.

«Depois, com os lagos, veio o *sport* compativel com a terra.

«Correram-se lá jumentos no anno passado (1879).

Muita gente, muita alegria, os burros muito bons, damas muito bonitas, e os narizes dos judeus a arquejarem de satisfação, de vingança, por entenderem que os burros na montanha sagrada eram maior injuria a Jesus Christo que a sentença de morte que lhe infligiram os phariseus com tal qual apparencia de legalidade.

«N'aquelle concurso apenas havia seis innocentes impollutos de peccado venial: eram os seis burros que correram.»

Influencia do alfaiate sobre o intellecto

«Li em algures, e estou convencido de uma verdade que sôa como paradoxo; e é que o espirito de cada pessoa tem muito que vêr com o modo como ella está entrajada. A intellectualidade apouca-se e confrange-se quando o sujeito se olha em si, e se desgosta da compostura dos seus vestidos. O desaire do espirito como que se identifica ao desaire do corpo. As ideias sáem còxas e esconsas do cerebro; a expressão, tardia e canhestra, denuncía o retrahimento da alma; ha o quer que seja phenomenal que eu tivera em conta de desvario meu, se muitos sujeitos me não tivessem confessado semelhantes segredos de psychologia, em que o alfaiate exercita importante alçada.»

Supplicio da marqueza de Tavora

«A aurora do dia 13 de janeiro de 1759 alvorejava uma luz azulada do eclipse d'aquelle dia, por entre castellos pardacentos de nuvens esfumaradas que, a espaços, saraivavam bátegas de aguaceiros glaciaes.

«O cadafalso, construido durante a noite, estava humido. As rodas e as aspas dos tormentos gottejavam sobre o pavimento de pinho. Ás vezes, rajadas de vento do mar zuniam por entre as cruzes das aspas e sacudiam ligeiramente os postes.

«Uns homens, que bebiam aguardente e tiritavam, cobriam com encerados uma falúa carregada de lenha e barricas de alcatrão, atracada ao caes defronte do tablado.

«Ás 6 horas e 42 minutos ainda mal se entrevia a faixa escura com umas scintillações de espadas núas, que se avisinhava do cadafalso. Era um esquadrão de dragões. O patear cadente dos cavallos fazia um ruido cavo na terra empapada pela chuva.

«Atraz do esquadrão seguiam os ministros criminaes, a cavallo, uns com as togas, outros de capa e volta, e o corregedor da côrte com grande magestade pavorosa. Depois, uma caixa negra, que se movia vagarosamente entre dois padres. Era a cadeirinha da marqueza de Tavora, D. Leonor. Alas de tropa ladeavam o prestito.

«Á volta do tablado postaram-se os juizes do crime, aconchegando as capas das faces varejadas

pelas cordas da chuva. Do lado da barra reboava o mugido das vagas, que rolavam e vinham chofrar espuma no parapeito do caes.

«Havia uma escada que subia para o patibulo.

«A marqueza apeou da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres. Ajoelhou no primeiro degrau da escada, e confessou-se por espaço de cincoenta minutos.

«Entretanto martellava-se no cadafalso. Aperfeiçoavam-se as aspas, cravavam-se prégos necessarios á segurança dos postes, aparafusavam-se as roscas das rodas.

«Recebida a absolvição, a padecente subiu, entre os dois padres, a escada, na sua natural attitude altiva, direita, com os olhos fitos no espectaculo dos tormentos. Trajava de setim escuro, fitas nas madeixas grisalhas, diamantes nas orelhas e n'um laço dos cabellos, envolta em uma capa alvadia roçagante. Assim tinha sido presa, um mez antes. Nunca lhe tinham consentido que mudasse camisa nem o lenço do pescoço.

«Receberam-na tres algozes no tòpo da escada, e mandaram-na fazer um giro no cadafalso para ser bem vista e reconhecida. Depois, mostraram-lhe um a um os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miudo como haviam de morrer seu marido, seus filhos, e o marido de sua filha. Mostraram-lhe o maço de ferro que devia matar-lhe o marido a pancadas na arca do peito, as tesouras ou aspas em que se lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos

braços ao marido e aos filhos, e explicaram-lhe como era que as rodas operavam no garrote, cuja corda lhe mostravam, e o modo como ella repuxava e estrangulava ao desandar do arròcho.

«A marqueza então succumbiu, chorou muito anciada, e pediu que a matassem depressa.

«O algòz tirou-lhe a capa, e mandou-a sentar n'um banco de pinho, no centro do cadafalso, sobre a capa, que dobrou devagar, horrendamente devagar. Ella sentou-se. Tinha as mãos amarradas, e não podia compòr o vestido, que cahira mal. Ergueu-se, e com um movimento do pé concertou a orla da saia. O algòz vendou-a, e ao pòr-lhe a mão no lenço que lhe cobria o pescoço:

«— Não me descomponhas — disse ella.

«E inclinou a cabeça, que lhe foi decepada pela nuca, de um só golpe.»

A vida intima

«A vida intima é cheia de passagens ridiculas. A gente, que escreve casos tristes, se lhes não joeirasse a parte comica, não arranjava nunca uma tragedia.»

Medicina da alma

«Uma alma traspassada de saudades de outra, que passou ao infinito, dois remedios tem sómente

que a soccorram. A religião é um; o outro é de tanta vulgaridade, que faz pejo dizêl-o: é a distracção, synonimo de outro vocabulo ainda mais raso: divertimento. As curas operadas pela segunda especie sobreexcedem muito as do balsamo divino.

«A gente, a cada passo, dá de rosto em theatros e salas com umas creaturas risonhas de quem, n'outros dias passados, lamentamos as desventuras como se fossem nossas.

«Poderiamos, a olhos seccos, vêr a joven viuva que perdesse o esposo antes de festejar o seu primeiro anniversario de amantissima e ditosa consorte?

«Que alma não vestiria luto, vendo uma cariciosa mãe perder um depós outro os seus filhos todos, já creados e formosos, e ficar velha e solitaria ella, sentando-se á mesa do repasto a contemplar vasias as cadeiras dos filhos?

«Qual julgarieis que devia ser o remate das afflicções da irmã que viu o pae e irmãos engolfados na vaga da tempestade que os revessou á praia tão menos de cadaveres, que nem pedaços restaram sobre que a piedade filial podésse tributar os responsos funebres em que Deus quer que vá não pequeno desafogo?

«Pois quem salvou a mãe, a esposa, a irmã que hontem vimos a louçanear por bailes, a estadear-se nos theatros, a emular seu quinhão de jubilos onde concorrem os felizes ainda não apalpados pela desgraça? Quem as salvou? Foi a distracção, o divertimento.

«E por que não seria a religião?

«Não é d'aquella sorte que a religião cura. As curas do céo são esperanças e conformidade. Aquell'outras que vêdes chamam-se «esquecimento». Onde está o balsamo piedoso está a memoria permanente com lagrimas já desacerbadas do amarissimo desesperar, já doces, já suaves e olorosas como a oração.

«A «distracção» que vos deu renascidas e vivedouras creaturas, ao primeiro encontro, preadas de sua angustia, é fealdade assim humana que abjecta: ha ahi coisa de nòjo e vergonha. A religião cura; mas os convalescidos da mortal enfermidade nunca mais voltam a buscar contentamentos onde elles se recebem em troca da memoria de outros, que era sagrado dever não atraiçoar.»

Gil Vicente... ourives

«A arte da ourivesaria foi cultivada primorosamente em Guimarães no seculo XV. D'aqui sahiu Gil Vicente, o lavrante da rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Fez aquella galanteria da custodia de Belem, que o leitor não trocaria decerto pelas delicias de relèr os Autos e Comedias que elle fez tambem, o nosso Shakspeare. Eu trocava; e ousaria até propòr a troca, se a custodia não estivesse na baixela de el-rei.»

A mulher

«A mulher não tem valor determinado como uma perola. Abstracta como os espiritos, espiritual como os anjos, não ha theologo, nem mathematico, que a defina pelo dogma, ou a calcule pelas operações infalliveis. Sabe-se que vale muito; mas não é ella que o sabe. Sabem-o aquelles que soffreram por ella, embora as flôres do triumpho pendam murchas na sua corôa de martyrio. Sabem-o os que tiveram alma sedenta de paixões, embora bebessem alfim por taças de ouro esse licor, que embriaga, sacia, entorpece e paralysa.

. . . . . .

«A mulher era o ente mais poetico da creação. Firme no seu throno, se quizesse ser rainha incorruptivel, veria baldarem-se as conspirações da avareza, quando ella estendesse o seu olhar angelico e imperioso sobre as legiões assoldadadas ao demonio do egoismo. Ella, a commissionada do céo, poderia assentar os seus arraiaes de conquista sobre as ruinas dos emporios traficantes, e manietaria ás rodas do seu carro triumphal essas frontes empennachadas que varrem os estrados da cabeça do bezerro. Nem o templo teria *publicanos*, nem a lei salica, nem os harens teriam cuspido uma affronta na alfaia mais preciosa, que adornou o Ente Supremo no dia da creação.

«Mas a mulher, embaciada no seu verniz ideal, desenfeitada d'esses adereços, cujo cofre de myste-

riosas chaves era o coração do homem; a mulher, sem poesia, é um barro mais quebradiço que a tradicional costella do homem.

«Faça-se justiça ao homem. Não foi elle o depressor da mulher. Foi ella, que pediu o seu quinhão á mesa das ambições. Quiz ser contemplada em interesses havidos e por haver. Fez-se carnal em todas as suas potencias. Calculou com as lagrimas e com os risos: vendeu-se nos seus affectos, e protrahiu o grandioso da sua realeza, decretando que o thuribulo de seus perfumes contivesse myrrha, incenso, e *ouro* tambem. Constituida mercancia, esta engenhosa feitura de Deus, tornou-se um objecto de permutação, uma compra de contento, uma coisa de fastio, como o casaco usado, as pantalonas velhas, e o chapéo do anno passado.»

*

«Todo o homem é poeta.

«E a religião e a mulher sentam-se á beira do seu berço. Está alli uma existencia melindrosa e tenra, confiada aos desvelos de mãe, tremula á incerteza de um futuro, que seu filho vae deparar talhado ao molde de uma sociedade pessima.

«A mulher é a mãe, em cujo regaço as primeiras augustas imagens da religião são entalhadas no espirito do filho. Dos labios d'ella filtram-se palavras de Deus, as primeiras sensações para o coração virgem, despovoado, e anhelante da creancinha, que repete, de mãos postas para o oratorio de sua mãe, as tres *Avè-Marias* da oração da tarde.

«A mulher, é essa que passa entre as multidões do templo com seu filho no collo, para ajoelhar com elle sobre a pedra polida de um tumulo. A creança ahi préga olhos ávidos nos labios de sua mãe, que ciciam a oração da hostia; ergue as mãos para o altar, onde bruxoleiam nas suas luzes os fulgores vagos da patria dos anjos, e reza um murmurio solto de palavras que não comprehende. Mas debaixo de seus joelhos, á sombra do baptisterio, onde as portas do céo lhe foram franqueadas, estão os ossos de seu avò; e a creança reza um *Padre-nosso*, porque sua mãe lhe ensinára, que as preces do innocente podem alcançar de Deus o perdão para o criminoso.

«A mulher, é essa que chorou, quando seu filho, após o irresistivel instincto da vida livre, repartiu as horas do dia e da noite entre as novas sensações do mundo mentiroso, e as doutrinas evangelicas de sua mãe. E ella chorava, porque tão poucas eram as horas que sobejavam a seu filho para escutal-a, e tantas as visagens de impaciencia que divisava n'aquelle rosto já deslustrado do verniz da candura.

«Mas o filho da mãe virtuosa não era impio. A *mulher* e a *religião* dominavam-o ainda.»

Camillo em horas de desalento

«A casa onde vivo (em 1864), rodeiam-na pinhaes gementes, que, sob qualquer lufada, desferem suas harpas. Este incessante soído é a linguagem da

noite que me falla: parece-me que é voz d'além-mundo, um como borborinho que referve longe, ás portas da eternidade.

«Se eu não amasse de preferencia o socego do tumulo, amaria o rumor d'estas arvores, o murmurio do corrego onde vou cada tarde vêr a folhinha secca derivar na onda limpida; amaria o pobre presbyterio, que ha trezentos annos acolhe em seu seio de pedra bruta as gerações pacificas, ditosas e incultas d'estes selvagens felizes, que tão illuminadamente amaram e serviram o seu Creador. Amaria tudo; mas amo muito mais a morte.»

Os sermões do padre Antonio Vieira

«São os sermões do padre Antonio Vieira uns riquissimos minerios do mais fino ouro pelo que respeita á linguagem. Ninguem reuniu em poucas paginas tantas palavras rubricadas pelos mestres que o precederam. As opulencias, que Vieira additou á prosodia, constituiriam o idioma portuguez no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado em communhão de sciencias com a Europa, e tivessemos adaptado á nossa indole glottica os termos facultativos.

«O seu modo de adjectivar é irreprehensivel; a propriedade do epitheto é n'elle tão original, que a não podemos derivar de Camões nem de Barros. Esplende-lhe do genio; bafeja-lh'a a ironia, o sarcasmo,

o que quer que fosse de mais avançada cultura, em um meio social de mais complicadas paixões. Quem se votasse á agradavel tarefa de colher palavras e phrases nos sermões de Vieira, desenredando-as do sarilho vicioso em que elle as envencilhava, formaria um florilegio, um bastantissimo vocabulario e selecta prosodia para exercicios de primorosa escripta. Porém, com tamanha e variada opulencia de côres, o padre Vieira deleitava-se em pintar a caricatura da eloquencia sagrada.

«Por nos servirmos da sua propria phrase em um sermão, Vieira *acarretava textos das escripturas*, levantava conceitos, *jogava de vocabulos*, tecia engenhosos sophismas, e rematava umas conclusões tão alheias dos principios, que o auditorio pasmava da solercia do orador, como das peripecias imprevistas de uma comedia de Alarcão. Ás vezes, cavillava os argumentos de modo que as conclusões disparavam em absurdidades chocarreiras.

«De assumptos sacratissimos fazia o uso que se exemplifica em um sermão do SS. Sacramento, prégado em 1645. Arma uma palestra meio truanesca, meio philosophica, entre varios personagens em que figura o diabo. Vieira propõe que o inventor da eucharistia foi o diabo. Depois, faz uma barafunda de provas, umas arreadas nas outras, e conclue, que tendo o diabo dito a Eva que, se comesse do pômo prohibido, ficaria igual a Deus, disse a verdade sem querer, porque o pômo era a eucharistia! Os auditorios do padre Vieira, graças á sua fé, resistiriam á

tentação de motejar dos dogmas á imitação do orador.

«Nenhum dos seus sermões inspira calor de piedade communicativa.

«Aquelles transportes são concertados com os tropos; está-se vendo o buril da rhetorica a abrir os relêvos das metaphoras. O coração está frio, o espirito attento, e o sorriso, ás ordens de um desfecho de estalo, de um equivoco, lardeado de empolas, de uma pantomima de vozes jogada entre duas palavras simulcadentes.

«O estudioso da vernaculidade assombra-se, e estuda-o com delicias; o prégador que hoje quizesse imitál-o seria irrisorio. Teve imitadores, que desceram á infima relaxação a oratoria sacra.

«Os sermonarios do seculo XVII, que pejam as livrarias sahidas dos conventos, provam que não ha grau determinado para a baixeza da arte corrompida.»

A romaria de Santa Anna de Oliveira

«É esta uma das popularissimas festas que, apesar da descrença, do despoetisamento das turbas e da apagada e tediosa civilisação, prevalece ainda com algum brilho do seu antigo resplendor.

«Ha quinze annos (em 1848) abalavam-se os espiritos na vespera da festa de Santa Anna de Oliveira. A alvorada d'este dia era uma alvorada de geral

alegria na classe commercial, e nos homens mechanicos da laboriosa cidade.

«Ao repontar a aurora do bello dia de julho, o Douro, que banha o Porto desde o caes da Corticeira até o de Massarellos, retratava em suas aguas serenas e cristallinas as bandeiras e listrões de vistosas côres, que os ultimos bafejos da viração matutina ondulavam brandamente, sobre os mastros dos barquinhos, e na orla dos pavilhões que os defendiam do calor.

«Ao lampejar tremente do sol nas cristas da serra dourada, lá n'aquelles tão poeticos longes das montanhas, começavam as familias a desembocar das estreitas ruas de Miragaia, das arcarias escuras de Cima-do-muro, da magestosa rua de S. João, e de quantos becos descem do antigo burgo, que lá se está esboroando aos pés da cathedral.

. . . . . .

«Tambem do lado d'além, áquella hora, os botes embandeirados recolhiam as sécias de Villa Nova, as trigueiras do Candal, as mocetonas da Bandeira e Santo Ovidio, aquella formosa casta de mulheres, que ainda semelham em alguns dotes as estatuarias mulheres da beira-mar, que tu, leitor, cansado de bellezas pintadas e estofadas, deves ir, uma vez, procurar em Espinho, em Ovar, em Ilhavo, n'aquella raça phenicia, emquanto a mim a menos immaculada de estranho sangue, que ainda se viu na Europa.

«Emquanto ranchos de senhoras, umas de rosa, outras de branco, outras de azul, todas lindas a mais

não poder, saltavam aos barquinhos com grande alarido de guinchos, já de fingido mêdo, já de expansiva e doida alegria, outros botes se iam cogulando de musicos, uns de profissão, outros curiosos. O flautista, no seu barco, gemia as primeiras melodias do seu mavioso instrumento, emquanto a orchestra se não ordenava; além, n'outro barco, o violinista tirava algumas alegres rabecadas, que alvorotavam os animos; n'um barquinho, mais ao longe, já um solitario romeiro fazia como chorar o seu violão, para que a dama prevenida lhe entendesse no som plangente dos bordões a suave tristeza que lhe ia na alma.

«Um moço inquieto, da pôa da sua gondola, assoprava pela trompa uns sons desentoados, que faziam rir as moças.

«Tudo alli sahia bem; tudo agradava a novos e velhos. Os proprios paes consentiam que suas filhas palestrassem dos seus barquinhos para os barquinhos que lhes vinham na alheta, ou vogavam a par, obrigados pela ciosa pujança dos remadores.

«Depois, lá ia rio acima aquella galharda esquadrilha, por uma e outra margem, com suas afinadas musicas.

«De alguns barcos rompiam, a intervallos, duzias de foguetes, que eram grande parte no tumultuoso jubilo d'aquelles felizes.

. . . . . .

Uma pagina de historia patria

. . . . . .

«O imperador resolvêra n'aquelle dia atacar o exercito realista em Villa Nova de Gaia.

«Os voluntarios da rainha não aquinhoaram da gloria da columna de Schwalbach; mas, como vissem hasteada a bandeira bicolor no zimborio do convento dos conegos da Serra, a emulação dos bravos fundiu n'um brado commum de esperança.

«Os timidos e os desesperados viam alli o anjo da victoria n'aquelle dia. O mêdo figurava-lhes triumphos com bem pouco dispendio de vidas.

«As janellas illuminaram-se na noite d'este dia; porém, o enthusiasmo dos cidadãos era para tão pouco e tão pela rama, que, á volta do menor revez, vêl-os-hemos enfardelar os cabedaes para se transferirem ao seguro de mais poderoso exercito, ou soterrarem-se nos reconcavos armazens com os cofres, deixando nas janellas a flammejar o seu «liberalismo» em luminarias de azeite de purgueira.

«Os filhos e netos d'estes cidadãos cautos e ladinos são uns que, hoje em dia, inflam as bochechas e assopram tufões de patriotismo, blasonando com o seu «paladium e baluarte de liberdade», como se tivessem visto as trincheiras do Porto antes de arrasadas pelas granadas, já quando não se arriscavam a mais que resvalar-lhes o pé no pedregulho.»

O contentamento

«Oh! que milagres opéra o contentamento!

«Quantas vezes a imprevista mão de uma mulher sustém uma lousa que já inclina ao peito d'onde o coração sahia em golfos de sangue! Um dever sagrado, a obrigação de viver para amparo de um filho, é tantas vezes o sustentaculo de uma vida desesperada!

«Affectos, ainda menos poderosos, bastam a dilatar o horisonte da vida aos desalentados caminheiros da sepultura. O arraiar de uma esperança, que os alvoroça, como ao fatigado viajeiro do deserto a moita das palmeiras; uma saudade do que foi, rompendo as trévas do futuro, para lá nos accender luz igual á que julgavamos para sempre extincta!...

«Em quão pouco está a vida e a morte!»

Os salteadores em Portugal

«Este nosso Portugal é um paiz em que nem póde ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam á craveira dos ladrões dos outros paizes!

«Todas as vocações morrem de garrote, quando se manifestam e apontam a extraordinarios destinos.

«A Calabria é um desprezado retalho do mundo; mas tem dado salteadores de renome. Toda aquella

Italia, tão rica, tão fertil de pintores, esculptores, maestros, cantores, bailarinas, até em produzir quadrilhas de ladrões a bafejou o seu bom genio!

. . . . . .

«Apenas um salteador noviço vinga destramente os primeiros ensaios n'uma escalada, sáe a campo o administrador com os cabos, o alferes com o destacamento, o jornalismo com as suas lamurias em defeza da propriedade, e a vocação do salteador gorase nas mãos da justiça.

«Faltava o fio electrico para tolher que vinguem os genios espicaçados pelo amor ao dinheiro amuado nas arcas dos proprietarios, inimigos de emprezas industriaes e da circulação monetaria, arteria de primeira ordem na prosperidade de um paiz. Faltava o telegrapho para matar á nascença as iniciativas auspiciosas.

«Apenas lá das povoações serranas desce á villa ou cidade a nova de um roubo, o arame palpita de horror, e a cara do ladrão é para logo lithographada na phantasia de todos os esbirros sertanejos.»

Os presentimentos

«Eu creio cegamente nos presentimentos. Não fallo já d'aquella previdencia dolorosa, de que o espirito se atribula, quando a consciencia nos vaticina a proxima ou tardia expiação de um crime. N'este sentimento, por assim dizer, logico e rigoroso, é o

remorso que magôa, é o castigo que se annuncia por um pavor estranho.

«Quero fallar d'aquelles tremores de dentro, que nos assaltam a alma, derramada nos folguedos de um baile, ou concentrada na meditação de um livro.

«Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.

«Vêde esses espiritos frivolos, essas cabeças ardentes, essas almas cynicas e estereis, esses fortes de sentimentos apaixonados: — ahi está um feixe de espiritualidades confusas, cujo atilho é a dòr.

«Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.

«O sol abrazador, que tisna o sargaço na raiz do penedo da montanha, queima tambem o lirio mimoso de gracioso jardim. É como a dòr presentida no coração do miseravel aconchegado de vermes e andrajos, ou no do homem que ahi vae revendo-se nos listrões prateados da sua libré.

«Não perguntarei ao primeiro se na serie contínua dos seus padecimentos ha um pesadêlo de improvisa amargura, que o surprehenda no abysmo insondavel das suas dòres. É possivel que para esse esteja cerrado o horisonte da esperança; e, então, não ha previsão que lhe infunda o vago terror de uma nova desgraça. Á consciencia do segundo é que aqui se falla.

«Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.

«Pergunta-se á virgem dos dourados sonhos, no

gòso das suas poeticas e innocentes realidades, que nuvem pallida de soffrimento lhe assombrou, um instante, a purpura das faces?

«Pergunta-se ao homem de muito dinheiro, e muitos amigos, se é possivel dar a uma bachanal vinte horas de deliciosa vida, sem a mescla de um palpite doloroso, que é, ás vezes, como o pensamento repentino de uma tragedia, appensa a estes festins?

«Pergunta-se o que é essa tenaz de fogo, que nos entala o coração de uma dòr compressiva, quando um momento antes se nos dilatava este amor do mundo folgazão n'um descuidado sorriso de eterno prazer?

«E a donzella, o mancebo, o rico e o miseravel sentem a necessidade de uma lagrima sem causa, sem definição, para soltar a vida de umas peias pesadas e atrozes!...

«Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.»

A raiva e o ciume na mulher

«É incalculavel o termo onde póde ir com sua raiva a mulher creada entre as regalias de esmerada educação! Nada vingam estas a enfreal-a. É quasi certo que havemos de vêl-a emparelhada com a mulher feita entre as celhas de peixe, quando identica paixão as impulsa.

«O ciume iguala todas as condições. Uma duqueza de Portugal manda vasar fóra os olhos de bonita mulher que seu marido ama, e offerece-lh'os a elle como acepipe na mesa commum do jantar. A peixeira descalça o tamanco, e leva-o á cara da rival que lhe disputa o amante na taverna.»

A Samardan

«Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos. Está situada na provincia transmontana, entre as serras do Mesio e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas de lobos descem á aldeia e sevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancellar as portas dos curraes; á mingua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lugubremente, e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com raposas ou gatos bravos marasmados pelo frio.

«Foi alli que eu me familiarisei com as bestas-feras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me erriçaram os cabellos.

«Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia um fòjo — uma cêrca de muro tosco de calhaus a èsmo, onde se expunha á voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe derreado, rente com os fragoedos, de orelha fina e o focinho a fare-

jar. Assim que dava tento da preza, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo, que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella, escabujando, sobre o espinhaço; porém, transpôr de salto o muro, era-lhe impossivel, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A fera, provavelmente, comprehendia então que fôra lograda; mas, em vez de largar a preza e alliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estupida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a.

«Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu — animal racional — levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

«De uma d'essas vezes, puz sobre uns sargaços a *Arte* do Padre Antonio Pereira, da qual eu andava decorando todo o latim que esqueci; marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltára a fera, e, posto ás cavalleiras do muro, gastei a polvora e chumbo que levava granisando o lobo, que raivava dentro do fòjo, atirando-se contra os angulos asperrimos do muro.

«Desci para deixar o lobo morrer socegadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de me retirar, espreitei-o por entre a junctura de duas pedras. Andava elle passeando na circumferencia do fòjo com uns ares burguezes e sadios de um sujeito que faz o chylo de meia ovelha. Depois, sentou-se á beira da

restante metade da rez; e, quando eu cuidava que elle ia morrer ao pé da victima, acabou de a comer.

«É forçoso que eu não tenha algum amor proprio para confessar que lhe não metti um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei.

«As minhas balas de chumbo n'aquelle tempo eram inoffensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas-feras.»

Partida da mulher amada

. . . . . .

«Que alma de poeta soffreu já ahi cruz de saudade tão dolorosa? Que lagrimas se seccaram n'aquellas penedias broncas!

«O desventurado lançou-se por terra, e escondeu a face nas urzes.

«As tuas lagrimas, ó traspassada alma, podia vêl-as o céo, que eram puras!

«Elles lá vão.

«Ninguem mais fallará de ti, pobre solitario das montanhas!

«Vae chorar á margem d'esses regatos! As flôres silvestres te dirão que as lagrimas de Balbina as fizeram reviçar em suas hastes resequidas. Afaga esse cão que lhe lambia as mãos. Ahi tens a rez que se aninhava no regaço d'ella.

«Longo tempo chorarás, amante christão; e o suicidio nunca te ha de lembrar; a luz do facho ci-

vilisador nunca te mostrará o boqueirão da caverna onde se abysmam os covardes!

«Ella lá vae!...

«Se alguma vez a vires, dirás comtigo:

«— Parecia-se com esta fidalga uma pastorinha que eu amei, e ainda agora amo, nas minhas serras do Laboreiro!»

Os beijos

«Sou tão avêsso, e tamanho asco tenho a beijos, como aquelle frade da mesa censoria, que mandava riscar *beijo*, e escrever *osculo*. Os theologos casuistas, e nomeadamente S. Affonso Maria de Ligorio, conjuram unanimes contra o beijo, inscrevendo-o no catalogo das deshonestidades.

«Não digo tanto. Entendo que beijo póde ser acto innocente, mas não póde ser nunca limpo e aceado. É um contacto de extrema materialidade, com toda a sua grosseria corporea.

«Não sei quando se deram os primeiros beijos no mundo. Aquelles de que falla a Biblia significavam quasi sempre desenvoltura. Nos amores de Sara, de Rachel, de Ruth e de outras creaturas santificadas não se mencionam beijos. Os irmãos de Joseph, quando o venderam aos medianitas, beijaram-o. Judas Escariotes, quando malsinou Jesus, beijou-o.

«Não tenho dos livros primordiaes mais agradaveis reminiscencias de beijos.

«Nos poetas gregos e latinos sei eu que elles symbolisavam muita podridão moral de Lais, de Lesbias, de Frinéas, de Marcias e de Claudias. Um dos poetas coevos d'ellas disse que os proprios deuses de marmore se anojavam de taes labios.

«A reforma christã caminhou e irá indo sempre ladeada do paganismo. Permanecem os beijos: a impureza de muitos não tem inveja á de Roma. E como os idolos se baquearam, ha imagens de santos para os mesmos labios, que automaticamente se regelam, no pau, dos brazumes da carnalidade.

«Magdalena beijou os pés de Christo; mas primeiro lh'os lavou de lagrimas. Tambem Martha lh'os beijou; mas primeiro lh'os perfumou com incenso, em que vaporava o melhor de seus haveres.

«O beijo, após as lagrimas e o incenso, era um pacto da alma contricta com o seu regenerador.

«Magdalena, depois d'aquelle osculo, penitenciou-se quarenta annos nas brenhas do deserto.

«Mas estes beijos de sôffrega ancia, sahidos, como dizem, em faiscas do coração, afiguram-se-me golfos de peçonha que arrevessa a cobra cascavel. . . »

Saudade!

«Saudade! O teu manto estende uma dobra sobre as cans do pae, que crava olhos de lagrimas nos horisontes do mar por onde viu fugir-lhe o filho em busca de haveres e ambição; outra sobre as rosas,

que desfolhaste da face da donzella, que regaria de pranto a longitude que a separa de um ente que lhe é caro; outra no soffrer incomprehensivel da esposa, que se arrasta ás filas de uma hoste de sangue, onde o consorte barateia a vida em leilão de caprichos dos grandes!

«Saudade do tumulo, em noite de cemiterio, em coração d'amigo, que chora a pêrda de outro — tu és terrivel, pesada, e atraiçòas a suavidade de teu nome!»

A quadrilha de Luiz Meirinho

. . . . . .

«N'aquelle tempo, Famalicão, ás 9 horas de uma noite de novembro, negrejava silenciosa e rodeada de pinheiraes e carvalheiras. Aquelles palacetes brazonados com seus titulares campeiam hoje onde então rebalsavam extensos nateiros de lama, a espaços habitados por cabaneiros.

«A quadrilha de Luiz Meirinho podia manobrar sem temor e desassombradamente no centro da villa como nas Rodas do Marão.

«Em uma d'essas noites, o chefe, com uma duzia de escolhidos, entrou na Cangosta de Enxiras, onde morava Bento de Araujo. Elle, com mais dois, acercaram-se da porta; os outros postaram-se de atalaias nas extremidades da viella.

«O pedreiro estava ainda sentado á lareira. Desde

que lhe disseram que o filho pernoitava ás vezes em casa do Meirinho, velava até ser dia claro! O receio de ser assaltado era tamanho, que já tres vezes, em noites tempestuosas, gritára á d'el-rei. Os visinhos, á primeira, acudiram, vozeando das janellas com invulneravel intrepidez, e viram d'essa feita que um porco vadio, attrahido talvez pelo cheiro de possilga, fossava contra a porta de Bento. Depois, ainda que elle gritasse, ninguem se mexia, attribuindo ao porco as aggressões incommodas ao avarento.

«Foi o que aconteceu n'aquella noite de novembro.

«O pedreiro sentiu o abeirar-se gente da sua porta, e deu tento do raspar de ferro entre a hombreira e o batente. Gritou; mas parecia já gritar com os colmilhos apertados. A lingua da fechadura estalou, e a porta foi diante de dois possantes hombros, tão rapidamente que os homens, como duas catapultas, entraram de roldão, e só pararam filando-se á garganta do velho empedrado.

«Por entre elles, e á luz do canhoto que flamejava, o pedreiro viu lampejar o aço de uma navalha, e ouviu, atravez dos lenços com que os hospedes cobriam as caras, uma voz disfarçada:

«— Se grita, vossê morre aqui já. Se quer viver, entregue as tres mil peças que herdou, e ande depressa. Não nos conte lérias, nem faça lamurias. É decidir: o dinheiro ou a vida.

«Bento erguêra as mãos supplicantes, e pedira soluçante que o não matassem.

«— Onde estão as tres mil peças? — perguntou o Meirinho.

«— As tres mil peças?! — gaguejou o velho, como tolamente espantado de que lhe perguntassem por tres mil peças, não tendo elle de seu tres moedas de seis vintens.

«— Mate-se este diabo! — accrescentou o Meirinho — e vamos levantar o soalho.

«— Eu não tenho aqui o dinheiro, meus senhores... — acudiu o pedreiro, desfeito em lagrimas.

«— Então, onde o tem vossê?

«— Enterrei-o debaixo de uma fraga...

«— Perto d'aqui? Avie-se.

«— Não, senhor, muito perto não é. São tres quartos de legua... em Vermoim.

«— Bem — concluiu o capitão. — Salte para diante de nós, e venha desenterrar o dinheiro. Mexa-se!...

«O homem sentiu certos allivios n'esta mudança de situação, como se expôr a vida, salvando o dinheiro, lhe fosse uma consideravel melhoria de fortuna.

«A malta, precedida do velho, embrenhou-se nos mattos, atravessou o outeiro que toca nas faldas da serra de Vermoim, e por S. Cosme do Valle trepou ao espinhaço de penhascos que lá chamam o *castello*.

«— Vossê não vá afflicto — dizia-lhe o Meirinho — porque ha de ter o seu quinhão com que póde

viver regaladamente. O necessario não se lhe tira: nós o que queremos é o que lhe sobeja. Somos honrados ou não, seu velhote?

«E dava-lhe palmadas nos hombros.

«— Sim, senhor — dizia o Bento.

«E recolhia-se a scismar na situação perigosa em que se via, e no modo de a conjurar.

«— Ande depressinha — tornava o chefe, empurrando-o brandamente.

«— Será bom ajudál-o com alguns pontapés — alvitrava outro, receando que a manhã lhes viesse tolher a empreza.

«Chegados ao cabêço da serra, espigado de rochas, disse o Meirinho:

«— Cá estamos. Onde é a fraga?

«— Não enxergo bem... Só quando fôr dia é que eu conheço o sitio — respondeu Bento.

«— Têmol-as arranjadas... — tornou o Meirinho com um sorriso agoireiro de más coisas. — Ó Freiamunde, petisca lume, e faze ahi um archote de codêços para este tio vêr onde está o *arame*.

«— Parece-me que o melhor seria alumiál-o com a luz da polvora... — observou Freiamunde, bebendo alguns tragos de aguardente de uma cabaça que trazia a tiracollo. — Quer lá, capitão? Se lhe parece, dou dois goles ao velho, como se faz aos perús...

«— Tio Bento — insistiu Luiz Meirinho, — vossê acha a pedra ou não acha? O dinheiro ficará enterrado; mas vossê tambem fica de papo para o

ar á espera que o enterrem. Veja lá no que ficamos; lembre-se que está tratando com homens de palavra.

«No entretanto, um da companhia petiscára fogo, e communicára o lume da mecha á manada de fetos seccos, apanhados debaixo de uma rocha que figurava um dolmen.

«— Alli tem lume que farte — disse Luiz. — Veja lá agora qual é a pedra, tio Bento.

«— Parece-me que é aquella... — respondeu elle a tiritar, já convencido de que estava chegado ás ultimas.

«— Parece-lhe, ou é? — instou raivoso o Meirinho. — Ande. Mostre lá o sitio. Ó Zé Landim, se fôr preciso desenterrar o morto, serve-te da tua faca. Patrão, estamos ás suas ordens. Diga lá onde quer que se cave; a cova ha de fazer-se, ou para sahir o dinheiro, ou para entrar vossê.

«Bento cahira sobre os joelhos como ferido de subita apoplexia, e começou a gaguejar uns sons inintelligiveis.

«— Este alma de dez diabos que está a mastigar? — disse Freiamunde.

«N'este momento o pae de Joaquim cahiu de borco, batendo com a face na pedra; e, quando dois homens o levantaram de repellão e o viram á luz dos fetos, estava morto.»

O suicida

«Lamentae o suicida, porque a sua ultima hora foi uma lucta horrivel entre a desesperação, a incerteza, e, talvez, a saudade.

«Ao vêr-se pobre no mundo, considerou-se o homem sem vida social; mas a vida physica, onde as frechas do desprezo lhe rasgavam até o coração, era-lhe uma algema insoffrivel a manietal-o ao poste da vergonha.

«Feliz pelo destino, ou desgraçado pela fatalidade, o Lucifer, despenhado d'este céo da terra, que a impiedade lhe deu, optou pelo tumulo entre duas ideias: pobreza e impotencia.

«Impotente para vencer a sociedade que lhe não restituia o seu ouro, o desesperado, aborrecendo a morte tanto como a vida, crava-se um punhal, que nem elle sabe se o vinga dos homens, se o deita no tumulo, se o sacrifica á justiça de Deus.

«O atheu pensára longas horas antes de erguer-se o patibulo; mas, nos seus ultimos instantes, não era philosopho: era um algòz.

«A desesperação enervára-lhe o entendimento e robustecêra-lhe o braço.

«O cutello, no braço do algòz, não tem nada com o espirito.

«Um e outro são machinas de morte.»

Os cemiterios

«Amo, desde a infancia, os cemiterios, e envelheci a amál-os. Conheço as sepulturas de todas as povoações em que tenho vivido. Sei de cór os epitaphios mais pungitivos: ainda bem que se me deliram da memoria alguns que seriam estimulo a riso, se me não occorresse logo a ideia que toda a dôr, bem ou mal exprimida, é sacratissima sempre.»

*

«Triste berço embalou a minha poesia — um tumulo! Como não ha de sahir ella enfesada e para pouca vida!»

*

«Quando um raio de sol me honra a mesa do trabalho, abro mão de tudo, deixo cahir do pensamento a mascara violenta da alegria, e vou pressuroso para o cemiterio do Prado, como os felizes do mundo vão para um baile....

. . . . . .

«E o cemiterio do Prado, no Porto, é de quantos conheço o mais ajustado ao meu gosto. Ha n'elle sepulturas, que eu visito ha treze annos.

«As cinzas de algumas sei eu que já foram formosura, graças, talento, paixões, virtudes, e exemplos do bem, e exemplos para fugir do mal.

«As cinzas d'outras não sei o que foram, e, comtudo, parece que ha treze annos me conhecem, e me

dão em cada estio uma flôr murcha, que eu não ousaria cortar-lh'a em viço na primavera.»

Ultima nota do rapsodista. — Concluí. Acabei pelo fim — o cemiterio. Camillo Castello Branco, que tanto amava o cemiterio do Prado do Repouso, procurando a Morte, na sua casa de S. Miguel de Seide, a 1 de junho de 1890, veio, por assim o haver desejado, para o cemiterio da Lapa. Alli estão guardadas as suas cinzas em uma catacumba do jazigo da familia Freitas Fortuna. Sob uma corôa de visconde lê-se apenas o nome do glorioso romancista:

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Até quando jazerão alli? Quando será que a Patria salde a sua divida para com um dos mais eminentes e mais notaveis escriptores portuguezes do seculo decimo nono?...

INDICE

(POR ORDEM ALPHABETICA)

	Pag.
Afflicções de um cardeal	124
Aldeias (As) do Minho	52
Alexandre Braga e Soares de Passos	50
«Alma negra» (O)	141
Almeida Garrett	17
Amigo (Um) de Garrett — Gomes d'Amorim	21
Anedocta (Uma) de Camillo	146
Annel (O) da benção	85
Antigo (O) janota	58
Antonio Joaquim Xavier Pacheco	55
Arthur Napoleão	72
Athanazio (O) de hontem e o Athanazio de hoje	43
Beijos (Os)	186
Bispo (O) de Vizeu	60
Bom Jesus do Monte	161
«Brilhantes (Os) do brazileiro»	16
Burro (O)	41
Caixeiros (Os)	46
Camillo em horas de desalento	172
Camillo e o seu fiel companheiro	1
Camillo e os jesuitas	3
Camillo e Taborda	11

Pag.
Caridade (A) 128
Caridade (A) de D. João IV 9
Carnaval (O) — Bailes de mascaras 24
Cartas de Camillo Castello Branco a Joaquim Martins de Carvalho, de Coimbra . . . 108
Carteira (A) de um suicida 96
Castello (O) da Foz 41
Catão, o virtuoso 72
Cemiterios (Os) 194
Centenario (O) pombalino 4
Chalaças, estanques e tabacarias 75
Cidade (A) do Porto 30
Civilisação (A) 44
Comesanas politicas 28
Como ella o amava! 110
Commoções populares 12
Contentamento (O) 179
Convento (O) de Mafra 125
Creação (A) do mundo 48
Custodio (Dr.) José Vieira 81
Denominação errada — O Principe «perfeito» 140
Diogo (Fr.) da Assumpção 77
Dotes (Os) 55
Entre conjuges — Singular assassinio . . . 93
Escriptores 24
Excerptos 57
Fidalguias... antidiluvianas 27
Formosura das portuenses 63
Francisco Eduardo — O poeta da musica . . 87
Gaia — O Candal 29
Galopins eleitoraes 51
Garrett, Camillo e a pronuncia bracarense . 92
Gil Vicente... ourives 169
Gosto (O) litterario do Porto 37
Guarda-livros e poeta 7

Pag.
Historia da egreja de N. Senhora da Lapa . 104
Homem (Um) sem sorte 152
Honestidade 23
Hospedaria (A) do Estanislau 37
Impressões do Mestre 16
Inerte (O) 20
Influencia do alfaiate sobre o intellecto . . 164
Ingratidão (A) humana 22
Janeiras (As) 56
Jantares (Os) do Forrester 82
Jardim (O) de S. Lazaro 11
João Pedro Ribeiro 40
Jogo (O) 44
Liberdade (A) 12
Lindos titulos 94
Lomar 81
Maias (As) 39
Mantilhas (As) 46
Medicina da alma 167
Mesa (A) mysteriosa 136
Misericordia (A) de Braga 69
Monarchas... musicos 158
Monumento a Garrett 9
Morte de um lobo 148
Mulher (A) 170
Mulheres (As) da Maia 151
Musas (As) do Douro 35
Namoros (Os) 45
Necrologistas (Os) 25
Noticiario (O) 161
Origem e antiguidade do Castello da Foz . . 66
Pagina (Uma) de historia patria 178
Palheiro (O) 76
Partida da mulher amada 185
Pensamentos de Camillo 88

Pag.
Pharmaceutico, regedor e poeta 50
Poesia e amor 131
Poetas novos e poetas velhos 61
Præceptor infeliz 89
PREFACIO IX
Presentimentos (Os) 180
Primeira (A) albergaria 10
Primeiro (O) prosador do Porto 9
Quadrilha (A) de Luiz Meirinho 188
Qual o melhor diccionario? 15
Raiva (A) e o ciume na mulher 182
Rebates de consciencia 64
Regedores (Os) e os porcos 70
Romances (Os) 30
Romaria (A) de Santa Anna de Oliveira . . 175
Rua (A) Escura 8
Saldo (Um) de contas 158
Salteadores (Os) em Portugal 179
Samardan (A) 183
Sanguinarios santos! 147
Santo Antonio, S. João e S. Pedro 19
Saudade! 187
Sentenças latinas 49
Sermões (Os) do padre Antonio Vieira . . 173
Suicida (O) 193
Supplicio da marqueza de Tavora 165
Tempo (O) na aldeia 6
Thomaz (A) Ribeiro 27
Tripas — Peixe frito no Reimão 22
Varias noticias do Porto antigo 35
Viação . . . vagarosa 12
Vida (A) intima 167
Vinho (O) do Porto 79

BINDING SECT. NOV 25 1968

PQ
9261
C3A16
1905

Castello Branco, Camillo
Rapsodia Camilliana

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 04 009 3